

SIMONE BECKER

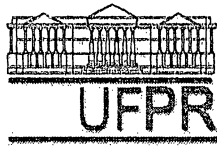
**HONRAS & ESTRATÉGIAS: FORMAS DE
SER MULHER NO BAIRRO DAS FLORES**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em Antropo-
logia Social, da Universidade Federal do
Paraná.**

Orientadora: Miriam Furtado Hartung

CURITIBA

DEZEMBRO 2002



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA SOCIAL

18ª Ata da Sessão Pública de Arguição, de Defesa da Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Ao décimo segundo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dois, às dezesseis horas, na sala seiscentos e dezessete do Edifício D. Pedro I, no Departamento de Antropologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a Comissão Examinadora designada para arguir a Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da candidata Simone Becker intitulada "Honras & Estratégias: formas de ser mulher no bairro das Flores". Esta Comissão foi presidida pela Orientadora Professora Doutora Miriam Furtado Hartung e integrada pelos Professores Doutores Miriam Pillar Grossi – UFSC e Marcos Pazzanese Duarte Lanna. Aberta a sessão pela Professora Presidente, foi a candidata convidada a apresentar prova de conclusão das disciplinas constantes do plano curricular do Mestrado em Antropologia Social, o que realizou apresentando o histórico escolar assinado pela Coordenadora do PPGAS-UFPR. A seguir, a Senhora Presidente concedeu a palavra à candidata para apresentar breve resumo oral de sua dissertação, o que foi feito. Em seguida, concedeu a palavra à primeira examinadora, Professora Doutora Miriam Grossi, que realizou sua arguição sendo concedido à candidata igual tempo para as respostas. Da mesma maneira, foi concedida a palavra ao segundo examinador Professor Doutor Marcos Lanna, sendo procedido do mesmo modo. Encerradas as arguições, os Membros da Comissão Examinadora emitiram o seguinte parecer final: Os Membros da Comissão Examinadora, designada para realizar a arguição da Dissertação apresentada pela candidata Simone Becker, com o título "Honras & Estratégias: formas de ser mulher no bairro das Flores", após haver realizado atribuição de notas são de parecer pela ~~aprovada~~..... com conceito ~~A~~....., sendo-lhe conferidos os 30 créditos previstos na regulamentação do Curso de Pós – Graduação em Antropologia Social, completando assim, todos os requisitos necessários para receber o grau de Mestre. Face os termos do parecer, a Senhora Presidente declarou ~~aprovada~~..... a candidata, estando pois a mesma em condições de receber o grau e o diploma de Mestre. Nada mais havendo a tratar a Senhora Presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Vera Maria Fróes da Motta, lavrei a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Professora Doutora Miriam Furtado Hartung
Presidente

Profª Drª Miriam Pillar Grossi
1ª Examinadora

Prof. Dr Marcos Pazzanese Duarte Lanna
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço aos moradores do bairro das Flores por terem permitido, não apenas que eu viesse a conviver entre eles, mas por terem me ensinado lições que somente são passíveis de apreensão com a vivência, ou ainda, com a coragem de *experenciar* quaisquer circunstâncias adversas, aliando para isso, de um lado, a razão, e, de outro, a emoção.

Aos meus pais, aos meus irmãos (Clara, Ricardo e Rubinho), aos meus cunhados (Nei, Carmem e Noeli) e aos meus sobrinhos (Gabriel e Giovanna) pelo amor, pelo carinho, pela paciência e pelo apoio irrestritos, sobretudo nos momentos em que estive completamente ausente.

Aos professores e mestres do departamento de Antropologia da UFPR – Christine de Alencar Chaves, Ciméa Bevilaqua, Edilene Coffaci de Lima, Marcos P. D. Lanna, Rosângela Digiovanni, Sandra J. Stoll, Selma Baptista, Márcia Kersten e Carlos Balhana – pela atenção sempre despendida em relação a minha pesquisa.

Agradeço às críticas e às orientações feitas pela banca de qualificação composta pelos professores Márnio Teixeira-Pinto e Marcos Lanna, que foram imprescindíveis para a concretização desta versão final.

À professora Ciméa Bevilaqua por ter-me mostrado em suas aulas que o presente trabalho era viável, bem como por ter-me feito *encantar* pela Antropologia.

À professora Miriam P. Grossi não apenas por ter-me ensinado (alfabetizado) acerca das relações de gênero, mas sobretudo, por ter-me mostrado ser possível aliar com competência, a militância e a academia, em questões tão delicadas como as de violência nas relações de gênero.

Aos membros do núcleo de estudos de gênero da UFPR, orientado pelas professoras Ana Paula V. Martins e Miriam Adelman.

Ao professor Caetano Galindo pelas revisões feitas no meu trabalho.

À Laura e à Vera pelo apoio profissional.

Aos amigos Pedro, Tuca, Fani e Osvanir de Andrade, pelo companheirismo, pelo colo e pelo carinho que sempre dedicaram à minha pessoa.

Aos colegas de mestrado – João F. Rickli, Jurandir de Souza, Daniella Munhoz, Valdirene Ganz, Adriana Albernaz, Alessandra Stremel, Márcia Ribeiro, Joachim Andrade, José Maria Trajano, Valéria Oliveira, Maria Cristina Heck, Maria Isabel Malinowski e Leticia Rothen – pelo apoio na elaboração deste trabalho. Aos amigos João e Adriana, agradeço ao companheirismo que despenderam nos momentos em que os meus problemas pessoais foram torturantes e angustiantes.

Aos colegas e profissionais que tanto admiro – João Valentin Wawzyniak, José Glebson Vieira, Eduardo David de Oliveira e Bernardette Grossi dos Santos – , pela atenção e pelas trocas ao longo destes meses.

À Valéria Mombach agradeço pelo carinho, atenção, mas, sobretudo, por ter-me ensinado que se *querer não é poder*, ao menos sonhar é possível. Se estes sonhos por nós desejados se tornarão ou não realidade, da maneira como foram sonhados, pouco importa frente ao caminho trilhado.

Aos amigos da corrente, da assistência e às entidades do centro Caminheiros da Paz, por terem acreditado não apenas na Simone profissional, mas na Simone *ser humano* que talvez valha mais a pena.

À Monique Hornhardt dedico este trabalho e agradeço por ter acreditado na minha conversão do Direito para a Antropologia e, sobretudo, pelo companheirismo quase sempre incondicional, mesmo que isto lhe trouxesse tristeza. Espero que esta versão final do trabalho a agrade, pois foi feita – no mínimo – com muito coração. Aliás, se hoje minha razão mescla-se com a emoção, também agradeço à você, Monique.

Agradeço à professora, mestre e orientadora Miriam Hartung, pela paciência, pelo zelo, pelo conhecimento e pela atenção dedicados à minha pessoa. Se hoje o resultado deste trabalho me agrada e me realiza, é, sem dúvida, graças à orientação que recebi durante estes vinte e um meses. Palavras como profissionalismo, competência e respeito sofreram re-significações ao longo da minha convivência com você, Miriam Hartung, pois são marcas do seu *ser humano*.

Finalmente, agradeço à CAPES, instituição que não apenas financiou minha pesquisa, mas que confiou no meu potencial.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS	9
CAPÍTULO 2 - O BAIRRO DAS FLORES.....	17
2.1 ARAUCÁRIA: A TERRA QUE PERTENCEU AOS TINGÜIS E RECEBEU OS COLONOS POLACOS.....	17
2.2 O BAIRRO, "VILA" OU "MORADIAS" DAS FLORES: UM "GRUPO POPULAR" DE "TRABALHADORES POBRES" E "MORADORES DA PERIFERIA"	26
CAPÍTULO 3 - UMA QUESTÃO DE HONRA.....	41
3.1 VIRILIDADE, CORAGEM E PROTEÇÃO: A TRIÁDE DA HONRA MASCULINA NO BAIRRO DAS FLORES	44
3.1.1 Entre Malandros e Provedores: a Construção de Homens Ideais e Reais.....	52
3.2 AS SOLTEIRAS, AS CASADAS E AS VIÚVAS: OS TRÊS PARADIGMAS DA HONRA FEMININA	55
3.3 AS LARGADAS OU ABANDONADAS: O ESTIGMA DA DESONRA FEMININA.....	63
3.3.1 As Largadas e a "Noiva sem Cabeça".....	65
3.3.2 A Importância do Nome e da sua Transmissão para a Honra Feminina	73
3.3.3 Dos Insultos Verbais e das Categorias Animais.....	77
3.4 AS RELAÇÕES ENTRE AS HONRAS FEMININA E MASCULINA, E SUAS RESPECTIVAS DESONRAS	82
CAPÍTULO 4 - AS ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA ENTRE OS MORADORES DO BAIRRO DAS FLORES	86
4.1 O COMPADRIO ESTABELECIDO ATRAVÉS DA 1.ª COMUNHÃO	90
4.1.1 Do Compadrio no bairro das Flores:.....	91
4.1.2 O Compadrio como Encobrimento de Relações Incestuosas	99
4.2 O ESPAÇO DO BAR NO BAIRRO DAS FLORES	102

4.2.1 O Bar de Cleide & Danilo.....	103
4.2.2 Do Bar de Maria e Seu Caderno de Fiados	105
4.2.3 Algumas Análises Comparativas entre o Bar de Cleide e o de Maria.....	109
4.3 A PENSÃO ALIMENTÍCIA: UM DIREITO EXIGIDO PARA OS FILHOS?.....	115
4.4 A SIMPATIA E SEDUÇÃO DO SANGUE MENSTRUAL.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	125
ANEXOS	131

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o código de inserção e aceitação social (ou honra) dos moradores do Bairro das Flores-Periferia de Araucária, PR. Tal conhecimento é essencial para se entender quer as diferentes formas de ser mulher-casada, largada, solteira, viúva –, quer as estratégias por elas utilizadas para se deslocar entre essas categorias. Além de a honra feminina vincular-se à presença masculina, seja através do casamento, seja por meio da existência de uma memória de pertença vertical, ela também ancora-se no recato (ou comportamento omissivo/passivo) das mulheres. A honra masculina, por sua vez, solidifica-se pela valentia e poder de conquista, ou ainda pela eficaz utilização de suas duas máquinas, a saber: o revólver ou outro utensílio de briga e o pênis. *Per se* a construção de ambas as honras é conflituosa, pois se, por um lado, o homem se reafirma pela proteção de sua mulher e pela conquista de outras, por outro, a mulher deseja ser possuída e possuir um homem-além de manter a memória de sua ascendência. Da infidelidade masculina, por exemplo, emergem estratégias femininas que possibilitam diferentes formas de convivência entre as mulheres, sempre temerosas frente à separação e à marginalização social.

ABSTRACT

This dissertation has focused in understanding the code of social insertion and inclusion (or honor) of the people in Bairro das Flores (close to Araucária, PR). This point precedes the understanding of the different ways of being a woman: married, abandoned, single, and widow, as well as the strategies they employ to move between those categories. Beyond being linked to the presence of a man (through wedding or the existence of a memory of vertical belonging), female honor can be grounded on coyness (omissive/ passive behavior). Male honor, in its turn, lives on courage and seduction power or, still, on the proper use of the two machines, i.e.: the gun, or any other weapon, and the penis. *Per se* the building of both honors is contradictory; for if, on the one hand, the man restates himself in the protection he offers to his woman and in wooing others, on the other hand, the woman craves to be possessed and to possess a man besides keeping the memory of her origins. From male infidelity, for instance, emerge female strategies that make possible the several ways of living near to other women, always dreading to be abandoned and, therefore, socially excluded.

APRESENTAÇÃO

Os caminhos que me levaram à Antropologia

Antes de conhecer a antropologia, dedicava-me exclusivamente à prática jurídica. Durante os cinco anos em que advoguei na área de família, construí uma concepção de mundo recorrente na realidade legal. Do pouco diálogo interdisciplinar decorriam algumas das minhas perguntas: não entendia, por exemplo, como existiam mulheres em processos de separação litigiosa¹ ou consensual que, na condição de desempregadas, brigavam pela guarda dos filhos, mesmo sabendo que se essas crianças permanecessem com o pai os dissabores femininos de ordem financeira ou afetiva seriam menores, sobretudo com a promulgação da Constituição Federal² de 1988, que igualou homens e mulheres em todos os âmbitos da vida³, possibilitando o deferimento da guarda de filhos menores para o pai e não necessariamente para a mãe, como até então ocorria.

¹Termo comum no Direito para designar os processos em que há uma separação conflituosa entre os cônjuges. Diferentemente das separações consensuais, onde há acordo e consenso entre os cônjuges.

²Faço referência à Constituição Federal por ser a lei máxima do país, fazendo com que todas as demais legislações venham a se coadunar com o seu texto.

³Segundo José Afonso da Silva (1994, p.212):

Não se trata aí de mera isonomia formal. Não é igualdade perante a lei, mas igualdade em direitos e obrigações (...) Aqui a igualdade não é apenas no confronto marido e mulher. Não se trata apenas da igualdade no lar e na família. Abrange também essa situação, que, no entanto, recebeu formulação específica do artigo 226, parágrafo 5.º: "os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher". Vale dizer: nenhum pode mais ser considerado cabeça do casal, ficando revogados todos os dispositivos da legislação ordinária que outorgava primazia ao homem.

Ao estreitar contato com a Antropologia⁴, fui percebendo que o aspecto legal ou o campo de conhecimento jurídico (BOURDIEU, 2001, p.120) era apenas mais um dentre outros tantos possíveis. Constatei que muitas das práticas matrimoniais vividas à margem da lei, como as das mulheres que coabitam com homens não separados legalmente, são práticas representadas por atores que nelas entram por vontade própria: algo óbvio, mas corriqueiramente menosprezado pelo Poder Judiciário, que em prol da aplicação pura e simples da lei ao caso concreto não observa que existem lógicas diferentes e particulares que compõem esses casos. Como exemplo, basta supor que um homem separado de fato, mas não judicialmente, da esposa com a qual casou “no papel”⁵ venha a morrer deixando qualquer patrimônio a ser partilhado. Por mais que essa esposa há anos tenha perdido contato com esse ex-marido de fato, e ainda marido no papel, as leis 8971/94 e 9278/96 a consideram herdeira, relegando a segundo plano a mulher que efetivamente o ajudou a adquirir os bens inventariados, e que ao seu lado conviveu.

Em síntese, as decisões judiciais não levam em consideração que em muitos “grupos populares”, o casamento no papel tem o mesmo valor daquele formalizado pela coabitação, e que, por conseguinte, a separação de fato se equipara nesses contextos sociais às separações realizadas perante o juiz e o promotor. Aplica-se na prática forense o prescrito nas legislações civis, retirando de várias mulheres o direito ao uso de um patrimônio que por elas – também – foi construído.

Motivada pela perspectiva de desenvolver uma pesquisa etnográfica, visitei o bairro das Flores⁶ por intermédio da informante Maria⁷ (31 anos, “largada”,

⁴Conheci a antropologia através de duas etnografias. “A Família como Espelho” (1996) de Cynthia Sarti, e “Os Herdeiros da Terra” (1978) de Maria Margarida Moura. Além de ter sido aluna na disciplina Antropologia I (UFPR).

⁵Todos os termos que aparecerem entre aspas e em itálico no decorrer do texto, dizem respeito a termos nativos. Assim estarão grafados apenas na 1ª vez em que forem mencionados. Por outro lado, todos os termos que aparecerem entre aspas referem-se a citações e/ou remissões de outros autores. Da mesma forma que ocorre com os termos nativos, as citações e/ou remissões podem aparecer sem as aspas após a primeira alusão. Quanto aos termos sublinhados/grifados, eles se referem a palavras postas em evidência.

⁶Este bairro se situa na periferia de Araucária, um município contíguo à Curitiba. Adianto que tanto o nome do bairro quanto os dos informantes são fictícios, pois optei pelo resguardo da

comerciante). Essa ex-cliente⁸ aproveitava as consultas jurídicas para falar comigo sobre as suas histórias com o ex-marido Juca (36 anos, casado, catador de papel).

Os desabafos de Maria e de outras moradoras do bairro das Flores, bem como a pergunta que todas me faziam a respeito da minha situação conjugal, apontavam para a importância do casamento para aquelas mulheres. A importância do casamento nesse local, perceptível na maneira como as moradoras se vêem e são vistas – “casadas” e “não-casadas”, esta última categoria desdobrando-se em “solteira”, “largada”⁹ e “viúva” –, ajudou-me a elaborar o projeto inicial desse trabalho, que se intitulava :“As mulheres dizem não à igualdade constitucional, buscando um homem que seja o cabeça do casal”. Minha proposta central era comparar a realidade legal brasileira – que igualara os cônjuges, revogando a figura do “chefe de família” ou “cabeça do casal” – com a realidade empírica do bairro das Flores, onde as mulheres têm como ideal de vida, o casamento com um homem que figure enquanto provedor, o que lhes permitiria não mais trabalhar fora.

Seguindo Dumont (1985) ao definir Mauss como um teórico “que se voltara para o concreto, que aprendera ser somente em contato estreito com os dados que a sociologia pode progredir”(p.179), percebi que no bairro das Flores as questões jurídicas eram pouco citadas, e que, quando citadas, não fomentavam discussões a respeito da igualdade entre homens e mulheres, assunto que inicialmente gostaria de explorar. Isso era devido ao desejo expresso das moradoras desse “grupo popular”¹⁰ de alçar à condição de casadas, para permanecerem de preferência como

privacidade dos moradores. Nos debates sobre a questão da privacidade, o livro de Vagner Gonçalves Silva (2000) , “O antropólogo e sua magia”, esmiuça de maneira proveitosa e interessante como a etnografia por vezes transforma o informante em figura caricata ou mesmo em um mero fantasma, perdido no meio de teorizações produzidas a partir da experiência de campo.

⁷Farei remissão à qualificação dos informantes e/ou personagens apenas na primeira menção de cada capítulo.

⁸Maria me contratou para representá-la em uma reclamatória (ou demanda) trabalhista.

⁹As “largadas” também são vistas enquanto “abandonadas, separadas e mães solteiras”.

¹⁰No 2.º capítulo detalharei algumas discussões teóricas acerca do termo “grupo(s) popular(es)”.

“donas do lar”. Assim, traçar um paralelo da conjugalidade e dos papéis de gênero entre as esferas legal e empírica seria suprir demandas pessoais e não dos moradores do bairro.

Motivada por essa concepção “etnocêntrica” inicial, redirecionei a pesquisa para o estudo sobre a importância do casamento para as mulheres locais, pois essa era a questão que ocupava parte significativa da vida do bairro. Para tanto, fez-se necessário compreender: 1) as diferentes formas (categorias) de ser mulher no bairro das Flores; e 2) os elementos constitutivos das honras feminina e masculina ou, como prefiro, o código (ideais e práticas) de aceitação ou reconhecimento de homens e mulheres no referido bairro.

Em termos gerais, nesse lugar as casadas buscam manter seus maridos; as solteiras procuram namorados para se casar; as “*abandonadas*” ou “*largadas*” pretendem retornar ou alçar-se à condição de casadas; as “*viúvas fogosas*” investem em um novo casamento, e as viúvas, simplesmente conhecidas como “*não-mulheres*”, residem com um dos filhos ou genro e expressam desinteresse por um novo casamento, pois “*não têm mais fogo*”¹¹.

Na classificação vigente entre as mulheres, as casadas detêm um maior prestígio social em relação – sobretudo – às largadas, sendo estas últimas chamadas de “*cadelas*” ou “*vagabundas*”. Porém, se por um lado as largadas são estigmatizadas e inferiorizadas, por outro elas também são temidas pelas casadas e solteiras¹², pelo fato de freqüentarem sozinhas os locais eminentemente masculinos, onde o acesso aos homens casados é facilitado, aumentando as chances das largadas virem a roubar os maridos alheios. Mostrarei, mais adiante, que o medo das casadas e solteiras em relação às largadas pode explicar, por exemplo, o estabelecimento das relações de compadrio entre casadas e largadas.

¹¹Dizeres de dona Olga (72 anos, viúva “*não-mulher*”, aposentada).

¹²Somente aquelas que têm namorados ou algum compromisso em vista.

Note-se que, mesmo sob rótulos depreciativos, as largadas detêm algum poder sobre as demais mulheres (casadas, solteiras e outras largadas), na medida em que uma largada, hoje, pode vir a ser uma casada amanhã, e vice-versa. Assim, tão importante quanto a compreensão de quem são as solteiras, casadas, largadas e viúvas, é também o entendimento da dinâmica existente entre essas diversas maneiras de ser mulher, com o intuito de mostrar que não se trata apenas de posições, mas sobretudo de **relações**.

Tanto as categorias femininas quanto a dinâmica entre elas, isto é, o fato de que as mulheres transitam entre essas categorias, evidenciam a existência de ideais femininos e masculinos no bairro das Flores, que nem sempre correspondem às práticas de seus moradores. Se, por exemplo, o ideal de ser homem para as mulheres locais ancora-se no provedor, o fato de muitos homens serem adeptos do “desvio” de emprego¹³, contribui para que a maioria das mulheres casadas trabalhe fora. Vê-se aqui que o ideal de esposa para os moradores¹⁴ do bairro – voltado ao lar – também não se realiza. Assim, tem-se um jogo mútuo de “quereres e realidades” incompatíveis entre homens e mulheres locais, capaz de desnaturalizar a imagem reificada de provedor atribuída ao homem e a de “Amélia fragilizada” imputada às mulheres¹⁵, por mais que, repito, o ideal delas no bairro das Flores resida no casamento com homens que as sustentem.

Baseada em alguns questionamentos suscitados a partir das observações acima feitas, elaborei o caminho a ser trilhado em cada um dos capítulos do presente trabalho. São eles:

- 1) Como se caracterizam as diferentes formas de “ser mulher” no bairro das Flores e o trânsito das moradoras entre essas categorias?

¹³Forma com que alguns moradores se referem aos desempregados.

¹⁴Tanto para os homens quanto para as mulheres.

¹⁵Pelo senso comum.

- 2) Se o ideal feminino reside no casamento, a honra feminina no bairro das Flores esgota-se basicamente neste pressuposto, conforme pontua Fonseca (2000)?
- 3) O reconhecimento ou honra masculina se dá através de quais quesitos?
- 4) Como se estabelecem as relações entre homens e mulheres e as relações entre os diferentes “tipos” de mulheres no bairro das Flores?
- 5) Essas relações podem ser vistas enquanto estratégias ou jogo de interesses (Bourdieu, 1996; 2001), reciprocidades hierárquicas (Lanna, 1995) e/ou complementaridades (DUMONT, 1997)?
- 6) Podemos falar em subordinação feminina e dominação masculina no bairro das Flores?
- 7) Em caso afirmativo, como se estabelecem essas relações?

No primeiro capítulo descrevo a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa, discutindo como se deu a minha inserção e a minha estada em campo e como se estabeleceram as relações com os moradores e meus interlocutores. Faz-se necessária a descrição de como, com quem e onde ocorreram as entrevistas e as conversas, na medida em que tal procedimento explicitará a posição que ocupei no decorrer da pesquisa, bem como o lugar de onde falo ao fazer a pesquisa.

No segundo capítulo faço uma contextualização histórica do bairro das Flores, onde discuto a concepção local de “bairro popular”. Essa discussão é delineada não apenas pelos critérios sociais, econômicos e políticos, mas através da dualidade local entre periferia e centro.

No terceiro capítulo abordo os elementos constitutivos do sistema de valores (ideais e práticas) que possibilita a inserção e aceitação dos moradores no bairro das Flores. Em outras palavras, busco entender como os homens e mulheres daquele lugar constroem as honras masculina e feminina.

Ao discorrer sobre a honra feminina, descrevo os elementos que constituem as categorias das mulheres casadas, solteiras e viúvas, já que essas são conhecidas

localmente enquanto as detentoras de "*vergonha*" ou honra. Todavia, ao pormenorizar acerca da desonra feminina, assim o faço esmiuçando a categoria das largadas, tidas localmente enquanto "*sem-vergonhas*". Proponho, ao falar das largadas, caracterizá-las à luz de um tríplice viés composto pelos seguintes elementos:

- 1) história sobre a noiva sem cabeça sob uma perspectiva "performática" (LANGDON, 1999 e FONSECA, 2000) e estruturalista (LÉVI-STRAUSS, 1993 e DA MATTA, 1981);
- 2) transmissão dos sobrenomes paterno e materno às mulheres largadas, comparativamente à transmissão feita às outras mulheres do local (ZONABEND, 1977; 1990);
- 3) equiparação pejorativa das largadas à categoria animal das "*cadelas*" (LEACH, 1983).

Preocupo-me, ao analisar as diferentes formas de ser mulher no bairro das Flores, não apenas com as relações estabelecidas entre elas, mas também entre elas e os homens do local. Assim, busco em linhas gerais mostrar como se constitui a honra masculina e como estes homens são vistos pelas mulheres.

Finalizando esse capítulo, desenvolvo reflexões voltadas à análise das relações (de reciprocidade hierárquica – Lanna, 1995 –; de complementaridade – Dumont, 1997 –, ou de conflito) existentes entre as honras feminina e masculina.

No quarto e último capítulo procuro dissecar as estratégias de convivência entre os moradores do bairro das Flores. Em especial, aprofundo aí a noção de estratégia de Bourdieu (1986; 1996) para melhor visualizar como as diferentes categorias femininas se configuram relacionalmente. Portanto, nesse capítulo mostrarei como a mulher casada busca manter seu casamento e sua honra, como a solteira pretende preservar ou conseguir um namorado para se casar e continuar honrada, a largada tenta se alçar à condição de casada a fim de amenizar a rejeição e a desonra sofridas, a viúva ferosa busca um outro marido e, finalmente, os homens se mantêm "honrados" em todas as situações.

Em suma, pretendo mostrar que, para além das representações fixas ou dos ideais femininos e masculinos existentes, há práticas que possibilitam a (re)visão cotidiana desses papéis de gênero. Nesse sentido, os trabalhos de Fonseca (2000), Macedo (2001), Gregori (1993) entre outros, mostram a possibilidade de existirem mulheres valentes, auto-suficientes financeiramente e/ou "performáticas", que representam resistências e/ou poderes femininos. (PERROT, 1998 e GODELIER, 1980).

Para concluir, os anexos se compõem de mapas, de legislação e, finalmente, das fotos referentes às comemorações ocorridas durante a pesquisa.

Sob essas perspectivas, convido-os a acompanhar o desenvolvimento das questões acima suscitadas, sem a pretensão de esgotá-las ou encerrá-las.

CAPÍTULO 1

DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS

(...) o campo (no sentido amplo do termo) se forma através dos livros que lemos sobre o tema, dos relatos de outras experiências que nos chegam por diversas vias, além dos dados que obtemos em "primeira mão". Projeto de pesquisa, trabalho de campo e texto etnográfico não são fases que se concatenam sempre nessa ordem e de forma linear. Na prática essas etapas são processos que se comunicam e se constituem de forma circular ou espiral. (SILVA, 2000, p.27).

Essa pesquisa foi realizada entre os meses de março de 2000 e janeiro de 2002, com base no trabalho de campo (idas esporádicas e permanência), nas conversas formais¹⁶ e informais com os moradores do bairro das Flores, nos registros fotográficos e audiovisuais de cenas quotidianas ou festivas. Além dessas fontes, trabalhei com cartas, recortes de jornais (ou revistas) e transcrições de músicas rotineiramente ouvidas no bairro.

A primeira visita ao bairro das Flores se deu no dia 25 de março de 2000, quando conversei com alguns moradores e futuros informantes – Dona Olga (72 anos, viúva não mulher, aposentada), Dona Loli (55 anos, viúva não-mulher, doméstica), Nanci (32 anos, largada, doméstica) e Dirce (37 anos, largada, vendedora) – graças à intermediação da já conhecida Maria (31 anos, largada, comerciante), que inicialmente me apresentava como sua advogada, mesmo que não mantivéssemos mais esse vínculo.

¹⁶As conversas formais a que me refiro são as entrevistas gravadas, informais sendo aquelas não gravadas. Procurei somente em três entrevistas gravadas utilizar o questionário como roteiro a ser seguido. Nas demais entrevistas deixei o entrevistado/informante conduzir a "conversa gravada", para que pudesse perceber quais eram os assuntos mais importantes para os moradores.

Talvez Maria tenha assim me qualificado em virtude da reunião ocorrida nesse dia na Associação dos Moradores. A pauta de discussão e negociação foi o (re)parcelamento das dívidas pendentes dos moradores junto à Imobiliária responsável por essas questões. Finalizada a reunião, expliquei a Maria que não visitaria o bairro na condição de advogada¹⁷, mas de interessada em escrever um trabalho sobre casamento e família. De imediato Maria me respondeu: "*ah, Simone! Quer dizer que você vai escrever um livro sobre a gente? Pode colocar bastante coisa minha lá, tá?*". Tal como Bonetti (2000, p.26) descreve: "(...) fiquei surpreendida ao ver que as informantes propagandeavam aos quatro ventos que eu estava a escrever um livro sobre elas. (...) O que importa salientar é que o fato de eu estar a escrever um livro sobre elas teve influência em nossa relação". Quem sabe a presteza de Maria se deveu em parte à idéia do "livro como dádiva". (BONETTI, 2000, p.26).

Todas as demais visitas feitas até o mês de agosto de 2000 ocorreram em uma periodicidade semanal ou quinzenal, sendo marcadas pela presença sempre disposta de Maria, proprietária de um bar. A partir desse momento, percebi que os moradores me vinculavam a Maria, e que portanto a maioria dos atributos dessa informante era transmitida a mim. Notava as dificuldades de manter relações de confiança com as mulheres casadas, que não me recebiam em suas casas (FAVRET-SAADA, 1968¹⁸) sob o argumento de que seus maridos "*não gostariam da idéia*"¹⁹. As conversas informais com as casadas aconteciam na casa de Maria, e sentia que algumas delas somente se aproximavam para tirar dúvidas jurídicas. Não me eximia de respondê-las como estratégia de contato com essas mulheres,

¹⁷ Maria sabia que eu não estava mais advogando, pois o seu processo—assim como os demais do escritório—substabeleci para outros advogados.

¹⁸ Em seus relatos etnográficos, Favret-Saada (1968) nos mostra como apreendeu acerca da magia e feitiçaria entre "paysans" da região de Bocage/França, através da negação e omissão de informações, e dificilmente com base na verbalização ou simples concessão do que buscava.

¹⁹ Estes foram os dizeres de Juraci (34 anos, casada, vendedora Avon) e Lidiane (16 anos, casada, do lar) quando indagadas por mim sobre a impossibilidade de conversarmos em suas casas.

deixando claro que trabalhava como pesquisadora interessada em compreender as famílias e as relações conjugais locais. A vinculação com o Direito desapareceu, o mesmo não acontecendo com a vinculação que a maioria das casadas fazia entre mim e as largadas. Passava a sentir na pele o peso do dito popular: "diz-me com quem andas, eu te direis quem és". Alertada pela minha orientadora dos dissabores dessa vinculação, optei por manter o estreito contato com o bar e a casa de Maria, sabendo das dificuldades de acesso que teria com as casadas²⁰, pois este ia se dar na maioria das vezes através das largadas. Por outro lado, tinha ciência de que, no bar, o acesso aos homens e às suas informações seria facilitado. Pesando os "prós" e os "contras", assumi o fato de ser vista como uma largada no bairro, já que atribuir uma identidade ao pesquisador é uma "forma de torná-lo reconhecível nos termos do grupo" (SILVA, 2000, p.90), apesar de não ter deixado de insistir nos contatos com as mulheres casadas.

No período compreendido entre os meses de dezembro de 2000 e janeiro de 2001, e daí a junho de 2001, retornei ao bairro, em visitas ainda esporádicas, para participar de duas festas de aniversário, duas cerimônias de primeira comunhão e um velório sobre os quais fui avisada e para os quais convidada. Até então não havia realizado nenhuma entrevista gravada, pois acreditava ser mais produtivo estreitar relações de confiança com os informantes, para não abordá-los como menciona Silva (2000, p.42), ao referir-se às diferentes metodologias empregadas pelos antropólogos,

²⁰Bonetti (2000:30) relata dificuldades semelhantes às minhas, ao ser vinculada à imagem de determinadas informantes Vejamos:

Encontrei-me, então, num limiar: se por um lado esta abertura de Anete, Alice e Elvira me era favorável, já que elas me levavam a todos os lugares e estavam sempre preocupadas em me ajudar, por outro lado não poderia deixar que a minha presença ficasse associada à delas, pois poderia acarretar indisposições e fechamentos da parte de possíveis adversários que me eram desconhecidos. Dali em diante, teria que ter muita cautela e extrema atenção, a fim de não sucumbir às disputas políticas que se apresentavam, em muitas das quais eu e o tal do livro que estava a escrever eram [sic] recorrentemente utilizados como uma arma de prestígio.

No meu caso, porém, se eu restringisse os contatos estreitos com Maria, aproximar-me-ia de outras mulheres vistas também sob uma determinada forma social, acarretando vínculos e correlações da mesma forma. Assim, ser vista como solteira ou casada poderia restringir ou cercear o meu acesso às largadas.

com os seguintes termos: "mãos ao alto, isto é uma entrevista". Assim, atinha-me às observações do campo, às informações ouvidas e advindas da minha interação e ao material fotográfico colhido na primeira comunhão e nos aniversários.

Nas festas de aniversário e nas cerimônias de primeira comunhão de que participei, buscava tirar o maior número de fotografias, já que assumira também o posto de fotógrafa (SILVA, 2000). Com essas fotos visualizava, por exemplo, quem eram as pessoas presentes, possibilitando uma melhor compreensão da rede de relações entre os moradores no bairro, homens ou mulheres.

Em meados de dezembro de 2001 permaneci no bairro durante trinta dias. Não aluguei uma casa onde permanecesse sozinha ou isolada, pois poderia nos momentos de dificuldade manter-me afastada das relações com os moradores e/ou informantes (opinião diversa da de CARVALHO *apud* SILVA, 2000, p.38).²¹ Aceitei então o convite de Maria para ficar em sua casa, auxiliando-a nas despesas relativas a alimentação, luz e água.

As facilidades de acesso aos homens, que eu pressentia ter ao ser vista no bairro seja como uma largada, seja como pesquisadora, foram confirmadas com a minha permanência em campo. Aprendi que a senha de acesso à maioria dos freqüentadores do bar de Maria era a aceitação dos seus convites para que juntos viéssemos a beber cerveja ou a jogar uma partida de sinuca. Não me via mais em uma "observação participante", e sim em uma experimentação constante (SILVA, 2000 e FAVRET-SAADA, 1968). Aprendi a aceitar ou negar outros convites, agindo às vezes impulsivamente, e não movida por uma razão que calculasse o mais proveitoso para a pesquisa. Em duas dessas ocasiões obtive uma explicação possível para o fato das casadas não permitirem a minha entrada em suas casas. Uma delas aconteceu numa abordagem de seu Ernesto (55 anos, comerciante) e a outra numa de Benedito (36 anos, metalúrgico), ambos casados.

²¹Para esse autor, a permanência do pesquisador em um local isolado facilita a sua invisibilidade e neutralidade.

Seu Ernesto por duas vezes convidou-me para almoçar em sua casa, o mesmo convite sendo feito por Benedito. Ao perguntar se suas esposas não achariam ruim o convite, os dois responderam-me que elas não tinham "*nada para achar*", e que fariam o almoço no dia da minha visita. Como acima expus, não pensei muito para dizer "não" aos convites. Independente da minha resposta negativa, as fofocas quanto ao convite chegaram aos ouvidos da sua esposa. Senti naquele momento o poder da fofoca (Elias, 2000; Silva, 2000 e Fonseca, 2000), ao escutar e enxergar a esposa de seu Ernesto – Luana, (40 anos, casada, do lar)– dando de dedo e perguntando à Maria quem era a tal da Simone. Maria respondeu que eu era uma pesquisadora, noiva e sua hóspede. Com a descrição feita por Maria, percebi que eu era vista como uma concorrente em potencial para as casadas, podendo num piscar de olhos roubar-lhes os maridos.

Concorrência não apenas para as casadas, pois nesse mesmo dia recordo-me dos dizeres de Maria ao mostrar a cama na qual eu dormiria durante a minha estada em campo: "*olha, Simone, a gente vai dividir somente as despesas e não os homens, viu?!*", referindo-se ao seu atual "*namorado*"²² e a outros casos que viesse a ter. Passava a perceber que apesar de ter pouco acesso às casadas, eu obtinha informações sobre elas por meio do diálogo com os seus maridos, com as largadas, com algumas solteiras; isto é, através do poder invisível, mas eficaz, da fofoca.

Aos poucos, a imersão no campo contribuía para que eu notasse as constantes intervenções ou influências dos moradores em relação ao pesquisador (a), e vice-versa. Impossível tornou-se qualquer espécie ou tentativa de me manter totalmente imparcial ou simplesmente observando à distância as relações entre os moradores do bairro. Como bem observa Silva (2000):

o mito do pesquisador de campo como um "fantasma" (destituído de sua classe, sexo, cor, opiniões, etc.), que não afeta e não é afetado pelo cotidiano que compartilha com seus interlocutores, ou ainda como um herói da simpatia e da paciência, cuja missão é "humanizar" o outro, esquecendo-se de que ele também deve ser "'humanizado" em suas fraquezas e omissões, parece agora exigir novas versões em que o pesquisador encontre um papel mais equilibrado e mais condizente com a situação real da investigação (p.117).

²²Lúcio, 35 anos, casado, pintor automotivo.

Percebi como a fofoca detém o poder de evidenciar aspectos da vida dos moradores, ao deparar-me com constantes questionamentos sobre a minha vida, e mesmo com opiniões dos informantes sobre o meu destino profissional. Uma dessas situações aconteceu em uma noite, véspera de Natal, enquanto conversava com Daniel (21 anos, solteiro, comerciante), Lola (25 anos, largada, doméstica), Arildo (19 anos, solteiro, manobrista) e Clotilde (35 anos, largada, diarista) no bar de Maria. Após servir Rômulo (36 anos, casado, comerciante/macumbeiro), Maria sentou-se em nossa mesa. Rômulo permaneceu no balcão do bar durante alguns minutos, ouvindo atentamente as nossas conversas. Não demorou muito e sentou-se conosco. Passadas algumas "rodadas" de cerveja, Rômulo começou a balbuciar algumas palavras enquanto segurava a minha mão. Antes de eu tentar entender o que acontecia, Rômulo incorporou uma entidade "da esquerda"²³ chamada "Seu Tranca Rua". Literalmente, no meio do bar. Dentre várias coisas que a "entidade" me disse, lembro-me de ter enfatizado que eu trabalhava no lugar errado. Repetira incisivamente: "seu destino é com a lei". Se eu achava que não havia ocorrido qualquer imponderável na minha pesquisa, aquela cena tirou qualquer resquício de dúvida. Não sabia como olhar para as pessoas que estavam na mesa, pois temia que tais assertivas, ouvidas por todos, tirassem a minha legitimidade de pesquisadora no bairro. Ao "desincorporar", Rômulo convidou-me para visitar sua casa em janeiro de 2002.

No dia seguinte, Rômulo estava novamente no bar de Maria. Agora contava para alguns clientes - homens e mulheres - que não usava camisinha ao transar com a sua esposa ou com outras mulheres. Afirmou que agia dessa forma porque sabia quando uma mulher estava ou não "emperebada"²⁴. Segundo Rômulo, uma mulher portadora de doença venérea sente forte dores ao ter sua "bexiga" apertada. Depois de

²³Maneira de se referir aos espíritos menos evoluídos, que se prestam a fazer os despachos.

²⁴Modo de designar uma mulher com doença venérea.

Rômulo encerrar suas lições sobre o corpo feminino, e de contar algumas piadas sobre gaúchos e homossexuais, uma informante pediu para conversar sobre o ocorrido na noite em que Rômulo incorporara no meio bar. Lola contou que o médium fingira ter incorporado naquela noite, pois já havia feito isso com ela antes. A informante ainda aproveitou a deixa para focar que Rômulo era o pai e não padrinho de um menino recém nascido, filho concebido com uma largada do bairro. Não sabendo se poderia ou não acreditar na fofoca, levei em consideração o fato de Rômulo ter insistido para que eu deixasse de trabalhar no bairro, como se alguma coisa eu não pudesse vir a saber ou descobrir sobre a sua vida. Anotei em meu caderno de bolso as impressões sobre o poder do seu esperma, o seu pleno conhecimento sobre o corpo feminino e a relação de compadrio mantida com uma moradora do bairro.

Anotei todos os dados reputados como novos e importantes em minha caderneta de bolso. Não conseguia guardar tudo na memória para posterior relato no diário de campo, pois ficava acordada com Maria até o fechamento do seu bar, que ocorria por volta das 03h00 da madrugada²⁵. Portanto, procurava ao término do dia transformar em narrativa todos os dados anotados na mencionada caderneta, seja no período de visitas esporádicas ao bairro, seja no período de permanência.

Durante o dia, ia ao supermercado, à verduraria, ao Colégio, à casa de um informante para conversar, ou simplesmente brincava com as crianças nas ruas do bairro. Penso que as crianças são informantes privilegiados, porque não hesitam em perguntar ou mesmo responder sobre quaisquer assuntos. Aproveitava para tirar as minhas dúvidas sobre as suas famílias, as suas brincadeiras, as suas brigas, os seus apelidos..., enfim, fragmentos de suas vidas. Essas características inerentes às crianças por vezes incentivavam os adultos a fazer o mesmo. Recordo-me dos momentos em que estava filmando ou fotografando as ruas e as crianças que ali

²⁵Insistia nessa tática sob a esperança de estreitar relações de confiança com o maior número possível de moradores, para que as entrevistas não fossem necessariamente regidas por perguntas e respostas sem fluidez.

brincavam, e os adultos interrompiam para saciar sua curiosidade. Era uma das maneiras e oportunidades de conhecer novos moradores, tais como as missas dominicais das quais participava para observar o comportamento das mulheres, e as festividades, dentre elas o Natal e o Ano Novo.

O Natal de 2001 passei no bar de Maria, com ela e os filhos, Clotilde e a filha, Lola e o filho, seu Cabelo – "o bêbado" – (45 anos, motorista, casado), Nanci e os quatro filhos, Valdomiro (34 anos, desviante, separado), Daniel e Neto (21 anos, casado, empregado industrial). A comemoração natalina foi regada com lingüiça, pão, maionese, cerveja, vinho e, na virada da meia noite, Daniel aproveitou para abrir uma sidra. Filmei a maior parte da comemoração sem qualquer problema ou restrição, todos os participantes fazendo questão de dar a sua contribuição para a filmagem. O mesmo aconteceu na festividade da virada do ano, que foi comemorada na casa de Carla (22 anos, casada, do lar), filha de Dona Gilda (45 anos, casada, diarista), essa última considerada por Maria como uma de suas "comadres".

Vale a pena destacar que a utilização do recurso técnico da filmagem foi útil não apenas para ver cenas despercebidas, mas para observar a reação dos moradores ao rever suas próprias imagens. Percebi ainda que algumas cenas somente foram gravadas porque não era eu quem estava filmando, como por exemplo o momento em que um homem mostrou suas genitais para outro registrar.

Após as festividades procurei agendar as conversas gravadas. Nenhuma das treze entrevistas seguiu estritamente o roteiro preparado, fazendo com que eu percebesse quais eram os assuntos caros aos entrevistados. Talvez isso tenha ocorrido graças aos laços de confiança que foram construídos ao longo desses meses, dias e horas de convivência.

Concluo dizendo que ao escrever esse capítulo em primeira pessoa, privilegiando a subjetividade nas relações estabelecidas em campo, "eu" admito ter observado, mas sobretudo "vivido" com aqueles que a princípio via como tão diferentes e distantes. Não imaginava que entre nós havia ricas experiências a serem compartilhadas, como de fato ocorreu.

CAPÍTULO 2

O BAIRRO DAS FLORES

2.1 ARAUCÁRIA: A TERRA QUE PERTENCEU AOS TINGÜIS E RECEBEU OS COLONOS POLACOS

Nesse capítulo objetivo contextualizar a vila onde a pesquisa foi realizada, mostrando como se deu o processo de ocupação e constituição da cidade e município de Araucária, bem como as diretrizes gerais do processo de formação do Paraná. Apropriando-me das palavras de Hartung (2000), digo que a história do grupo popular do bairro das Flores "não será tomada aqui enquanto reflexo fiel do passado que lhe é próprio, e sim enquanto indicadora de acontecimentos e processos históricos capazes de explicar-lhe a constituição, existência e transformação"(p.108). Com isso, ressalto ainda que os eventos históricos, se forem considerados enquanto modificadores ou transformadores de uma dada estrutura cultural, devem ser vistos sob o viés da recriação ou re-significação (Sahlins, 1990), na qual se observa a flexibilização dessa referida estrutura que é estrangida "pelos sujeitos, seus desejos, pelos contextos e circunstâncias a que eles se encontram expostos". (HARTUNG, 2000, p.5).

O Município de Araucária até 1866 era conhecido como Tindiquera (ARAUCÁRIA, 1997). Essa denominação adveio dos grupos indígenas Tingüis (tupi-guarani) que habitavam toda a encosta ocidental da Serra do Mar (englobando os atuais municípios de São José dos Pinhais, Piraquara, Campo Largo, Araucária, Campina Grande e Rio Branco)²⁶, conforme pesquisas arqueológicas realizadas no reservatório do Rio Passaúna, há 4000 anos.

²⁶Consultar mapa em anexo.

Após a decadência absoluta, em meados do século XVIII, das atividades auríferas na região do litoral (Paranaguá) e do planalto (Curitiba, São José dos Pinhais, dentre outros), as atividades destinadas à agricultura e à pecuária emergiram, podendo ser interpretadas como a continuidade da economia de subsistência que vigia até então no território paranaense. Saliento que alguns pesquisadores (BALHANA, 1969; WACHOWICZ, 1974; dentre outros) veiculam a colonização como sinônimo de ocupação, desconsiderando todo o processo de expropriação de terras feito com (e contra) indígenas e "nacionais". (HARTUNG, 2000).

Com o tropeirismo, em meados do século XVIII a região de Tindiquera passou a ter maior ligação com Curitiba, possibilitando o surgimento de outros meios de trabalho que não apenas a agricultura de subsistência até então desenvolvida pelos seus poucos habitantes²⁷. Segundo as descrições de Balhana (1969):

consistia o negócio em comprar muladas no Rio Grande, Uruguai e Argentina, conduzi-las em tropas, numa caminhada de três meses pela estrada do Viamão, inverná-las por alguns meses nos Campos do Paraná e vendê-las na grande feira anual de Sorocaba. O ciclo das tropas começa em 1731 e esgota em 1870 quando as construções da estrada de ferro desvalorizam o muar como meio de transporte (p.65).

Com o caminho do Viamão, após 1730 as tropas passavam necessariamente pelos campos paranaenses e, gradativamente, esse movimento fomentou o aluguel de pastos para o descanso das tropas. (HARTUNG, 2000). E, mais, foi em decorrência desse percurso realizado pelas tropas que se deu o aparecimento de muitas vilas e posteriores cidades (Itararé, Jaguariaíva, Lança, Iapó, Ponta Grossa, Palmeira, Lapa e Campo Largo) ao longo sobretudo do caminho do Viamão²⁸.

²⁷ Segundo pesquisas históricas (BALHANA, 1969 e WACHOWICZ, 1980) eram concedidas sesmarias para a exploração dessa região de mata nativa no Tindiquera. Essas concessões eram feitas a pessoas conhecidas e com influência junto aos administradores da Vila de Curitiba. Sendo as solicitações de sesmarias menores do que as concessões, "sugerindo a concentração de terras nas mãos de uns poucos homens". (HARTUNG, 2000, p.115).

²⁸ Ver mapa nos anexos.

Outra via de acesso importante que contribuiu para o crescimento demográfico de Tindiquera foi um pequeno porto²⁹ construído para as canoas que transitavam entre a Lapa e Registro, já que o transporte terrestre do gado era passível de cobrança de pedágio pelo governo de São Paulo, na região de Palmeira³⁰. Os trabalhadores que se dedicavam ao transporte fluvial local ocuparam com as suas moradias as margens do rio Iguaçu.

Em 1750, conforme Wachowicz (1974; 1974b; 1980), mais de 20 famílias habitavam na região de Tindiquera, tendo sido realizada a primeira eleição para a escolha da autoridade representativa local, junto aos poderes administrativos e legislativos da época. Passados 18 anos, o Tindiquera aparecia como um dos bairros mais populosos da Vila de Curitiba, possuindo 401 habitantes.

No final do século XVIII, as atividades econômicas de Tindiquera voltaram-se sobretudo para a agricultura, mais especificamente para o cultivo de feijão, milho, fumo, trigo e erva-mate, bem como para a produção de toucinho. Foi justamente através da exploração da erva-mate que o governo provincial autorizou a política imigratória no Paraná³¹.

Em 1866, elevada à categoria de Freguesia do Iguaçu³², a antiga região de Tindiquera já contava com aproximados 2565 habitantes. Graças ao crescimento das atividades voltadas à erva-mate, visível na existência local de alguns barbaquás³³, muitos imigrantes poloneses³⁴ obtiveram oportunidades de renda e sobrevivência.

²⁹Conhecido como Passo das Laranjeiras.

³⁰Nessa época o Paraná fazia parte da Capitania de São Paulo.

³¹Wachowicz (1974) em sua pesquisa da antiga colônia do Abranches, atual bairro de Curitiba, aduz "que partiu em 1873 do porto de Hamburgo um grupo de 64 famílias com 258 emigrantes poloneses, com destino ao Paraná" (p.12). Não me ateei à precisão de datas quanto aos eventos imigratórios; portanto, parto do início da década de 1870 como marco do processo de imigração.

³²Consultar, o decreto n.40, que efetuou essa modificação no nome da região, nos anexos.

³³Mais conhecido como carijo, é um jirau ou armação de varas, onde se colocam os ramos de erva-mate para crestá-los ao calor do fogo (FERREIRA, 1988).

³⁴Boschilia (1989) assim relata o depoimento de José Knopik, um descendente de poloneses, habitante da região, cuja família detinha um desses barbaquás:

O processo imigratório³⁵ foi feito nas redondezas de Curitiba por Lamenha Lins, principalmente nas regiões dos atuais municípios de São José dos Pinhais e Araucária, com a criação de algumas colônias, dentre elas a de Tomás Coelho, fundada em 1876 com 182 lotes iniciais. A instalação desses imigrantes, em sua maioria poloneses, deu-se em meio a muitas dificuldades, pois o governo somente os auxiliava com o adiantamento de um dinheiro destinado à compra de sementes e utensílios. As moradias eram inicialmente barracas improvisadas, proporcionando o surgimento de epidemias de tifo, face às precárias condições de higiene. "Após a derrubada da mata virgem e enquanto esperava sua primeira pequena colheita, era utilizado o imigrante pelo governo na construção de estradas para a colônia". (WACHOWICZ, 1974, p.113). A maioria desses imigrantes veio como mão-de-obra assalariada para trabalhar nas fazendas, por meio de contratos de parceria nos quais os fazendeiros compravam quase todas as colheitas dos colonos, deixando-os na condição de semi-escravos. Talvez se pudesse dizer que esses colonos eram os conhecidos "camaradas" e membros dos "agregados", pois conforme explicações de Hartung (2000), muitos homens brancos livres e negros libertos, todos paupérrimos, trabalhavam e moravam nas fazendas ou ao seu redor, formando os conhecidos "agregados".

Antes da criação da colônia de Tomás Coelho, a vila da Freguesia do Iguaçu apresentava 2800 habitantes, tendo sua população aumentado para 3916 moradores após a instalação da citada colônia. Outras colônias como as de Abranches, de Orleans e de Santa Cândida – atualmente bairros de Curitiba–, também tiveram a imigração polonesa como uma de suas características, sob as mesmas dificuldades sócio–econômicas acima descritas.

Os caboclos lidavam com erva. Vendiam a produção para Bento Luís França (dono de uma grande casa comercial em Guajuvira de Cima). Por volta de 1935, meu pai adquiriu uma área de erval onde existia um carijo e então resolveu construir um barbaquá. (...) toda a produção era vendida. Meu pai reservava apenas uma parte para o consumo da família. Aprendemos a tomar chimarrão com o pessoal daqui e nós conservamos o hábito até hoje (...), o barbaquá funcionou até 1945. Hoje está no museu Tingüi-Cuera (KNOPIK, 1989 in ARAUCÁRIA, 1997).

³⁵Também fixaram-se nessa região imigrantes italianos, tchecos, ingleses, portugueses, alemães, sírios, franceses e mais recentemente japoneses.

Os lotes recebidos pelos imigrantes do governo provincial deveriam ser pagos no decorrer dos anos, sob um aparato legislativo que demonstrava toda a situação de marginalidade e exploração sofridas por esses colonos. Em meados de 1910, foi promulgada uma lei que proibia a venda de lotes por esses colonos, forçando-os a permanecer nos locais em que inicialmente tinham sido instalados³⁶.

A mesma situação de inclusão social resultando na inferiorização e marginalização sofrida outrora pelos colonos polacos na região atualmente é vivida pelos "trabalhadores pobres" que residem no bairro das Flores, periferia de Araucária, cujos lotes também lhes são vendidos a título provisório. Os "polacos" marginalizados de ontem apresentam, então, seu corolário, seja em seus poucos descendentes que habitam o bairro das Flores, seja nesses próprios "*moradores da periferia*" sem ascendência polonesa.

Somente com a proclamação da República a região da Freguesia do Iguazu recebeu a emancipação política, deixando de ser considerada um distrito anexado a Curitiba. Por meio do decreto n.40 a então Freguesia do Iguazu mudou de nome, sendo a comissão de solicitação presidida pelo Major Sezino Pereira de Souza. O conteúdo do pedido reduzido a termo assim relatava:

após a proclamação da república, o contra-almirante Marques Guimarães, primeiro governador nomeado pelo Governo Provisório da Nação, lavrou em 1890 decretos criando os Municípios de Tamandaré, Bocaiuva e Piraquara. Por solicitação do meu velho amigo Major Sezino pedi ao governador para elevar também a vila a então Freguesia do Iguassu, mais conhecida por Tindiqüera. O governador exigiu que eu lhe apresentasse um abaixo assinado dos moradores idôneos da Freguesia. O major Sezino, que era o chefe político aí, pediu que eu redigisse o requerimento dando um novo nome à vila, por não convir o Iguassu, para não confundir com a Nova Iguassu, nas proximidades do Rio de Janeiro. Ele não queria também o nome de Tindiqüera porque fazia lembrar valentões e turbulentos que haviam perturbado a paz e a ordem do distrito anos atrás. Propus, então, a denominação de Araucária, nome botânico do nosso majestoso pinheiro, a "*Araucária Brasiliense*". (AMARAL *apud* ARAUCÁRIA, 1997, p.35).

³⁶Conforme Melo (1982), ao pesquisar a situação dos núcleos coloniais no Brasil: o que se desejava eram colonos como trabalhadores, e não como futuros concorrentes. (MELO *apud* KERSTEN, 1989, p.9).

É importante ressaltar que, nesse momento histórico da região de Freguesia do Iguacu, a literatura aponta a existência da animosidade provocada pela presença da família Maia na região³⁷. Vê-se com o relato acima posto, fruto de correspondências trocadas entre políticos da época, que o "clientelismo" vigia nesse segmento social. Retomarei essa questão do clientelismo ao tratar do bairro das Flores, mas desde já pontuo que essa prática imputada aos trabalhadores pobres ou moradores da periferia (ZALUAR, 1985 e DUARTE, 1986) não se constitui como prerrogativa exclusiva desse segmento social.

No século XX, alguns fatores como a transferência de engenhos de erva-mate para Santa Catarina, a alta dos impostos internos e a queda nas exportações sobretudo para a Argentina, fizeram com que esse mercado fosse substituído pelo mercado de exportação da madeira e do café. Lembre-se que as grandes propriedades de erva-mate eram dominadas por famílias tradicionais paranaenses, e que os proprietários de grandes fazendas de outros cultivos também eram descendentes de imigrantes portugueses.

Assim, na década de 40, os habitantes de Araucária se dedicavam à produção de sementes—trigo, feijão, milho, cevada, dentre outras—e às atividades autônomas, como a de marceneiro e carpinteiro, meios de amortização das suas dívidas. Wachowicz (1974) e Kersten (1989) mostram como os lotes cedidos aos imigrantes eram pouco férteis³⁸ e, quando produziam eventuais excedentes, seu

³⁷Esse clima de animosidade é assim relatado em Araucária (1997):

(...) segundo as impressões do padre visitador Salgado Bueno, Tindiquera era uma pequena e vistosa povoação digna de ser elevada a capela curada - caracterizada pela presença permanente de um cura (padre), que atendia os habitantes da região. Essa impressão foi desfeita, posteriormente, devido aos distúrbios promovidos pelos célebres Maias que, de armas nas mãos, desobedeciam as autoridades legais e judiciais, sendo necessária a constituição de uma numerosa escolta para pacificar o povoado. (LEÃO *apud* ARAUCÁRIA, 1997, p.33).

³⁸Essas condições faziam com que houvesse a diversificação de plantio, e então, fosse introduzido o cultivo de cereais, hortaliças e tubérculos.

escoamento, por vezes, esbarrava nas dificuldades de acesso causadas pelas precárias picadas abertas no meio das florestas.

A dedicação à exploração da madeira, tão abundante na região, era considerada uma atividade eminentemente masculina, ao contrário da agricultura, na qual havia grande participação de mulheres e crianças. As mulheres acabavam por acumular tarefas tão árduas quanto as dos homens, já que as atividades de casa caminhavam de mãos dadas com a colheita e a venda de excedentes agrícolas.

Em 1949, Araucária retomou a condição de comarca, voltando a ter um estabelecimento próprio para a resolução de conflitos e outros problemas burocráticos. Durante o período de 1947 a 1949, os problemas jurídicos ocorridos em Araucária eram resolvidos junto à comarca de São José dos Pinhais. Nesse período, Gayer³⁹ relata que o início do ciclo do tomate e do pimentão tornou-se um dos trabalhos e investimentos mais rentáveis. Na produção de massas de tomate e derivados, participavam crianças, mulheres e homens, cujo trabalho abastecia o Rio de Janeiro, Juiz de Fora, São Paulo e outras cidades do interior paranaense. A maior empresa de massa de tomates, chamada Torres, fechou definitivamente em 1965.

Empregando muita mão-de-obra infantil e feminina, as fábricas de palhões (a palha era um subproduto do centeio produzido em grande escala, servindo para confecção de embalagens de garrafas e proteção das culturas de inverno) emergiram como mais uma opção de ganho complementar, para os imigrantes e para aqueles outros que já estavam na região instalados, cujas dificuldades eram comuns. (WACHOWICZ, 1974, p.108). Com o advento de novas formas de embalagens, essa atividade também chegou ao seu fim. Descreve Henriqueta Jonkowski Ripka sobre suas atividades junto à fábrica de palhões de Bogdan Wagner, em meados da década de cinquenta:

³⁹Um mais importantes empreendedores e pesquisadores da região foi o agrônomo tcheco Zdenko Gayer, que dirigiu a escola prática de agricultura de Araucária. (ARAUCÁRIA, 1997).

Eu e mais quatro meninas trabalhava empilhando as capas que saíam das máquinas, dentro de caixas para serem prensadas. Trabalhava das 7:00 horas da manhã até às 05:00 da tarde, com intervalo de uma hora. Ganhava conforme o número de caixas que conseguia encher (...). Uma pessoa costurava, outra cortava as pontas e amarrava enquanto as crianças empilhavam. Nessa época, quase não fabricavam mais capas para garrafas, faziam mais esteiras para cacho de banana, ia para Paranaguá. O trabalho era mais difícil, cada máquina ocupava quatro funcionários, duas para costurar e duas para arrematar. A palha de centeio era melhor para trabalhar. (RIPKA *apud* ARAUCÁRIA, 1997).

Esse relato aponta para uma realidade hoje presente no bairro das Flores pois, como veremos nos capítulos 3 e 4, as tarefas das mulheres casadas não se restringem às atividades domésticas, mas são cumuladas com outras funções imprescindíveis ao sustento familiar, as quais, entretanto, são desprezadas ou desconhecidas pelo senso comum⁴⁰.

Na década de 1970, a imigração japonesa chegou ao município de Araucária, proporcionando não apenas o fomento das atividades voltadas à fruticultura e à avicultura, mas também possibilitando o desenvolvimento de importantes Cooperativas Agrícolas, como a Cooperativa Agrícola de Cotia.

Com base no recenseamento de 1997, a população de Araucária era de 75.000 habitantes, sendo que apenas 9% deste número voltava-se à atividade rural⁴¹. Entre os demais, a maioria se dedicava às atividades industriais do município, que além da Refinaria da Petrobrás/BR, conta com outras indústrias em diferentes gêneros, sendo os mais significativos os de:

⁴⁰Torna-se interessante acrescentar que ao falar de senso comum não desprezo o conhecimento por esse produzido e compartilhado mas, assim como nos ensina Bourdieu, acredito ser imprescindível o discernimento dos diferentes campos de produção do conhecimento, para que essas diferentes dimensões possam compartilhar entre si, e não sobrepujar e menosprezar umas às outras. Consultar nesse sentido Bourdieu (2001).

⁴¹Nesse sentido, vale a pena ressaltar as constatações de Kersten (1989):

No seio deste campesinato ocorre uma diferenciação que não se esgota em si mesma, não se dá como uma mera desigualdade de posses. O colono, pequeno proprietário, vai paulatinamente deixando de existir, ou melhor, transformando-se em proletário (p.15).

ATIVIDADES	QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTOS
Construção civil	06
Couro e produtos de couro	07
Impressão, publicação e indústria do ramo	06
Indústria de metal primário	05
Madeira e artigos de madeira, exceto móveis	32
Máquinas industriais e produtos para computação	08
Mineração e extração de minérios não metálicos, exceto combustíveis	12
Móveis e instalações	29
Papel e produtos de papel	09
Produção de tecelagem	04
Produtos de borrachas e plásticos variados	33
Produtos de pedra, cerâmica, concreto e vidro	22
Produtos fabricados de metal, exceto máquinas e equipamentos de transportes	24
Químicos e produtos químicos	20

FONTE: Secretaria Municipal de Indústria e Comércio/ PMA/1997

É importante notar que estudos de caso empreendidos entre as décadas de 70 e 80 em outras localidades próximas de Araucária, como a colônia Tomás Coelho e Abranches, enfatizam como a instalação desses pólos industriais em Araucária não é vista "desde dentro" sob uma perspectiva aliada à noção de progresso ou melhoria de vida. Pois, se os imigrantes vieram para o Brasil com a esperança de fugir da proletarização, aqui não apenas se submeteram a esse processo, como também o cumularam com as atividades agrícolas. Outros, porém, tiveram que migrar para o meio urbano, vendendo suas terras para que as indústrias se instalassem em Araucária. (KERSTEN, 1989).

Como se pôde ver, muitos destes imigrantes de ontem tornaram-se os migrantes urbanos de hoje, cujos esforços intentavam a busca de benefícios materiais e imateriais, que lhes propiciassem uma vivência menos marginalizada e o mais digna possível (HARTUNG, 2000, p.131).

2.2 O BAIRRO, "VILA" OU "MORADIAS" DAS FLORES: UM "GRUPO POPULAR" DE "TRABALHADORES POBRES" E "MORADORES DA PERIFERIA"

(...) o compromisso com a sobrevivência, tido como sina dos pobres, é ele mesmo simbólico e cultural e não mera questão digestiva e econômica, não excluindo tampouco outros compromissos. A pobreza material não determina uma pobreza cultural ou o limite do sonho, da imaginação ou da criação... (ZALUAR, 1985, p.220).

Ao citar que o bairro onde pesquisei é um "grupo popular" situado na periferia de Araucária, cujos moradores se auto-representam como "*trabalhadores pobres*" e/ou "*moradores da periferia*", faz-se necessário esclarecer o sentido atribuído a cada uma dessas categorias, sejam elas analíticas ou empíricas. Conforme Zaluar (1985), é essencial a definição do que se entende como "popular", pois se trata de uma realidade dinâmica que

não é um todo uno, convive com a diversidade, o conflito, a contestação, a dúvida e o riso dos que, mesmo sem serem reconhecidos como intelectuais, pensam sobre o que lhes acontece e participam ativamente do processo de produção dos significados sociais. Se muitas vezes esse processo de pensamento permanece velado ou mesmo reprimido é porque não se ligaram os canais para ouvi-lo (p.57).

Equiparo o bairro das Flores à categoria de grupo popular, ao invés de "classe trabalhadora" ou "classe popular", pois permite considerar quer as relações estabelecidas entre empregados e empregadores, com ou sem conflitos ou resistências⁴², quer ainda os comportamentos desses moradores da periferia de Araucária⁴³. Note-se que, ao falar de relações, fala-se implicitamente de comparações ou contrastes e, portanto, de

⁴²Nesse sentido bastaria o uso dos termos classes trabalhadoras e classes populares.

⁴³Sobre a amplitude do termo grupos populares, Boff (1998, p.48-49) reitera que "este contém uma idéia mais plural do que "cultura popular"- que pressupõe simplesmente oposição a uma cultura legítima. Essa perspectiva acentua, de algum modo, a lógica interna desses grupos (DARNTON, 1986; DAVIS, 1990; entre outros)".

relações que extrapolam o aspecto empregatício, expressando os quereres de um grupo que, segundo De Certeau, tem dinâmicas culturais, "nascidas no *sens pratique* da vida cotidiana, dignas de estudo". (DE CERTEAU *apud* FONSECA, 2000, p.17).

Para me remeter aos moradores do bairro das Flores, uso as categorias analíticas e/ou nativas de "*trabalhadores pobres*" e/ou "*moradores da periferia*". Na condição de trabalhadores pobres, analiso os membros desse grupo popular enquanto consumidores que percebem uma baixa remuneração por um esforço prolongado de trabalho. (ZALUAR, 1985 e FONSECA, 2000). Todavia, adotando apenas esse sentido excluiria os demais moradores do bairro, que são considerados como "inativos" pelos Institutos Nacionais de Pesquisa (IBGE e outros), ou seja, aposentados ou menores que ainda não ingressaram no mercado de trabalho (formal ou informal). Assim, de maneira complementar emprego a categoria de "*moradores da periferia*" quando me refiro às análises das questões urbanas, mais especificamente "aos bairros mais distantes, mais pobres, menos servidos por transportes e serviços públicos". (DURHAM, 1986, p.86).

No tocante ao fato de utilizá-las no plural, isto é, trabalhadores pobres e moradores da periferia, sigo a observação de Duarte (1986), quando emprega a locução "classes trabalhadoras", ao invés de "classe trabalhadora", desejando abarcar sob um prisma morfológico grupos o mais distintos ou plurais possíveis, no universo dos trabalhadores (p.127). Esse jogo de palavras guarda nas suas entrelinhas o repúdio à reificação da "cultura da pobreza" (DUARTE, 1986 e ZALUAR, 1985), presente no reconhecimento da pluralidade de populares e não em sua homogeneização⁴⁴.

⁴⁴Quanto à tendência de alguns estudos uniformizarem (ou até naturalizarem) o significado da pobreza, Zaluar faz uma revisão minuciosa, mostrando que essa "cultura da pobreza", desde fora imputada e generalizada aos grupos populares, torna-os apáticos sobretudo no tocante à política, sem a capacidade de organização e vinculação a quaisquer instituições que divirjam da família, única instituição a eles "naturalmente" acessível. (ZALUAR, 1985, p.41).

Seguindo a esteira dos ensinamentos de Duarte (1986), lembro que essa "cultura da pobreza" tem suas raízes fincadas também nos estudos de comunidade, desde Redfield (1947), nos quais se vê a naturalização da idéia de progresso e, portanto, de melhor aproveitamento por parte dos mais abastados dos meios de produção, eximindo-os de quaisquer relações de exploração ou mesmo de desigualdade.

A apreensão e reconhecimento da alteridade e heterogeneidade (BOURDIEU *apud* BOFF, 1998, p.48) do popular gera a possibilidade "de não passar por cima da ampla diversidade interna desse outro popular". (BOFF, 1998, p.48). Pois lembremos que não se trata de indivíduos que compõem uma massa amorfa ou que sejam definidos sempre pela ausência, isto é, indivíduos sem voz ativa, sem posição política, sem teto, sem emprego e sem objetivo de vida. Ao contrário, esses grupos populares apresentam lógicas autônomas operantes. (FONSECA, 2000; BOFF, 1998 e DARNTON, 1986). "E, se queremos entender sua maneira de pensar, precisamos começar com a idéia de captar a diferença". (DARNTON, 1986, p.xv). Em outras palavras, é preciso apreender e compreender essa diferença.

Com esse intuito, descrevo na seqüência alguns dos aspectos sociais (moradia, educação, etc.), econômicos (emprego, vestuário, etc.) e políticos (formas de associação e reivindicação) da vida cotidiana no bairro das Flores.

O bairro das Flores, também conhecido como "*jardim*", "*moradia*" ou "*vila*" das Flores, surgiu há aproximados 15 anos, como resultado de um dos empreendimentos da imobiliária São Lucas⁴⁵, combinado ao Fundo Municipal de Habitação⁴⁶, na periferia do Município e cidade de Araucária. Esse empreendimento consistiu no loteamento com posterior venda desses lotes⁴⁷, sem os respectivos acréscimos de quaisquer benfeitorias sobre os mesmos. Atualmente com aproximados 1000 moradores, não há mais lotes "*baldios*" a ser vendidos pela imobiliária São Lucas, restando como opção de moradia a locação ou a compra de casas.

⁴⁵Com sede no centro de Araucária.

⁴⁶Conforme planta do bairro constante nos anexos, são 268 lotes que o compõem. Destes 268, 53 apresentam vínculo com a prefeitura de Araucária, tendo recebido financiamento do fundo municipal de habitação. Outra vila, o Jardim Planalto, apresenta 597 lotes, sendo todos vinculados à COHAPAR, Companhia de Habitação Paranaense.

⁴⁷Todos os lotes apresentam uma média de 150 m² de área, conforme planta nos anexos.

As sete ruas que integram o bairro das Flores⁴⁸ são de chão batido e pedra, exceto a rua dos Cravos, cujo fluxo constante de pedestres, de bicicletas, de motos, de carros e de ônibus mostra ser ela a principal via de acesso à vila e ao centro de Araucária. Todas apresentam uma infra-estrutura básica, composta de luz elétrica e água tratada, mas sofrem igualmente pela ausência de esgoto, que é substituído pelas fossas.

Quanto aos serviços ofertados no bairro, há uma escola municipal com ensino de 1.^a a 5.^a séries do ensino fundamental; uma quadra esportiva da escola destinada ao lazer; uma sede da Igreja Católica; uma sede da Igreja Evangélica do Reino de Deus; cinco bares; duas verdurarias; um mercado; dois terreiros de "macumba"; três telefones públicos; uma sede da associação dos moradores e duas linhas de ônibus – uma que vai para o centro de Araucária e a outra que vai para o Terminal do Pinheirinho, em Curitiba.

As casas na vila das Flores apresentam construções padronizadas, já que seus modelos oscilam entre as conhecidas "meias-águas" e "duas-meias-águas", em madeira ou alvenaria⁴⁹. As janelas são quadradas e de ferro, as portas, de madeira; os portões são de ferro ou madeira, podendo também se ver cercas de arame farpado ou muros de alvenaria delimitando as fronteiras das propriedades particulares.

Um número significativo de mulheres detém a propriedade legal das suas casas, estejam elas casadas ou não. Essa constatação, aliada ao fato de que as mulheres casadas no bairro não deixam de trabalhar, ou às vezes arcam sozinhas com as despesas da casa, rompem com a noção naturalizada de que o sustento da unidade familiar nos grupos populares é provido única e exclusivamente pelos homens. Nesse sentido, é interessante pontuar a relação que esses moradores da periferia estabelecem com a aquisição de um imóvel, ou ainda, com aquela que já

⁴⁸Ver mapas nos anexos.

⁴⁹Ver fotos nos anexos.

incorporou os discursos de políticos em campanhas pré eleitorais: "a tão sonhada casa própria". Esse discernimento tornará mais claro o entendimento da relação que esses trabalhadores pobres locais fazem entre "*periferia*" e "*centro*".

Durham (1986) em "A sociedade vista da periferia", aduz que a periferia é vista pelos seus moradores sob a perspectiva de processo e progresso. Acrescenta que o progresso chega aos lugares periféricos (favelas, bairros, cidades pequenas, etc.), vindo da cidade grande. A autora, por sua vez, dissecou as concepções de progresso e processo da seguinte maneira:

implica uma visão diferencial e histórica dos bairros da cidade e a localização dos habitantes nesse espaço é correlacionada com sua posição na sociedade e com sua perspectiva de melhoria progressiva dessa posição. (...) O processo se inicia pela compra do lote, prossegue com a construção parcelada da casa e é o mesmo que se encontra na periferia de São Paulo. (...) O geral é o relato da construção da casa por fases como o melhor exemplo de que as coisas vão melhorando, devagar e sempre: há progresso, enfim. No que diz respeito à casa própria, as declarações anteriores já indicaram que seu significado ultrapassa bastante o de um local seguro para morar. É, por um lado, a prova de que é possível ascender; por outro, é uma poupança e um investimento. Os terrenos valorizam, a casa pode ser ampliada e alguns cômodos alugados para garantir uma renda extra e, no limite, pode ser vendida para se realizar um outro projeto: comprar um sítio no interior, estabelecer-se por conta própria. (DURHAM, 1986, p.90).

A meu ver, Durham, com uma proposta mais sociológica e menos atida ao particular⁵⁰, não prevê, como Zaluar (1985), que os moradores da periferia não tenham como pacífica a idéia de casa própria como bem de consumo, mas acima de tudo como bem de capital (ZALUAR, 1985), passível de ser vendido ou trocado a qualquer instante, bastando para isso que uma dificuldade sobrevenha. Sob esse prisma, não vejo a noção de progresso presente na relação dos moradores do bairro das Flores com a aquisição da casa própria, pois apesar de estarem pagando por um imóvel, eles não titubeiam em negociá-lo a qualquer momento. Nesse sentido entende-se a realidade do bairro das Flores, na qual os moradores vendem as suas casas por R\$ 1500,00, R\$ 2000,00 ou R\$ 3000,00, e os compradores as adquirem pelo referido valor acrescido das parcelas atrasadas junto à Imobiliária. Uma

⁵⁰Esta como uma das marcas da visão antropológica.

moradora, por exemplo, mostra como a casa própria é um sonho longe de ser concretizado na periferia, pois a casa que deseja vender já está com 12 prestações atrasadas e foi adquirida com o dinheiro de outra que vendeu sob as mesmas dificuldades financeiras e de sobrevivência atuais.

Sugeri que esse sonho da casa própria dificilmente se concretiza na periferia, pois como bem observam a própria Durham (1986) e também Zaluar (1985), a compra do imóvel se faz através de prestações mensais que podem ser menores do que os aluguéis no passado pagos. Acontece que, no bairro das Flores, aqueles moradores que migraram de outros bairros da periferia de Curitiba ou das cidades maiores, contavam com um aparato maior de serviços próximos das suas casas, cuja concorrência barateava o custo final de produtos como remédios, móveis, vestuário, materiais escolares, alimentos em geral e produtos de limpeza, entre outros. Sem contar com os serviços públicos de saúde e lazer, que no bairro das Flores também não existem ou são escassos.

Assim sendo, os moradores que antes economizavam com uma série de produtos e serviços, hoje, residentes no bairro das Flores, pagam mais caro para ter acesso a esses mesmos produtos e serviços. Percebe-se, portanto, que muitos destes moradores não vêem diferença monetária entre o antigo pagamento do aluguel e o atual pagamento das parcelas para a aquisição da pretensa casa própria, visível na maneira desapegada com que a maioria deles se desfaz do referido imóvel. (ZALUAR, 1985).

O sistema de parcelamento vigente no bairro, com prestações que variam de R\$ 90,00 a R\$ 200,00 mensais durante um período de 120 meses, pode ser comparado ao sistema financeiro de habitação federal, administrado pela Caixa Econômica Federal e destinado à classe média brasileira. Atualmente são milhares os processos judiciais que tramitam nas justiças federais regionais pleiteando uma revisão dos valores mensais pagos a título de prestações à Caixa Econômica Federal, pois esses valores nunca amortizam os montantes totais devidos pelo imóvel. Muitos desses mutuários optam por proceder da mesma maneira que os moradores do bairro das Flores, isto é, anunciam nos jornais locais a venda do

imóvel, com conseqüente transferência dos débitos. O dinheiro dessa venda, por vezes – como os moradores da periferia fazem – também é canalizado para o pagamento de dívidas antigas que se transformaram em uma bola de neve, como a pretensa quitação do imóvel, presente por vezes apenas no plano discursivo.

Portanto, no que diz respeito à noção de casa própria, os moradores do bairro das Flores que optam pela compra dos imóveis o fazem imbuídos da esperança de realmente adquiri-la. Mas esse sentimento dificilmente se realiza, pois com os anos, as outras despesas cotidianas e tidas como prioritárias, como luz, água, alimentação, transporte, remédios etc., fazem com que esses moradores atrasem suas prestações. Ao longo de algumas renegociações da dívida acumulada, a casa própria, que era no início vista como solução, torna-se um real problema. A solução paliativa para o problema se dá por meio da troca ou venda do imóvel por um valor diminuto, que na maioria das vezes é redirecionado para outras dívidas, e assim por diante. São poucos os que adquirem à vista a casa própria, ou na pagam em parcelas mensais sem maiores dificuldades. Mesmo porque a maioria desses moradores é de assalariados que auferem mensalmente até 4 salários mínimos no desempenho de atividades como a de biscateiro, autônomo(a), faxineira, empregada doméstica, dentre outras.

Todos esses problemas de ordem financeira e pessoal, são amenizados e compartilhados através da sociabilidade presente nas redes de vizinhança. Nessas relações percebe-se tanto a articulação social quanto política de homens e mulheres do bairro das Flores. Costumam se ajudar através de trocas de alimentos, mostrando uma realidade onde, às vezes, a manutenção e educação dos filhos por um(a) assalariado(a) que percebe mensalmente o salário mínimo fica impossível. Note-se que a melhoria de vida nestas condições equivale à aquisição de um direito básico e vital no dia-a-dia dos moradores do bairro das Flores. Segundo Zaluar (1985), esses indivíduos "querem melhorar de vida, isto é, receber um tratamento humano decente no trabalho e na rua, salários suficientes para dar o que comer à família, ter casa, roupa nova e decente para vestir e ter saúde". (p.229).

A busca por melhores condições de vida se expressa nas reclamações dirigidas ao patrão ou ao prefeito, que se estendem ao precário sistema hospitalar, pois não há nenhum hospital próximo à vila, apenas um posto de saúde cujo atendimento se encerra às 20h30. Em virtude dessa ausência de serviços hospitalares acessíveis, muitos moradores satirizam a situação, dizendo que a doença no bairro das Flores tem horário para chegar.

É importante ressaltar que as queixas contra os aumentos das taxas de água e de iluminação, ou mesmo à falta de dinheiro para pagamento das contas em atraso, sejam feitas via de regra pelas mulheres, e em especial pelas largadas, ressaltando, com isso, que o acesso às esferas públicas não é uma prerrogativa exclusiva dos homens. Além disso, tais reclamações são realizadas diretamente na prefeitura de Araucária ou na Câmara dos Vereadores, sugerindo tanto uma provável relação de clientelismo⁵¹ entre políticos e moradores, quanto, e sobretudo, a lembrança do voto dado a um certo candidato e a consciência dos moradores de que esse (vereador ou prefeito) os representa perante uma força externa maior⁵². (ZALUAR, 1985).

⁵¹Zaluar (1985) esmiuça esse assunto, tornando-se oportuno apenas acrescentar que o clientelismo não é uma prática ou fenômeno dos pobres, mas da população brasileira em geral. Ou, nas palavras da própria autora:

Reservar o clientelismo para as classes desfavorecidas ou pouco educadas é igualmente arriscado. Pois as classes médias e superiores têm, em virtude de seus contatos pessoais intraclasse, por amizade ou parentesco, a possibilidade de obter empregos, auxílios e privilégios junto ao Estado e outras fontes institucionais de recursos como a Igreja e as Fundações. Isso é tão mais verdadeiro em países em que a corrupção e o favoritismo não estão sob o controle da opinião pública crítica. Aos trabalhadores pobres, que não gozam ainda da assistência estatal nem do direito ao trabalho, nem os contatos intraclasse, resta o recurso à relação vertical patrão-cliente na versão moderna do clientelismo político. Todas as classes sociais em todos os níveis educacionais participam, em certa medida, portanto, do processo de intermediação e gozam do favoritismo, variando apenas o grau de visibilidade destes. (ZALUAR, 1985, p.223).

⁵²Concordo com Durham (1986) ao dizer que os moradores da periferia dirigem suas reclamações ao "Governo" ou "a eles", não havendo total conhecimento quanto às diferentes competências para se resolver os problemas socioeconômicos. Todavia, discordo quando ela afirma que essa forma de exterioridade com relação aos órgãos públicos vem acompanhada de um desconhecimento quanto à representatividade dos vereadores e prefeitos pelos moradores. Pois, no bairro das Flores, como já expus, os moradores lembram de seus deputados estaduais e vereadores e quando estão em dificuldades exigem destes a resolução de problemas que não são resolvidos por outras instâncias do poder público, conforme exemplos dados na seqüência do trabalho.

As redes de vizinhança, além de expressar os conflitos da vila em relação ao externo⁵³, também falam das tensões internas entre os moradores do bairro.

Tais tensões podem ser percebidas na ausência de auxílio entre moradores quando da necessidade de ajuda por ocasião de problemas de saúde. Em alguns casos, os vizinhos proprietários de carros não se dispõem a levar um outro, doente, até o hospital mais próximo, obrigando alguns moradores a utilizarem os serviços de ambulância, que nem sempre são rápidos. Nesses casos, interessa saber entre quais vizinhos tais ajudas não são prestadas, e o verificado foi que na maior parte das vezes a ausência de ajuda se deu das casadas em relação às largadas. Isso mostra que a solidariedade não é um princípio generalizado e acompanha as divisões internas do bairro, sobretudo aquela que distingue casadas e largadas. Em uma situação presenciada, uma moradora classificada como largada se negou a chamar alguns vizinhos proprietários de carros para levá-la ao hospital, alegando que se tratava de homens casados, e que o pedido não agradaria às esposas desses homens. Situações como essa mostram a posição inferior na qual as largadas se encontram, dado que não contam com um marido que as proteja e as sirva de dia e à noite, conforme fazem questão de frisar Lola e Maria. Vê-se também que as largadas são classificadas enquanto inferiores em relação às casadas, e também em relação aos homens, cuja superioridade reside no caráter protetivo desempenhado no casamento, tão importante para a constituição e a aceitação das mulheres na região⁵⁴.

Esta rivalidade existente na relação entre largadas e casadas, também se expressa no espaço da Associação dos Moradores e da Igreja Católica.

⁵³Por meio destas relações conflitantes é possível perceber as desigualdades existentes.

⁵⁴O valor do casamento para os moradores do bairro estudado será tratado no próximo capítulo. Aqui apenas mencionei-o para exemplificar como se processam as relações de disputa e de confiabilidade nas redes de vizinhança do bairro.

Durante o ano de 2001 a Associação e a sede da Igreja Católica dividiram o mesmo espaço físico⁵⁵. Aos domingos, das 09h00 às 10h00 havia missas; às segundas e quartas-feiras, das 19h30 às 20h30 aconteciam os cultos⁵⁶ e reuniões dos fiéis. No final do ano de 2001, a Igreja transferiu suas atividades para o pavilhão, ainda em construção, do único mercado do bairro vizinho, o jardim São Jorge. Tão logo findaram as comemorações do final de ano, como as celebrações das primeiras comunhões, as missas de Natal e de Ano Novo, e tendo sido terminada a construção do referido mercado, a Igreja Católica retornou ao espaço antes partilhado com a Associação dos Moradores.

Em quaisquer desses horários, a Igreja costumava ser freqüentada por casadas, solteiras, viúvas e crianças. As largadas alegam não freqüentá-la em virtude das fofocas e cochichos que sobretudo as casadas faziam contra elas durante as missas e cultos, especificamente no que diz respeito à roupa usada. São essas as razões, dizem as largadas, que as impedem de freqüentar este espaço, mesmo exigindo que suas filhas o façam.

Quando não há atividades da Igreja Católica, a Associação dos Moradores pode se reunir, seja para discutir alguma questão urgente, seja para promover as "*lingüiçadas*" com cerveja para os moradores⁵⁷, ocasiões de que todos os moradores

⁵⁵A sede da Igreja Católica será construída tão logo haja verba suficiente. No período da minha pesquisa houveram reuniões para se decidir a maneira de contribuição de cada morador, nas quais participaram os fiéis e o morador - Sr. Valdir -, responsável pelos assuntos cotidianos da Igreja. Como foram discussões iniciais, nenhum consenso foi tirado, e então, a Igreja continua funcionando em sua sede provisória.

⁵⁶A denominação "*culto*" é nativa, e idêntica à maneira como os moradores evangélicos se referem às reuniões semanais das quais também participam.

⁵⁷Com relação às atividades desempenhadas pelo presidente da Associação, Sr. Leonel, alguns informantes disseram que ele servia para promover festas para as crianças e distribuir algumas cestas básicas para os moradores que necessitassem. Não me aprofundi nas atividades da associação, mas creio ser importante mencionar estas observações, pois diferentemente do que é imputado aos pobres, estes deixam de receber auxílio material por mais que necessitem, não sendo perceptível a disseminação de uma consciência voltada à razão prática, pura e simples. Cito o exemplo de Maria, que mesmo precisando da cesta ofertada pelo presidente da Associação, recusou-a por ter sido xingada de "*vagabunda*" pelo seu Leonel. Vê-se, portanto, que acima da necessidade material impera a questão da honra e, intrinsecamente ligada à ela, a questão do "orgulho próprio" (PITT-RIVERS, 1979).

participam, e em que se observa a preocupação das casadas em acompanhar e vigiar seus maridos. A razão dessas atividades reside, dizem as casadas, no fato de que onde há bebida, há homens casados ou solteiros, e há, portanto, largadas que não têm reservas para dançar, beber e conversar com todos. As relações entre os moradores e as estratégias de convivência entre eles serão retomadas no quarto capítulo, restringindo-nos agora apenas à menção daquelas vinculadas ao espaço da Igreja e da Associação dos Moradores.

Os furtos residenciais no bairro também ressaltam essas relações tensas entre os moradores pois, conforme alguns informantes, a maioria dos assaltados é de devedores dos assaltantes. Sendo assim, por mais que os vizinhos do assaltado tenham visto todo o furto, jamais revelarão os nomes dos ladrões. Nessa situação, os homens, que nas relações com as mulheres ocupam - sobretudo no que diz respeito à importância do casamento para as mulheres do lugar - a condição de "*superiores*", passam a ocupar também a condição de inferiorizados e marginalizados em comparação aos assaltantes e demais moradores (incluindo as mulheres), pois para estes últimos, os assaltados são vistos como devedores e não cumpridores de seus compromissos. Ressalte-se ainda que nas relações entre os homens não se vive apenas de promessas, pois a maioria das palavras por esses proferidas deve vir acompanhada das suas respectivas atitudes probatórias, o mesmo não ocorrendo nas relações entre homens e mulheres, em especial no casamento, como será visto no próximo capítulo.

Ao serem questionados sobre seu desejo de mudar de bairro, os moradores da vila das Flores dizem que uma mudança seria bem vinda caso a nova residência fosse próxima ao "*centro*" de Araucária ou de Curitiba. No entanto, de maneira diferente daquela veiculada pela imprensa, os informantes aduzem ainda que o banditismo é um problema maior no centro do que na periferia⁵⁸. Assim, se por um lado o centro é enaltecido como fornecedor de serviços inexistentes e mais

⁵⁸Nesse mesmo sentido aponta a pesquisa de Durham (1986).

eficazes do que aqueles disponíveis na periferia; por outro, a periferia é enaltecida pelas relações de vizinhança que proporciona. Vê-se, porém, que os conflitos e tensões internas ao bairro ressaltam contradições entre o cotidiano dos moradores e os discursos por eles construídos e veiculados para os de fora. Daniel (21 anos, solteiro, comerciante) apresenta uma das melhores condições de vida no bairro, pois é filho do proprietário do único mercado do lugar. Ao falar do local onde reside, Daniel não titubeia ao dizer que prefere residir na vila do que em Curitiba, pois lá "*ninguém se conhece na rua, e ninguém é amigo de ninguém*", argumenta, após ter vivido a experiência⁵⁹. Por outro lado, seu discurso também aponta para a ausência de muitos serviços e bens na periferia – hospital, lazer, bancos, farmácia –, em comparação com o ofertado na cidade grande (Curitiba) ou no centro de Araucária.

Depreende-se disso que a auto-representação ou identificação dos moradores, no bairro das Flores, se dá também pelo local de moradia, isto é, pela relação estabelecida entre as categorias (nativas)⁶⁰ periferia *versus* centro, pautada na construção de um discurso desde dentro, destinado especialmente a vender uma imagem local não condizente com a realidade do dia a dia aos que a observam "desde fora". Assim, sob essa perspectiva as categorias são constantemente valoradas, negativa ou positivamente, dependendo dos aspectos sociais, políticos ou econômicos a elas correlacionados, e que se deseja destacar.

Com o intuito de esclarecer melhor esses valores atribuídos ao centro e à periferia, levando-se em consideração o discurso construído pelos moradores não equiparável à realidade conflitante diariamente vivida, pode-se sintetizá-los da seguinte forma:

⁵⁹É importante consultar o trabalho feito por Duarte (1986) e sua análise da classe trabalhadora urbana como sendo regida pelos princípios organizadores da hierarquia e do holismo, em contraposição às demais classes, onde prevalece o individualismo. Ao empreender no capítulo seguinte a análise das relações estabelecidas entre honra masculina e feminina, retorno a essas considerações acerca de individualismo e holismo e, sobretudo, à noção de hierarquia dumontiana.

⁶⁰Assim como utilizei as categorias "*moradores da periferia*" e "*trabalhadores pobres*" como sendo analíticas e nativas, o mesmo faço com as categorias "*periferia*" e "*centro*".

PERIFERIA	CENTRO
Rede de vizinhança	Ninguém se conhece na rua
Ausência de serviço hospitalar, bancário, farmacêutico, dentre outros	Existência de variedade e disponibilidade maiores de serviços.
Gasta-se mais com transporte, bem como com vestuário, escola secundária, mantimentos, dentre outros, frente à ausência de concorrência	Preços mais acessíveis, graças à concorrência
Pouca ou nenhuma opção de lazer	Existência de mais opções de lazer
Banditismo menor	Banditismo maior
Crianças brincam na rua	Maiores restrições na criação das crianças

Vê-se, portanto, que não há uma assimetria absoluta entre periferia e centro, mas uma distinção daquilo que pertence a um ou a outro espaço. Ou seja, ambos recebem dos moradores do bairro das Flores referências positivas e negativas, não havendo a atribuição de características depreciativas apenas para a periferia e enaltecidas apenas para o centro, ou vice-versa. Note-se, também, que todo o valor positivo atribuído à periferia se refere à esfera do privado, como no caso da rede de vizinhança com menor taxa de banditismo, capaz de tornar o ambiente propício para que as crianças cresçam brincando na rua. Ao contrário, ao centro atribuem-se valores negativos que se referem à esfera do público, de tudo o que é impessoal, como o fato de ninguém se conhecer e, portanto, não se reconhecerem na rua, aliado à elevada taxa de banditismo, capaz de tornar o ambiente não propício à criação dos filhos em tenra idade.

Ao falar dos valores positivos e negativos atribuídos à periferia e ao centro, deve-se ter em mente que esses mesmos valores podem ser transmitidos aos moradores desses locais em forma de sistema classificatório. Com isso, sugiro pensarmos as categorias centro e periferia, enquanto referenciais de espaço (ou local), e agentes⁶¹ (ou atores sociais), possibilitando a compreensão da correlação

⁶¹Sem entrar em maiores questões teóricas, ressalto que o uso do termo agente, ao invés de indivíduo, além de ressaltar a unicidade ou a singularidade de cada pessoa/indivíduo em um dado contexto social, também enfatiza que esses indivíduos agem, e não apenas se sujeitam (sujeito).

entre moradores da periferia do bairro das Flores e bandidos, feita pela imprensa paranaense. (Tribuna Paraná, 2002).⁶²

À luz desse raciocínio, pode-se adiantar que ora a periferia aparece como positivamente valorada, sobrepondo-se à categoria centro, ora aparece como negativamente valorada em relação à categoria centro⁶³. Onde nos deparamos com relações assimétricas e hierárquicas, cujas posições de superioridade e inferioridade - vinculadas respectivamente a valores positivos e negativos – entre periferia e centro, oscilam conforme a situação analisada⁶⁴. Tais relações podem ser estendidas àquelas travadas entre os próprios moradores do bairro das Flores, como mencionamos ao descrever as redes de sociabilidade e vizinhança dos seus moradores.

Desta forma, considero como diretrizes das relações estabelecidas entre os moradores do bairro, e destes periféricos com os considerados cidadãos, as seguintes hipóteses:

- 1) deve-se entender que estas relações, por mais desinteressadas que aparentem ser, visam resguardar interesses. E, como mostrarei nos próximos capítulos, é por meio do conceito de estratégia (BOURDIEU, 1996) que estes interesses, mais interessados ou desinteressados, se concretizam. Na maioria dessas relações percebe-se, portanto, a presença do poder enquanto um jogo de forças, capaz de mostrar a presença em maior ou menor grau "da luta de todo mundo contra todo mundo". (FOUCAULT, 1979).

⁶²Em matéria publicada no mês de abril do corrente ano, esse Jornal afirmou tratar-se o bairro das Flores de um local onde o banditismo (ou "terra sem lei") impera.

⁶³Ao enfatizar a existência de assimetria nas relações, não quero dizer com isso que essas relações não possam apontar também para a existência de simetria.

⁶⁴Duarte (1986) resgata uma análise de Dumont (1997) sobre o estudo das estruturas segmentárias de Evans-Pritchard, entre os Nuers. Ao empreender esse resgate, o autor correlaciona esse tipo de segmentariedade com as diversas significações atribuídas aos termos grupos, comunidades, etc. Penso que poderei estender tal correlação para a ilustração dessa oscilação entre homens e mulheres enquanto superiores e inferiores no bairro das Flores.

- 2) as relações externas, estabelecidas entre periferia e centro (sob a perspectiva dos moradores do bairro das Flores), e internas, isto é, entre os moradores, apontam para a existência tanto de desigualdade como de diferença. (LANNA, 1995 e DUMONT, 1997). A presença da desigualdade, visível na inferioridade e superioridade vinculadas aos valores positivos e negativos atribuídos às categorias, mostra a presença de relações assimétricas, seja entre periferia e centro, seja entre largadas e casadas, seja ainda entre homens e mulheres.
- 3) Ao destacar a existência de assimetria e desigualdade nas relações firmadas entre periferia e centro, pode-se cogitar o surgimento de relações arbitrárias ou de violência (simbólica ou não), tal como ocorrera na matéria publicada pelo jornal Tribuna do Paraná.
- 4) Tanto as relações estabelecidas entre periferia e centro quanto aquelas estabelecidas entre os moradores do próprio bairro das Flores mostram a existência não apenas de hierarquia, seja nas relações entre cidadãos e periféricos, seja nas relações entre casadas e largadas, mas também de assimetria⁶⁵.

Essas pontuações tornam-se imprescindíveis para se pensar que as diferentes relações que caracterizam ou dão vida ao bairro das Flores e aos seus moradores não se limitam aos lugares de vítimas ou opressores. (GROSSI, 1998). Nem tampouco pode-se afirmar que os moradores da periferia se vêm enquanto inferiores aos cidadãos em todas as relações estabelecidas⁶⁶ com estes últimos.

⁶⁵Somente no próximo capítulo analisarei a existência ou não de complementaridade entre as diferentes relações do bairro com o exterior, ou das relações internamente estabelecidas no bairro entre os moradores. Portanto, a noção de hierarquia nesse momento deve ser entendida como gradação dos elementos entre si (LEACH, 1979) e não, como concebe Dumont (1997), como uma gradação dos elementos em relação ao todo, orientada ou não pelo princípio religioso. (LANNA, 1995).

⁶⁶Nesse sentido a correlação pressuposta por Braudel (*apud* LANNA, 1995, p.52), na qual ser cidadão é ser superior, merece restrições quanto à generalização indiscriminada.

CAPÍTULO 3

UMA QUESTÃO DE HONRA

As pesquisas realizadas por Pitt-Rivers (1979) a partir da década de 50 na região mediterrânea, com maior ênfase na Espanha⁶⁷, trouxeram à tona questões imprescindíveis à melhor compreensão da honra. Entre elas, destacam-se duas que reputo importantes, a saber:

- 1) o fato da honra não ser mais uma questão relacionada apenas à aristocracia, ou ainda, reduzida à sinonímia de nobreza (DE SAINT MARTIN, 1992, p.151), mas de encontrar-se "lá onde as pessoas estão fora e não necessariamente acima de uma lei central". (FONSECA, 2000, p.15), e finalmente,
- 2) por ser uma temática que difere de sociedade para sociedade, apesar de constante em todas (sob terminologias distintas), Pitt-Rivers, depreende dos casos particulares um conceito antropológico e analítico para a honra. O autor afirma que através desta categoria analítica torna-se possível, por exemplo, a aproximação de cristãos e muçulmanos, tão diferentes em outros valores, mas próximos no tocante à honra enquanto

valor de una persona para sí misma, pero también para la sociedad. Es su opinión sobre su propio valor, su reclamación del orgullo, pero también es la aceptación de esa reclamación, su excelencia reconocida por la sociedad, su derecho al orgullo. (PITT-RIVERS, 1979, p.21).

Ao insistir em transcrever o conceito literal de honra, não apenas busco, como Fonseca (2000), enfatizar os seus aspectos social e psicológico⁶⁸, mas almejo,

⁶⁷ Seu primeiro trabalho etnográfico voltado à temática da honra se deu com "el pueblo de la Sierra de Cádiz", Espanha, em 1954. (PITT-RIVERS, 1979).

⁶⁸ Estes dois aspectos encontram-se postos no próprio conceito de Pitt-Rivers acima transcrito, e pelo autor também enaltecidos. De qualquer forma, o cunho psicológico reside no reconhecimento para si do seu orgulho próprio, e o social vincula-se à aprovação deste orgulho individual pela opinião pública (FONSECA, 2000 e PITT-RIVERS, 1979).

acima de tudo, mostrar, sob a inspiração de Durkheim (1988), a importância do conceito como fio condutor da própria capacidade humana de se relacionar e de se comunicar. E, portanto, mais facilmente serão compreendidas todas e quaisquer maneiras de pensar, agir e sentir distintas às nossas.

Na esteira dos estudos de Pitt-Rivers (1979)⁶⁹, destacam-se as pesquisas realizadas por Fonseca (1991; 1995; 2000), sobretudo por reafirmarem a discussão da honra como uma questão atinente aos grupos populares⁷⁰ e/ou pessoas de baixa renda. Além do trabalho de Fonseca, outros podem ser citados como elucidativos nas questões direcionadas à honra, tais como: Marques (1995), Melhus (1990) e Dos Santos (2001).

No bairro em questão, a honra aparece como categoria nativa quotidianamente vivida⁷¹, ora nos constantes julgamentos valorativos (reprováveis ou não) aos quais são submetidos os moradores locais, em especial as mulheres ao serem chamadas de "*vagabundas*", "*cadelas*" ou "*jaguaras*", ora no próprio sistema classificatório (DURKHEIM e MAUSS, 1988) vigente entre as mulheres do bairro, que se vêem e são vistas como "*não casadas*" e "*casadas*". As casadas freqüentemente são correlacionadas ao atributo de "*honradas*", e entre as "*não casadas*" há as largadas, que são corriqueiramente vinculadas à pecha de "*sem vergonhas*" / desonradas (MELHUS, 1990; PITT-RIVERS, 1979; BOURDIEU, 1971 e DOS SANTOS, 2001)⁷².

⁶⁹Também menciono Bourdieu (1971).

⁷⁰Em um dos seus livros (1979), Pitt-Rivers aduz, ao afirmar que a honra não diz respeito apenas à aristocracia, mas também aos menos abastados, que um dos símbolos historicamente vinculados à representação da honra e do prestígio da nobreza é a "*cabeça*", motivo pelo qual as agressões e/ou vinganças, bem como as ofensas, desde longa data enfocam-se na cabeça: decapitação, tapas.... O mesmo pode ser verificado nos trabalhos de Fonseca (2000) e Dos Santos (2001), com as constantes agressões direcionadas ao rosto, sobretudo, de mulheres, mostrando como os sujeitos de baixa renda são detentores de honra. No bairro das Flores não é diferente.

⁷¹Ao escrever que a honra aparece como quotidianamente vivida, tendo a evidenciá-la como questão cara e relevante ao próprio grupo, numa forma não necessariamente explícita.

⁷²Mesmo que de maneira indireta, estes autores fazem remissões correlacionais, seja entre honra e casamento, seja entre desonra e falta de recato, tal como ocorre no bairro das Flores.

Com base nestas breves considerações acima delineadas, na seqüência pormenorizarei os elementos constitutivos das honras masculina e feminina, assim como mostrarei, ao dissecar a honra feminina, algumas das características que perpassam as diferentes expressões do ser mulher e as idealizações (femininas) do ser homem no bairro das Flores.

3.1 VIRILIDADE, CORAGEM E PROTEÇÃO: A TRÍADE DA HONRA MASCULINA NO BAIRRO DAS FLORES

A honra masculina no bairro das Flores alicerça-se sobre um tripé formado pelos pilares da virilidade, da coragem e da proteção. Todos esses elementos aparecem no cotidiano do bairro, interligados ou encadeados. Por questões didáticas, descreverei e analisarei cada um deles da maneira mais apartada possível.

A virilidade entre os homens locais expressa-se, verbal e simbolicamente, por meio dos seguintes comportamentos:

- conversas que enaltecem quantas mulheres foram "*comidas*"⁷³;
- remissões aos filhos "*feitos*" no casamento ou fora dele, e então da qualidade de "*reprodutor*" e "*predador inato*"⁷⁴ que os homens detêm;
- "*rodadas de pinga*" sempre ingeridas antes das "*rodadas de cerveja*";
- atribuição dos rótulos não-pejorativos de "*cachorro*"⁷⁵ e/ou "*jaguar*" aos homens honrados;
- reforço da demonstração de virilidade por meio das genitais, que por vezes são mostradas.

As conversas entre os homens, estabelecidas nos bares, mostram como a mulher é um assunto recorrente entre eles. Da mesma forma que Alvito (1998) verificou na favela de Acari, no bairro das Flores os homens "jamais falam de suas mulheres de forma explícita" (p.196) mas não deixam de comentar sobre aquelas que não são suas, ou de seus conhecidos, mostrando com isso quais são as mulheres "*jaguaras*", "*cadelas*", "*piranhas*" ou "*vagabundas*" que eles "*comeram*", "*traçaram*" ou "*rufaram*".

⁷³Woortmann (1986) também identificou tais comportamentos remissivos à mulher, em pesquisa empreendida em Sergipe.

⁷⁴Tais termos nativos foram veiculados por Sávio (39 anos, separado, policial).

⁷⁵Nas indústrias franceses do século XIX, Perrot ([s.d], p.146) verificou a existência de supervisores conhecidos como "cães do capital", pelo fato de se aproveitarem especificamente das mulheres operárias.

Em uma pesquisa entre camponeses de Sergipe, Woortmann (1986) correlaciona a comida, a família e a construção de identidade(s) do gênero feminino. O autor mostra como os espaços da sala, durante o dia, e do quarto, à noite, destinam-se à reprodução da família, e como em ambos o homem aparece na prática e/ou ideologicamente como hierarquicamente superior à mulher e aos filhos. Se na sala é ele que provê o sustento da família com a comida, também o é no quarto, onde ele "*come*" a sua mulher para também manter a sobrevivência da família.

A mulher, nesse jogo de homologias entre o espaço da casa e os papéis de gênero, escreve Woortmann (1986), "é comida pelo homem, e é mesmo percebida como a comida do homem, enquanto o inverso nunca se verifica na ideologia de pares sexuais tradicionais". (p.108). Do mesmo modo, esta forma de expressão, que equipara a mulher à comida, no bairro das Flores salienta como ao homem se atribui ou se veicula todo e qualquer símbolo voltado à expressão da atividade e da ação, e dificilmente a ele são atribuídos quaisquer símbolos de passividade⁷⁶. Essa questão será retomada adiante.

A capacidade de "*comer*" as mulheres e delas tirar todo e qualquer nutriente que alimente sua honra no bairro também é verificada pelos homens locais através do consumo diário da pinga, do "*tubão*"⁷⁷ e do "*fogo paulista*"⁷⁸. As rodadas de cerveja são precedidas por algumas doses de pinga ou, mesmo que sejam consumidas concomitantemente, apenas aos homens cabe o consumo da pinga e das outras bebidas alcólicas destiladas, pois "*são bebidas muito fortes e quentes*" (Maria, 31 anos, largada, comerciante). Do mesmo modo, enaltecer a sua virilidade e a sua infidelidade conjugal, somente ao homem é honroso.

⁷⁶Via de regra vê-se que na sociedade brasileira, e no bairro das Flores não é diferente, ao homem passivo atribui-se o estigma de "*bicha*", "*viado*" ou "*queima rosca*". Sob essas pechas, algumas vezes nota-se que eles são inferiores às mulheres. (VAINFAS, 1986).

⁷⁷É uma bebida feita com a mistura da pinga com qualquer refrigerante.

⁷⁸É uma bebida feita com mistura de licor com pinga. O rótulo da sua garrafa apresenta uma mulher seminua, trajando um vestido curto e justo, com os cabelos soltos.

Diferentemente do postulado por Dos Santos (2001) em sua pesquisa realizada entre garimpeiros mineiros, o alto consumo de pinga no bairro das Flores não pode ser atribuído, ao meu ver, ao seu preço menor em relação ao preço das demais bebidas. Para além deste argumento econômico, no bairro das Flores a pinga pode representar a virilidade masculina. Conforme dizeres de seu Cabelo (45 anos, casado, motorista), a *"cachaça" é a "água sagrada da vida e do dia-a-dia, que não pode faltar"*⁷⁹.

Baseada nessas declarações, acredito que a pinga pode assumir o papel simbólico do esperma, responsável direto – conforme Hérítier (1985) – pela formação do feto após a fecundação do espermatozóide com o óvulo, ou seja, a substância vital ou essencial à vida. Dito de outra forma, não seria incoerente lançar ao menos a hipótese de que a *"água da vida"* a que se referem estes homens é, além da pinga, o próprio sêmen, já que o homem é o *"reprodutor"* (Sávio, 39 anos, separado). Segundo Daniel (21 anos, solteiro, comerciante), quando se bebe, a *"gente fica com mais fogo, e o que vier na frente a gente traça"*. Ou ainda, como reiteradas vezes Rômulo (36 anos, casado, comerciante) fez questão de se vangloriar no bar:

"eu transo com qualquer mulher - além da minha - sem camisinha. Eu conheço quando uma mulher está ou não emperebada, então não preciso ficar usando aquelas coisas. Basta apertar no ventre dela, e se ela gemer, podes crer que ela tá toda doente".

Note-se que o caráter de reprodutor e predador desempenhado pelo homem aparece tanto na pinga ou seus derivados – que dão mais *"fogo"* – como na possibilidade de correlação entre o não uso de preservativo para *"comer"* uma mulher e a pinga como sendo *"a água da vida"*. Portanto, retorno à Hérítier (1985), quando menciona que ao homem - na maioria das sociedades ocidentais - cabe a tarefa de formar o feto propriamente dito, e à mulher, a de receptá-lo ou guarnecê-lo. Vê-se que ao dispensar o preservativo e ingerir a *"água da vida"* para *"traçar"* qualquer mulher, a probabilidade de engravidá-la é alta. Além do mais, com a ingestão da pinga –

⁷⁹Talvez não seja descabido acrescentar que, na língua francesa a aguardente também é comumente conhecida como "eau de vie".

conforme informação das mulheres –, os homens casados ficam por vezes mais violentos e costumam forçar as suas mulheres a manter relações sexuais.

O caráter viril presente na pinga também pode ser percebido na exibição das genitais. Isso pode ser visto quando homens como Gino (25 anos, empregado industrial, casado), costumam mostrar os revólveres que carregam dentro dos seus calções e sobre as suas genitais. Nessas ocasiões enaltecem o fato de sempre carregarem "*suas duas armas*", bem como de não respeitarem o período de "*resguardo*" ou "*quarentena*".

Conforme as mulheres do local, nesse momento, a mulher não pode manter relações sexuais durante, pelo menos, quarenta dias. Para os homens da vila das Flores, é difícil suportar essa "*abstinência*", pois não suportam nem mesmo uma semana de resguardo das suas esposas. Como bem exemplifica o depoimento de Gino, não é possível respeitar o resguardo da sua esposa pois, afinal de contas, "*eu sou homem*".

Todos esses homens que demonstram sua virilidade publicamente são conhecidos, entre os moradores, como "*cachorros*" e/ou "*jaguares*". Adiante, ao pormenorizar as características assumidas pelas largadas no bairro das Flores, elucidarei melhor os adjetivos atribuídos aos homens viris e honrados, mas desde já adianto que esses termos ou menções não assumem valor estigmatizante ou pejorativo. Ao contrário, o fato de serem chamados de "*cão*" ou "*cachorro*" reforça a capacidade desses homens de conquistar o maior número de parceiras sexuais⁸⁰. Dito de outra maneira, esses termos equivalem a um valor, positivado, de ser "*macho*" o suficiente para "*comer*" ou "*rufar*" com qualquer mulher ou "*cadela*" à hora que for e onde for. Tais como os "*cães de capital*" (PERROT, [s.d.], p.146), os homens "*cachorros*" no bairro das Flores "*aproveitam-se*" das mulheres, reforçando a virilidade de cada um⁸¹.

⁸⁰Lanna (1995) em sua pesquisa no Nordeste brasileiro, também verifica o caráter positivado das conquistas masculinas.

⁸¹Sobre a questão da virilidade, acrescento ainda que no bairro das Flores os moradores de modo geral ouvem determinadas músicas, independente da idade e do gênero ao qual pertencem.

Ao engravidar uma mulher, seja ela a sua esposa ou não, a força ou por conquista, caso tenha certeza da paternidade, o homem no bairro das Flores não deixa de registrar o(a) filho(a). O fato desses homens fazerem questão de registrar seus filhos, independente de assumirem ou não as mulheres que deles engravidaram, sugere que a paternidade nesse local torna pública ou reifica a virilidade dos homens.

Para finalizar as considerações sobre a virilidade, esclareço que, ao falar do simbolismo da bebida, mais especificamente da cachaça ou pinga, não desconsidero o caráter maléfico que o álcool apresenta para esses consumidores assíduos. Nesse sentido, convirjo para os trabalhos de Lanna (1995), Duarte (1986) e especialmente de Fainzang (1995). Esta última pesquisa salienta as representações que um grupo de *anciens buveurs* parisienses constrói acerca dos efeitos causados pelo álcool nos seus corpos, e nos corpos de quem com eles mantém relações de afinidade e/ou consangüinidade. Fainzang (1995) mostra como as diferenças entre mulheres e homens alcoólatras apontam para uma maior vulnerabilidade e predisposição orgânica das mulheres em serem afetadas pelos malefícios das bebidas alcoólicas. Os homens aparecem como detentores de nervos de aço, não obstante encontrarem-se afetados organicamente pelo vício.

Além do pênis, que é definido no bairro das Flores como uma das "*armas*" masculinas, os homens reificam sua honra por meio de outras "*máquinas*" ou "*armas*", que expressam a valentia ou a coragem (MARQUES, 1995, 1998; FONSECA, 2000; ALVITO, 1998; BOURDIEU, 1971; PITT-RIVERS, 1979; MELHUS, 1990, entre outros). São utensílios propícios para os homens se defenderem ou mesmo para provocarem as brigas, como facas, canivetes, o próprio braço, pedaços de "*ripas*" e revólveres. Entre todos esses, o revólver e o canivete são manuseados somente por homens. Mesmo o pênis, é utilizado de maneira metafórica, pois o morador Pedrinho (26 anos, casado, "*biqueiro*") apesar de ser mulher biologicamente falando, no bairro é definido como um

Elas são basicamente as mesmas. Na maioria delas, o homem deseja possuir uma mulher apenas por um final de semana, e em outras canções a mesma questão é sugerida: o "amor eterno e a fidelidade" prometidos pelo homem são sempre relegados ao plano do sonho, visto que, ao acordar, esse homem também desperta a sua natureza de "*predador*" (Sávio); aquele que "*caça para comer*".

homem "honrado". Friso essa questão, por ser o gênero uma construção social (SCOTT, 1990 e BUTLER, 1998) e, portanto, encontramos-nos constantemente fazendo gênero, e transitando nos meandros de vários masculinos e femininos modelados sobre os nossos corpos (MALUF, 2002). Longe estamos de ser definidos e determinados pelo biológico, mas sim pelo social que rotineiramente nos constrói homens e/ou mulheres.

No bairro das Flores, a coragem e/ou valentia masculinas aparecem nas brigas e rixas, ora entre os moradores – homens da própria vila –, ora entre estes últimos e outros moradores de bairros circunvizinhos. Os motivos dessas rixas estabelecidas entre os homens de bairros diferentes são os mais variados possíveis, porém os mais comuns vinculam-se aos jogos de sinuca e de cartas, onde um perdedor e um vencedor serão sempre proclamados. Quando se vence faz-se questão de tripudiar do adversário, nem sempre de maneira jocosa. E, então, a ostentação da masculinidade e a demonstração da virilidade de um homem para os demais encontram-se presentes na própria ostentação da pinga. O vencedor oferece pinga ao perdedor como forma de mostrar a superioridade desfrutada sobre o outro. Nas palavras de Daniel, *"aqui no bairro, se um homem pede um pão ninguém dá, mas se ele pede um copo de pinga, alguém vai pagar"*. Diferentemente de Fonseca (2000, p.27), sugiro que a idéia de *potlatch* (MAUSS, 1974) vincula-se não apenas ao rápido gasto do salário mensal empreendido pelos jovens homens honrados com bebidas e jogos, mas também se correlaciona com a hierarquização estabelecida entre eles mesmos. Assim, os homens vencedores no bairro das Flores fazem questão de gastar os seus salários oferecendo bebidas aos perdedores, como forma de ressaltar, naquela circunstância de vitória no jogo, tanto a sua honra quanto a sua posição de superioridade em relação ao perdedor, denotando, portanto, que quem pode mais paga mais e pede menos.

O outro motivo que fomenta as brigas entre os homens, mas que não envolve *"mulheres"*, diz respeito às dívidas, muitas vezes oriundas de jogos. Quando o devedor não quer quitá-las, a rede de solidariedade estabelecida entre os amigos do credor faz questão de cobrá-la, seja em forma de *"surra"*, seja em forma de assalto armado à casa do devedor.

No tocante às desavenças cujo estopim são as mulheres, ressaltam-se as cantadas não correspondidas feitas por homens a mulheres comprometidas (casadas ou não), bem como aquelas cantadas que culminam em traição da mulher. Nestas últimas, tanto o amante quanto a própria mulher apanharão, como forma de vingança e lavagem da honra do homem traído. Apesar de o homem sair com a pecha de "*cornos*", o fato dele se vingar (MELHUS, 1990; BOURDIEU, 1971; PITT-RIVERS, 1979 e FONSECA, 2000) ameniza o seu estigma pelo reforço da pecha de "*vagabunda*" ou "*jaguara*" imputada à mulher traidora.

De maneira inversa, as cantadas – não-correspondidas – feitas às mulheres comprometidas ensejarão uma briga entre os homens, que mostrarão a honra masculina enraizada tanto na coragem/bravura quanto na proteção. Habitualmente essas situações se dão nos bailes, lanchonetes ou danceterias noturnas, quando casais de namorados saem juntos para se divertir e o namorado percebe que a sua namorada está sendo paquerada ou "*olhada*". Independente de a mulher ter correspondido ou não ao assédio de um outro homem, a rixa entre os homens ocorrerá através da vingança do ofendido, sendo esta sustentada ou não por sua rede de amizade. (PITT-RIVERS, 1979; MARQUES, 1995 e BOURDIEU, 1971).

Apesar de terem sido descritas de maneira apartada, tanto a virilidade como a coragem/valentia encontram-se interligadas sobretudo através do verbo "*rufar*", utilizado somente pelos homens para reforçar sua virilidade e valentia⁸² frente aos demais moradores. Ao dizerem que rufam ou rufaram, os homens expressam que mantiveram relações sexuais com alguma(s) mulher(es) ou que brigaram com alguém, seja homem ou mulher.

Ainda no tocante aos símbolos que expressam a valentia, alguns dos moradores locais, sobretudo homens, largadas e solteiras, chamam qualquer "*baile*" ou local de divertimento correlato, de "*fura-bucho*". Segundo o morador denominado Mandachuva (28 anos, segurança de baile, casado), essa designação advém das

⁸²Nenhum homem utilizará este verbo para enaltecer as brigas perdidas, ou aquelas em que apanhou.

constantes brigas ali travadas entre os homens, onde tiros ou facadas são desferidos no abdome do *"conquistador ou predador"*.

Concluo a tríade constitutiva da honra masculina com a proteção, que se encontra estreitamente ligada à bravura e à valentia. Segundo Fonseca (2000), "para um homem de família, a bravura serve (...) para proteger as mulheres de família, pois é "evidente" que as mulheres sós serão "incomodadas" pelos malandros do lugar". (p.28).

As mulheres conhecidas como largadas no bairro das Flores, admitem que são insultadas de *"vagabundas"*, também por não terem a proteção de um homem que lhes imponha ou lhes dê o tão almejado respeito. (MELHUS, 1990). Como exemplo, cito o caso de Maria, que ao ser xingada de vagabunda na porta da sua casa, não teve outra reação, a não ser se defender e lastimar: *"que se eu tivesse um homem aqui, o seu Leonel não me trataria assim"*.

Em suma, vê-se que a honra masculina no bairro das Flores não se norteia pelo crivo do estado civil do homem, ou seja, tanto casados quanto solteiros desfrutam de aceitação e inserção social por meio dos critérios da proteção – das suas mulheres: esposas, mães viúvas, filhas e/ou irmãs –, da virilidade e da bravura. Não há, entretanto, as distinções verificadas por Fonseca (2000) entre honra de casados e honra de solteiros, em que os primeiros dispõem "de uma maior variedade de símbolos com que expressar seu prestígio social. Por exemplo, para ele a virilidade está ligada à procriação". (FONSECA, p.27-28). E os solteiros, ainda para Fonseca, manifestam sua virilidade pela conquista sexual das mulheres, sem necessariamente estar ela ligada ao estabelecimento de um lar ou à procriação, mas sim a um exagero de suas virtudes pessoais.

No bairro das Flores, tanto os casados como os solteiros demonstram ser a paternidade – ou procriação – um atributo da virilidade, que independe do seu estado civil mas que, somado à coragem e à proteção, tem o condão de lhes proporcionar a qualidade de honrados.

3.1.1 Entre Malandros e Provedores: a Construção de Homens Ideais e Reais

"Aqui mora um gigolô, ali outro, ali outro (...), e ainda eles têm dinheiro para beber e ficar mexendo com as mulheres no bairro" (Maria, 31 anos, largada, comerciante).

"A profissão do seu Rogério é desviante, desvia de um emprego aqui, de outro ali. Aqui é o que mais tem" (idem).

"A maioria que eu conheço daqui trabalha por conta ou é desempregado, e está no bar todo dia". (Arildo, 19 anos, solteiro).

Visando a melhor compreensão dos próprios elementos constitutivos da honra feminina, proponho uma breve reflexão sobre os tipos de homens ideais e reais existentes no bairro das Flores, não perdendo de vista que a honra masculina e, por conseguinte, a aceitação dos moradores locais, alicerça-se sobre os pilares da virilidade, da coragem/bravura e da proteção.

Dona Olga (72 anos, aposentada, viúva), ao falar de seus falecidos maridos, define-os ora sob o conceito de homens bons, ora de "puteiros". Nos dizeres da informante, seus dois maridos oscilavam entre as menções de "homem bom" ou provedor e de homem "não tão bom assim", da seguinte forma:

"Eu disse que meu primeiro marido era bom, mas ele não era não, porque ele tinha amante, e me passou doença venérea, que foi difícil de curar. Meu segundo marido me respeitava mais, e casei de novo porque precisava de um homem para me ajudar, e antes de me casar fiz questão de conhecer sua mãe e sua irmã. Ele então me disse que tivera um filho em Curitiba com uma mulher, nos tempos de servir, mas que deu embora o filho e nunca mais viu a mulher. Então, não tem problema. Além do que ele só cai na gandaia com prostituta, e então é diferente, porque a prostituta serve só para aquilo, e ela não sai atrás do homem para incomodar."

Com base nas declarações de dona Olga e de outras informantes, os homens no bairro das Flores podem ser vistos, entre as mulheres, sob os rótulos de malandro/puteiro; bandido/vingador e trabalhador/provedor.

Os malandros são aqueles que, como Pedro Malasartes (DA MATTA, 1981), utilizam-se da criatividade e da astúcia para driblar o mercado de trabalho e,

de "*desvio em desvio de emprego*" (Maria), vivem imersos no presente, onde não há regras impessoais, mas o puro "jeitinho brasileiro" de se ganhar a vida às custas da mulher "*trabalhadeira*" (Dona Olga). Sob essa insígnia encontra-se Vítor (35 anos, biqueiro/desviante, casado), que durante a semana raramente é visto trabalhando. Segundo fofocas advindas de seus vizinhos, Vítor consegue alguns trocos ora pela revenda de drogas, ora pelas empreitadas esporádicas que faz como pedreiro, encanador ou eletricista. O sustento da sua pinga diária é realizado pela esposa, Juraci (34 anos, vendedora, casada) que, mesmo descontente com a situação, admite que provê não apenas a família como também o divertimento do marido.

O "*trabalhador*", por sua vez, no bairro das Flores corresponde à figura do "caxias" de Da Matta (1981). Obedientes às regras hierarquizantes e impessoais presentes e reinantes no mercado de trabalho, esses moradores são todos aqueles homens que trabalham devidamente registrados em Carteira de Trabalho. Dentre todos, as mulheres no bairro das Flores idealizam se casar com o trabalhador, pois é este que via de regra desempenha a função de provedor na família, não obstante essa categoria, como as demais vir a freqüentar diariamente os bares do bairro. Como detalharei adiante, esse comportamento masculino desagrada a todas as mulheres comprometidas.

A figura do "renunciador" de Da Matta (1981), tão bem explorada por Marques (1995) na figura de Lampião e os cangaceiros, surge no bairro das Flores com aqueles homens que são vistos pela maioria dos moradores como bandidos, visto que os seus rendimentos advêm de práticas ilegais. Isto não quer dizer que sejam moradores mal quistos ou marginalizados no bairro. O melhor exemplo dessa categoria é Murilo, que faleceu há dois anos, após um acidente automobilístico. Irmão de Daniel, esse rapaz era visto pela maioria dos moradores como o vingador e/ou defensor de todos aqueles que reputava injustiçados. Além de ser o homem mais temido pelos moradores de outros bairros, pois nas rixas e vinganças era sempre o vencedor, Murilo também era conhecido por cometer pequenos roubos em prol da cobrança de alguma dívida esquecida por moradores do bairro ou de outras localidades.

Antes mesmo de mostrar como se dá a articulação dessas categorias no cotidiano do bairro, vale a pena ressaltar que apesar do papel de provedor ser mais desempenhado pelos trabalhadores/caxias, os bandidos/renunciadores também por vezes cumprem esse papel, tão almejado pelas mulheres locais. Independente da posição em que um homem se encontre no bairro das Flores, assim como Fonseca (2000) ressalta, o homem casado deve sustentar sua família, "como ele faz isso não interessa a ninguém". (p.30).

Ao analisar como se articulam quotidianamente estas categorias masculinas, deparo-me com um constante trânsito empreendido pelos homens locais entre tais classificações. Daniel, mesmo trabalhando diariamente no comércio, à noite faz as suas apostas no bar de Maria e, ainda, por vezes comete pequenos furtos sob a desculpa de que está ajudando seus amigos na cobrança de dívidas esquecidas por outros homens do bairro. Ou seja, em um único dia transita entre as figuras de provedor, malandro e renunciador. Portanto, todas as mencionadas categorias masculinas são, antes de tudo, situacionais, pois os moradores se posicionam enquanto provedores, malandros ou renunciadores em determinadas circunstâncias, passíveis de modificações.

Acrescento que não há uma simetria absoluta entre os homens desonrados e as categorias masculinas do malandro, do renunciador ou do provedor, pois há malandros ou desviantes locais que são honrados, bem como provedores que podem ser tomados por desonrados ou sem-vergonhas. A honra masculina está, ao contrário, ligada à demonstração de virilidade, ao espírito de protetor e à bravura. Assim, dentro da categoria dos honrados, os mais viris, corajosos ou garanhões, deterão maior prestígio nos universos masculino e feminino.

Para concluir, observe-se ainda que, apesar dos malandros serem menos idealizados enquanto maridos, as mulheres não dispensam um desempregado ou adepto do desvio de emprego, porque, segundo Daniel, "*as mulheres procuram quem dê segurança para elas*".

3.2 AS SOLTEIRAS, AS CASADAS E AS VIÚVAS: OS TRÊS PARADIGMAS DA HONRA FEMININA

una casa que carece de un hombre, carece de respeto". (MELHUS, 1990, p.49).

"a mulher não faz para não ser chamada de galinha, o homem faz para ser chamado de gostoso e garanhão (Daniel)".

"se a mulher, ela saiu, foi a primeira vez dela, e ela engravidou, ela vai ser chamada de piranha e vagabunda. Ela sai mais mal falada do que aquela que deu pra dez ou vinte, e ninguém ficou sabendo. E, também, por mais que ela é casada e saiu apenas com uma pessoa e o marido saiu com trezentas mulheres, a mulher é galinha, ele é o gostosão, o traçador, o jegue, ele é tudo. Agora se a mulher saiu só com um, só pra descontar o que ela ficou sabendo... ela é galinha, ela dá pra todo mundo, ela já foi comida por todo mundo (Daniel)".

"as casadas aqui só tem a aparência de mulheres direitas; elas fazem escondido. E são elas que mais fofocam das outras mulheres porque, tipo assim, elas não podem fazer o que a gente faz. Sair, namorar, ficar com um hoje, vai ali, chama atenção, dependendo da roupa que a gente põe, chama atenção e, claro, o homem olha, né, e as mulheres casadas ficam tiriricas". (Lola, 25 anos, largada/mãe solteira, empregada doméstica).

A consecução e manutenção da honra feminina no bairro das Flores se dá mediante a verificação de três elementos, quais sejam: o recato ou discrição; o casamento e, finalmente, a capacidade das mulheres de reconstituírem sua ascendência paterna biológica (pertença vertical).

O comportamento discreto associa-se não apenas à passividade, mas também ao agir às escondidas, que se caracteriza sobretudo pelo consumo de bebida alcoólica destilada de maneira solitária em casa, e pela traição conjugal de que as vizinhas largadas desconfiam, mas que não conseguem flagrar. Assim, ao

falar tanto de recato quanto de fazer às escondidas, desemboca-se nas categorias femininas das solteiras, das viúvas "fogosas" e das casadas. Em todas elas a manutenção da honra ou da vergonha se efetiva por meio da não voluptuosidade.

As solteiras são aquelas mulheres que desfrutam de uma posição local provisória, já que as suas atitudes têm o condão de transformá-las em casadas ou largadas, da noite para o dia. A diferenciação em relação às demais mulheres se dá pela ausência de filhos; por freqüentarem locais noturnos em companhia de mulheres, e de alguns amigos homens que imponham respeito e que as defendam; pelo não uso de roupas transparentes, justas ou curtas; e pela utilização de maquiagem sutil e esmalte claro.

Tendo em mente as características que norteiam as solteiras, e as observações de Daniel postas em epígrafe, sugiro que a provisoriedade dessa categoria vincula-se à menarca. Após a primeira menstruação, as paqueras das solteiras com os homens do local podem culminar em gravidez, como ocorreu com Gilca (14 anos, largada, do lar). Segundo depoimentos masculinos, o homem no bairro das Flores, na faixa etária dos 18 aos 30 anos, têm preferência por mulheres virgens, o que enaltece ainda mais a sua virilidade.

Retornando ao caso de Gilca, ela manteve relação sexual uma única vez com um rapaz solteiro, pouco tempo após à sua primeira menstruação. Seu azar, conforme Daniel, foi ter engravidado, pois tornou público que Gilca havia saído com esse rapaz, que logo em seguida a abandonou. Como num passe de mágica, Gilca, em poucos meses, da posição de solteira passou a ser conhecida localmente como mais uma "*largada*".

Se ao invés de ter sido abandonada Gilca tivesse casado com o pai de seu filho, teria sido conhecida, a partir daquele fato, como "*casada*". Portanto, a condição de solteira é temporária e frágil, pois depende da interpretação que os moradores darão à sua falta (ou não) de recato ou discrição.

Quanto a isso, as semelhanças com as honras femininas mediterrânea (BOURDIEU, 1971 e PITT-RIVERS, 1979) e cangaceira (MARQUES, 1998) são

notórias, pois a discricção da mulher no bairro das Flores é imprescindível para a manutenção da sua vergonha. Porém, isso não quer dizer que ela deva manter-se virgem até o casamento, mas que toda e qualquer atitude relacionada ao plano sexual deva ser tomada da forma mais discreta e menos voluptuosa possível, indicada na maneira de se portar e de se vestir.

Diferentemente do que registra Fonseca (2000), a honra feminina no bairro das Flores, além de ser pautada pela remissão ao comportamento sexual passado de uma mulher, não se consubstancia apenas através do casamento. (FONSECA, 2000). As viúvas "fogosas"/"mulheres" e as solteiras também detêm honra.

Na categoria das viúvas "mulheres" ou "fogosas", a distinção em relação às solteiras reside na maternidade, ainda não desfrutada por estas últimas. No restante, há convergência entre as duas categorias, pois as viúvas "fogosas", que se caracterizam sobretudo por não estarem na menopausa (como estão as viúvas não-mulheres), devem, para se casar novamente, manter um comportamento recatado, tal como as solteiras. Caso contrário, se alguma delas for vista saindo com um homem hoje e outro amanhã, bem como freqüentando sozinha ou apenas na companhia de outras mulheres – mal faladas – locais noturnos, será rotulada de largada, como ocorreu com Luci (35 anos, largada, empregada doméstica). Há 1 ano e meio, Luci perdeu o marido e, desde o momento em que passara a desfrutar de sua viuvez precoce sem recato ou discricção, passou a ser taxada de largada. Note-se que a viuvez precoce também se configura como um estado provisório, ou simplesmente uma condição limítrofe ou fronteira entre as situações de casada e de largada.

Saindo do recato, que caracteriza tanto as solteiras quanto as viúvas "fogosas", chega-se no casamento, que não apenas reflete a categoria das casadas, como também retrata um dos pré-requisitos da honra feminina no bairro das Flores. O casamento e sua importância podem ser observados, nesse local, através dos seguintes comportamentos:

- a busca constante das mulheres (largadas e solteiras) por ter ou manter (casadas) um homem, expressada no curto período – até 2 meses – em que, por exemplo, as solteiras, viúvas fogosas e largadas permanecem sem um "*namorado*";
- o período ínfimo ou quase inexistente entre o primeiro encontro e o casamento, que varia entre algumas horas e até 2 meses. Segundo Maria, seu casamento com Juca (36 anos, catador de papel, casado) deu-se 48 horas após o primeiro encontro⁸³. Tal fato pode vir a confirmar o recato mantido pela mulher, pois namoros muito longos subentendem que os namorados já estão mantendo relações sexuais, motivo pelo qual o namorado não deseja se casar ou assumir a namorada;
- os questionamentos feitos pelas mulheres acerca do estado civil de desconhecidas, antes mesmo de perguntarem seu nome;
- as declarações de algumas jovens, entre 10 e 12 anos, que fazem a primeira comunhão objetivando, principalmente, o casamento religioso;
- as próprias palavras e lágrimas de uma informante (Maria, 31 anos, largada, comerciante) que, na virada do Ano Novo, expressaram seu desejo de se casar novamente;
- a maneira como as mulheres são localmente classificadas, isto é, como "*casadas*" e "*não casadas*".

No bairro das Flores, o casamento se concretiza – via de regra – a partir da coabitação. Todavia, faz-se necessário ressaltar algumas dessemelhanças (ou não) entre o casamento "*no papel*", o "*morar juntos*" e o realizado "*na Igreja*".

⁸³O mesmo ocorreu com Valquíria (29 anos, do lar, casada) tanto em relação ao seu primeiro marido, do qual enviuvou, quanto ao seu segundo e atual marido. Com o primeiro marido, casou-se 15 dias após o primeiro encontro e, com o segundo, casou-se depois de 30 dias a contar do dia em que se conheceram.

As diferenças entre o casamento no papel e o morar juntos aparecem corriqueiramente postas no discurso veiculado pelas mulheres locais. De maneira recorrente, aquelas que apontam alguma diferença dizem que *"o casamento no papel dá mais segurança, porque a gente sabe que o homem vai voltar para casa"*. (Margarida, 34 anos, casada, do lar).

Afora a segurança, que por algumas é contestada, já que mesmo casando no papel elas foram abandonadas por seus ex-maridos, proponho que o registro de nascimento dos filhos havidos durante a constância destas uniões substitui a própria certidão de casamento, apontando assim para a relevância do casamento no civil e, então, para a diferença entre o morar juntos e esta outra modalidade de união. Inspirada em Zonabend (1977; 1990), busco assinalar que na certidão de nascimento dos filhos havidos sob a constância da união (morar juntos), os sobrenomes dados a estes denotam a situação conjugal dos progenitores. Em outras palavras, quando um filho é concebido por um casal que vive junto, o (pre)nome do filho é composto do sobrenome paterno do pai, sendo suprimido o sobrenome da mãe. No caso das uniões realizadas no civil, o nome dos filhos conta, respectivamente, com os sobrenomes da mãe e do pai.⁸⁴

Quanto às diferenças entre o casamento na Igreja ("religioso") e o morar juntos, mesmo não tendo acompanhado nenhum casamento local no religioso, vi que as mulheres verbalizam o sonho idealizado de realizar (ou a frustração de não ter realizado) o casamento na Igreja. Como já mencionei e adiante pormenorizarei, as meninas, desde os 10 anos de idade, desejam fazer a primeira comunhão, objetivando com este sacramento a concretização, aos seus olhos, da próxima e mais importante cerimônia religiosa: o casamento religioso.

⁸⁴Conforme prevê o artigo 240 do Código Civil Brasileiro (1996).

Além da coabitação, a maternidade – para as mulheres – age como um elemento capaz de tornar pública uma união, pois a cada nova união verifica-se que um(a) filho(a) é havido(a) pelo casal. Não ocorrendo – em casamentos ou uniões consensuais – a maternidade, as demais mulheres comentam sobre a incapacidade desta casada de ser "*mãe*" e de ser "*uma boa mulher*" (Maria) –, reafirmando a tão conhecida correlação para o universo feminino local, entre o casamento e a maternidade (VERDIER, 1979 e HÉRITIER, 1989).

O recato e/ou castidade também são exigidos das casadas, que para manterem a vergonha e/ou honra próprias, devem assumir uma postura pessoal marcada pela omissão. (MELHUS, 1990). Caso ajam de maneira contrária, devem também atuar às escondidas, para não se tornarem largadas, conforme ressaltou-se ao falar das solteiras ou das viúvas mulheres. As demais características das casadas podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- nas suas residências, via de regra, as janelas e portas são mantidas fechadas, sendo o acesso apenas permitido mediante o toque da campainha ou mesmo o anúncio do visitante no portão com palmas ou gritos;
- a repartição dos cômodos internos das suas casas é feita com portas, que têm batentes, trincos, fechaduras e chaves. Entendo que a disposição do espaço físico (CHEVALIER, 2000) possibilita e facilita a melhor compreensão das atitudes omissivas exigidas das casadas;
- juntamente com as viúvas "*não-mulheres*" (na menopausa), elas freqüentam a Igreja Católica ou Evangélica do bairro, com vestuário que não marca seus corpos, e geralmente com os cabelos presos;
- dentre as que trabalham fora, ressalte-se que nenhuma trabalha no turno da noite ou madrugada; apenas no horário matutino ou diurno.

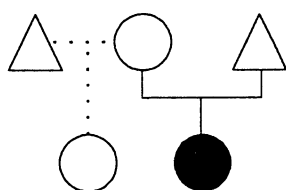
Antes mesmo de esclarecer o último dos elementos constitutivos da honra feminina, acrescento que o casamento e o comportamento casto, que aproximam as casadas das viúvas não mulheres, mostram como a presença do marido, dos filhos ou dos genros (no caso das viúvas "*não-mulheres*") é imprescindível à aceitação social feminina.

Para concluir, gostaria apenas de anunciar o que entendo por capacidade das mulheres honradas de reconstituírem a sua ascendência paterna, pois esse assunto retomarei mais detalhadamente quando abordar a categoria das largadas.

Há no bairro das Flores algumas meninas que, desde tenra idade (10 anos) são estigmatizadas como largadas, apesar de manterem um comportamento – aparentemente – recatado, de nunca terem sido casadas ou mesmo de ainda não terem, ao menos, menstruado. Analisando a situação de outras meninas, na mesma faixa etária, com o mesmo comportamento, mas que não sofrem com esses estigmas, observei que a determinação, contato ou qualquer vínculo com seus genitores (pais biológicos) é o que as diferencia.

Note-se o diagrama 01. Temos que o Ego e sua meia-irmã (filha de outra união de sua mãe) brincam com os mesmos amigos, moram na mesma casa com a mãe, freqüentam o mesmo colégio e vestem-se de maneira similar. Em resumo, no tocante ao comportamento, não há diferença entre elas, podendo-se dizer que apresentam atitudes marcadas pela discrição e pelo recato. Todavia, apenas o Ego é tratado com respeito completo no colégio, sendo sua meia-irmã por vezes chamada publicamente de "vagabunda", "puta" ou "piranha". Observe-se que aquilo que as distingue é o fato do ego ser fruto de uma relação conhecida e legítima, mantendo vínculo com seu pai biológico e/ou genitor. O mesmo não ocorre com a meia-irmã do Ego, cujo pai é desconhecido e com o qual ela nunca manteve contato algum. Diferentemente do Ego, ela é fruto de uma relação sexual eventual, e não de uma união (morar juntos, no papel ou na Igreja).

Diagrama 01



Legenda do Diagrama 01

- ego = Mônica
- ⋮⋮⋮ relação fortuita com conseqüente nascimento de um(a) filho(a)
- ┌─┐ casamento legítimo ou reconhecido, com conseqüente nascimento de filhos(as)

Finalizando, ainda é necessário destacar que não utilizo a distinção, empreendida por Pitt-Rivers (1979), entre vergonha e honra. No tocante a isso, sigo Melhus (1990, p.48), ao mostrar que "el honor de una mujer es también su vergüenza". Então, a distinção entre honra e vergonha, feita sobre a base dicotômica da oposição "natureza" e "cultura", não foi, nesse caso, operacional.

Para aqueles que adotam a distinção entre honra e vergonha, esta última vincula-se ao fato de a mulher ter ou não predisposição biológica ou genética a um comportamento mais ou menos libidinoso pois, em tendo, a vergonha não seria mais passível de recuperação, já que não é fruto de construção social, mas de predisposição biológica, o mesmo não ocorrendo com a honra, vinculada ao homem, do qual advém toda e qualquer ação e responsabilidade por domesticar a sua mulher; seja esta esposa, filha ou mãe. Seguindo esse raciocínio, Woortmann (1986) assinala que a mulher é vista desde seu nascimento como estando predisposta ao desequilíbrio e à desordem, que se instalam com a menarca ou mesmo com a menopausa, em algumas sociedades. Nos seguintes termos:

A mulher distingue-se do homem por possuir um órgão a mais, o útero, vermelho e sangüíneo, cuja função é governar a menstruação e gerar crianças. Note-se que o homem possui dois órgãos, simétricos e opostos – "miolo" e "coração" –, enquanto a mulher possui três, numa assimetria e imparidade com predomínio do corpo. (p.121).

Apesar de levar em consideração o caráter poluente que acompanha a mulher por sua própria constituição biológica, indiretamente presente na concepção do universo feminino no bairro das Flores, na qual a mulher se vê e é vista como receptora do feto e não como contribuinte/formadora⁸⁵, a idéia de vergonha é sinônima da concepção de honra. Sobretudo porque essas categorias analíticas⁸⁶ aparecem verbalizadas como sinonímia entre os moradores do bairro, sejam eles homens ou mulheres.

⁸⁵Conforme salientei ao falar da virilidade masculina.

⁸⁶Estudadas por Pitt-Rivers (1979) desde as décadas de 50 e 60 na região mediterrânea.

3.3 AS LARGADAS OU ABANDONADAS: O ESTIGMA DA DESONRA FEMININA

Falar das largadas é falar daquelas moradoras do bairro das Flores que na maior parte do tempo são estigmatizadas (GOFFMAN, 1963) como "*cadelas*" ou "*vagabundas*" e relegadas à margem social, um local que não reflete exclusão, mas traduz uma posição liminar donde emana "poder" e "perigo", conforme Douglas (1976). A terminologia se explica pelo fato de essas mulheres terem sido "abandonadas" ou "largadas" por "maridos, pais e não reabsorvidas pelas famílias de origem", conforme verificaram Palmeira (1992, p.30) na região nordestina, e Melhus (1990) ao pesquisar acerca da honra feminina no México.

O sistema classificatório vigente entre as moradoras desse bairro, além de reiterar a importância do casamento, haja vista que as mulheres são conhecidas como "*casadas*" e "*não-casadas*", também mostra que essa dualidade baseada no casamento é simétrica ou correlata à dicotomia "*honradas*" e "*sem-vergonhas*" (ou "*desonradas*"). Portanto, a compreensão das características inerentes às largadas reflete o entendimento dos elementos constitutivos da própria desonra feminina.

A desonra feminina se caracteriza pela transgressão dos pressupostos constitutivos da honra feminina. Assim, se essa última se alicerça sobre os pilares do recato (discrição sexual⁸⁷) e da proteção masculina (casamento, coabitação com filho homem ou genro e ascendência paterna), a desonra feminina e/ou o estigma de largada vinculam-se às mulheres que:

- freqüentam sozinhas, ou na companhia apenas de mulheres, bares, bailes ou outros espaços (sobretudo no período noturno), reconhecidos como masculinos;

⁸⁷Vimos que a discrição sexual não se confunde com a virgindade, constante nos estudos voltados à honra mediterrânea feminina, conforme Pitt-Rivers (1979) e Bourdieu (1971).

- desde tenra idade, por mais recatadas que sejam, têm mães estigmatizadas;
- falam publicamente sobre sua libido⁸⁸, contrariamente ao previsto localmente para o comportamento das mulheres. As casadas raramente comentam acerca de seus desejos sexuais, ou mesmo de sua vida sexual, o mesmo não ocorrendo com as largadas, que fazem questão de dizer sobre *"o fogo que tem que ser apagado por algum homem"* (Lola);
- residem em casas divididas internamente com panos, ao invés de portas como no caso das casadas. Algumas dessas casas são construídas nas encruzilhadas;
- usam roupas ditas mais ousadas, ou seja, mais justas, curtas e/ou transparentes. Afora as vestimentas, as largadas costumam deixar os cabelos mais soltos, e pintam suas unhas e rostos com cores mais quentes (LÜSCHER, 1990), tais como o vermelho;
- trabalham em períodos noturnos, em funções que as casadas não desempenham. Um dos exemplos é o da informante Maria, que trabalhava na mesma padaria que outra moradora casada onde, apesar de desempenharem as mesmas funções, a largada era registrada como *"folguista"* e a outra, casada, como balconista. Na condição de folguista, Maria trabalhava como substituta dos funcionários que folgavam durante a semana, seja no período da manhã, da tarde, da noite ou da madrugada;
- as abandonadas ou largadas por seus ex-maridos residem na companhia apenas de seus filhos, enquanto que *"mães solteiras"* moram com a mãe, irmãos e padrasto;
- por residirem sozinhas, são elas próprias que devem se proteger de eventuais agressões corporais e/ou verbais de outros moradores, sejam homens ou mulheres, não podendo *"contar com a proteção de um marido"*;

⁸⁸O termo **libido** está sendo empregado não no sentido psicanalítico, mas como sinônimo de desejo sexual (LAROUSSE, 1995).

- não freqüentam quaisquer Igrejas do bairro, visto serem alvo de cochichos e fofocas de mulheres casadas, solteiras e/ou viúvas não-mulheres sobre o modo como se vestem ao ir à missa. Entretanto, exigem que suas filhas façam a primeira comunhão, tendo em vista um possível casamento (preferencialmente no religioso).

Além desses comportamentos, no referido bairro há três formas importantes de caracterização das largadas que devem ser detalhadas, seja pela polissemia inerente a cada qual, seja pelo fato de serem constituídas a partir da reunião de algumas das atitudes acima elencadas como "típicas" das largadas. Nesse sentido é que passo a pormenorizar a construção da categoria das largadas e o espaço que essas mulheres ocupam no bairro das Flores. Isso será feito através da análise dos seguintes fatos:

- 1) a história local sobre a "*noiva sem cabeça*";
- 2) a transmissão e recebimento de sobrenomes paterno e materno;
- 3) os insultos verbais que se utilizam de categorias animais.

3.3.1 As Largadas e a "*Noiva sem Cabeça*"

Tomar a narrativa local sobre a noiva sem cabeça para compreender a categoria das largadas não apenas retrata o valor da etnografia em relação à própria teoria, mas também revivifica o conhecimento oral manipulado por essas mulheres. Para entender essa categoria com o auxílio da referida narrativa, inspiro-me tanto em Darnton (1986), em sua análise sobre "o universo mental dos camponeses franceses no Início dos Tempos Modernos", feita através de contos populares, quanto em Fonseca (2000), em sua análise sobre a valentia (e não vitimização) das mulheres casadas de grupos populares porto-alegrenses, feita através da literatura oral por elas narrada e perpetuada.

Analiso a narrativa presente no bairro das Flores sobre a "*noiva sem cabeça*", traçando paralelos com a narrativa da mula sem cabeça verificada por

Lanna (1995) no Nordeste Brasileiro e por Cascudo (1984) em diferentes regiões brasileiras, com as características "típicas" das próprias largadas no bairro das Flores e com algumas das músicas mais ouvidas e cantadas pelos moradores locais. Em síntese, através da análise dessa história, busco compreender e conhecer a maneira como essas mulheres sentem, agem e (se) pensam.

Um duplo caminho pode ser tomado para se analisar a narrativa da noiva sem cabeça. No primeiro, é possível sugerir que tanto a narrativa sobre a noiva sem cabeça quanto a narrativa sobre a mula sem cabeça⁸⁹ são variações de um único mito (Lévi-Strauss, 1993)⁹⁰, para depois analisar como a posição da largada no bairro das Flores se encontra representada no plano da análise mítica. Apesar das críticas que tal procedimento analítico recebe, a compreensão da narrativa da noiva sem cabeça também se fará por esse viés, motivo pelo qual deve-se pincelar algumas destas discordâncias.

As críticas à análise mítica de Lévi-Strauss fundamentam-se no fato deste estruturalismo vir a descontextualizar a narrativa textual. Langdon (1999) ressalta que:

uma das críticas importante aponta que a seleção dos opostos binários ignora o contexto no qual os sistemas classificatórios funcionam e que a abordagem estrutural exclui a multivocalidade dos símbolos, a polifonia de vozes e as sensibilidades, afetos e emoções que ligam as narrativas com a vida cotidiana. (*apud* DOUGLAS, 1999, p.15).

⁸⁹Veremos melhor no capítulo seguinte como no Nordeste Brasileiro, especificamente no município de São Bento, Lanna (1995) mostra a existência dessa história oral entre seus informantes. Em sua versão, a quebra do tabu do incesto nas relações de compadrio geraria o surgimento "de mula sem cabeça e outras bestas terríveis". (p.211).

⁹⁰Haverá a possibilidade de mostrar como essas duas histórias contam com características presentes nos mitos, não obstante, é claro, o caráter mais complexo apresentado pelos mitos, seja pela remessa à gênese humana, seja pela complexidade no tocante às oposições que suscitam. As histórias da mula sem cabeça e da noiva sem cabeça apresentam, assim como os mitos, um caráter sincrônico e fantasioso ou fictício em relação à maneira como a narrativa é posta. Nada impediria essa redução de ambas as histórias à categoria do mito ou mesmo do conto popular, compreendida por Propp (*apud* LÉVI-STRAUSS, 1993). Nas palavras de Lévi-Strauss (1993):

os contos são mitos em miniatura, onde as mesmas oposições estão transpostas em pequena escala (...) (p.137).

Concordo com esta crítica direcionada às análises míticas "levistrausianas", que evidenciam a tendência de as narrativas se tornarem –enquanto mitos – textos fixos. Todavia, acrescento a essa crítica as ponderações feitas por Dan Sperber (1968), ao afirmar que Lévi-Strauss em momento algum descaracterizou o fato dos mitos poderem refletir a organização social de uma determinada civilização, mas quis mostrar como eles próprios podem apresentar uma estrutura independente e, portanto, passível de análise autônoma e duma lógica singular.

Como pretendo detalhar as características que as largadas detêm especificamente no bairro das Flores, não desprezarei as contribuições estruturalistas que permitem traçar paralelos comparativos com outros contextos sociais que apresentam narrativas similares à da noiva sem cabeça – mostrando sua possível recorrência em outros grupos –, mas deter-me-ei também em um segundo enfoque analítico, que culmina na interpretação simbólica e/ou performática (LANGDON, 1999 e FONSECA, 1995) da citada história oral. Segundo esse último raciocínio, a narrativa da noiva sem cabeça será abordada de maneira contextualizada, onde as largadas serão melhor compreendidas na condição de "performers" (LANGDON, 1999) ou "personas" (MAUSS, 1974) que convivem com outros moradores do referido bairro, estabelecendo relações em certos momentos e em determinados espaços (cenários), como se estivessem contracenando num grande palco cênico representado pelo cotidiano.

À luz dessa perspectiva culturalista e/ou simbólica, inspirada sobretudo nas pesquisas desenvolvidas por Turner (1974) e Goffman (1983), as categorias masculinas e femininas existentes no bairro das Flores, bem como as relações de gênero que a partir delas são estabelecidas, poderão ser melhor compreendidas, pois a interpretação das narrativas se ancora em elementos extrínsecos a elas, tais como as músicas mais ouvidas no bairro e a maneira como as largadas são vistas pelos demais moradores, dentre outros⁹¹. Dessa forma, ver-se-á que mesmo o

⁹¹ Apesar de esses elementos serem extrínsecos à narrativa, eles não deixam de ser intrínsecos à realidade do bairro das Flores.

estigma de largada não pode ser interpretado como uma tatuagem na pele dessas mulheres, mas como pechas ou adjetivos depreciativos, cujo significado se dá na relação. Em suma, "com a mudança do enfoque de mito como texto para a narração como evento social, entram em cena os interesses sobre a força da experiência, a subjetividade (...) e sua produção na vida humana". (LANGDON, 1999, p.14-15).

Imergindo nas possibilidades de análise enunciadas, seguem, respectivamente, uma das versões da história da noiva sem cabeça e uma das versões da história da mula sem cabeça, para então ressaltar algumas similitudes entre essas diferentes narrativas regionais, destacando-se, concomitantemente, as principais características assumidas pelas largadas do bairro das Flores. Quanto à narrativa da noiva sem cabeça, Marcela (12 anos, largada, estudante) assim me relatou:

Um dia eu estava na casa da tia Gilda, porque a mãe estava lá. Daí, a minha mãe mandou eu vir pegar em casa a chupeta da Dulce. Era tarde da noite, umas dez horas da noite. Então, quando eu estava atravessando a rua para vir para casa, eu vi a noiva de branco na esquina aqui de casa⁹². Quando eu vi ela eu saí correndo, gritando e chamando a minha mãe, que depois veio ver se ela estava lá e não a vimos mais. No outro dia, eu contei para a Clara e para a Lola, e elas também já viram a noiva de branco. Ela aparece para atentar as meninas e mulheres, e me contaram que ela se matou depois de ter matado o noivo no altar, porque ele se atrasou. E então ela pensou que ele não queria se casar mais com ela. Às vezes então ela aparece num cavalo com o vestido cheio de sangue pelo corte na cabeça dela, porque depois de ter matado o noivo, ela se estrangulou.

Quanto à narrativa da mula sem cabeça, assim Cascudo (1984) nos relata:

É a forma que toma a concubina do sacerdote. Na noite de quinta para sexta-feira, transformar-se-á num forte animal, de identificação controvertida na tradição oral, e galopa, assombrando quem encontra. Lança chispas de fogo pelas narinas e pela boca. Suas patas são como calçadas de ferro. A violência do galope e a estridência do relincho são ouvidas longamente. Vezes soluça como uma criatura humana. O encanto desaparecerá, quando alguém tiver a coragem de arrancar-lhe da cabeça o freio de ferro que leva. Dizem-na, sem cabeça, mas os relinchos são inevitáveis. Quando o freio lhe for retirado, reaparecerá despida, chorando arrependida, e não retomará a forma encantada, enquanto o descobridor residir na mesma freguesia. A tradição comum é que este castigo acompanha a manceba do padre, durante o trato amoroso (J. Simões Lopes Neto, Daniel Gouveia, Manuel Ambrósio, etc.); ou punição depois de morta (Gustavo Barroso, Sertão e o Mundo, 181-182). A mula corre sete freguesias em cada noite, e o processo para seu encantamento é idêntico ao do lobisomem, assim como, em certos Estados do Brasil, para

⁹²Justamente onde forma uma encruzilhada.

quebrar-lhe o encanto bastará fazer-lhe sangue, mesmo que seja com a ponta do alfinete. Para evitar o bruxedo, deverá o amásio amaldiçoar a companheira, sete vezes, antes de celebrar a missa. Manoel Ambrósio cita o número de vezes indispensável, muitíssimo maior (Brasil Interior, 53). Chamam-na também "burrinha de padre" ou simplesmente "burrinha". A frase comum é *anda correndo uma burrinha*. E todos os sertanejos sabem do que se trata. (p.510-511).

Tendo como referência essas duas narrativas – noiva sem cabeça e a mula sem cabeça –, um quadro de oposições simétricas pode ser elaborado⁹³:

	NOIVA SEM CABEÇA	MULA SEM CABEÇA
Humanos	noiva/ noivo	mulher/ padre
Animais	Cavalo	mula ou besta
Ação principal	a noiva pensando que seu noivo abandonou-a no altar, tão logo este chega, atrasado, na Igreja, a noiva o mata sem maiores explicações. Quando ela descobre que o noivo apenas se atrasou, e que não iria abandoná-la; comete suicídio por estrangulamento.	Um mal praticado pela mulher, em especial o fato de manter relações sexuais e afetivas com um padre, faz com que ela seja amaldiçoada, deixando de existir como humana. A amaldiçoada é transformada em mula.
Acessórios da ação principal - local e momento da aparição - para quem aparece	aparição numa encruzilhada, à noite, sendo vista e assustando apenas mulheres ou crianças do sexo feminino, em especial as filhas de mulheres largadas e as próprias largadas, que via de regra foram abandonadas/largadas por seus ex-maridos.	Aparição ao redor de uma Igreja, de uma cruz ou de uma encruzilhada. Via de regra à meia noite de uma quinta para sexta-feira.

A partir dessas oposições constantes do quadro acima exposto, depreende-se as seguintes semelhanças que aproximam as duas narrativas:

- os personagens são similares em ambas as narrativas míticas, ou seja, nas duas há uma relação estabelecida entre um homem (noivo/padre) e uma mulher (largada/amante);
- nas duas narrativas a ação da mulher reflete o pecado ou a má conduta feminina. Na primeira a mulher se suicida depois de matar seu próprio noivo e, na segunda, a mulher é amante de um padre;

⁹³Sob a inspiração das análises de Da Matta (1981), ao fazer uma abordagem estruturalista do mito de Pedro Malasartes.

- nas duas narrativas a ação da mulher resulta em deformidade física, responsável pela sua marginalidade social, bem como pelo fato de ser jogada para fora da humanidade. Na primeira narrativa, a mulher se transforma em mula e é relegada à qualidade de animal e, na outra, a noiva sem cabeça se suicida, transformando-se em uma imagem assustadora sem cabeça e/ou dependurada, com o vestido todo ensangüentado e sobre um cavalo, como se fosse a extensão do animal que aparece com cabeça;
- as aparições se dão à noite, em uma encruzilhada, com o intuito de atemorizar os humanos, sabendo que a encruzilhada simboliza mau agouro;
- a Igreja aparece nas duas narrativas na figura do padre/pai, da cruz e do noivado interrompido no altar, sugerindo não apenas a importância do casamento como atributo moral feminino local, mas também a dualidade, constante do próprio cristianismo, entre o bem e o mal, o mal sendo referendado pela figura da mulher pecadora a Eva, e o bem, pela figura do homem, já que a aparição da noiva sem cabeça só se dá para outras mulheres e a maldição da mula sem cabeça não afeta inicialmente o padre, mas a concubina devassa.

A partir dessas oposições e correlações, pode-se observar que as variações das duas narrativas, consideradas como míticas, apresentam a mulher largada ora como licenciosa, pelo intercurso sexual com um sacerdote, no caso da mula sem cabeça, ora como temerosa e receosa, pelo fato de ter cometido suicídio após ter matado o noivo, face ao receio de ser abandonada na igreja. Tanto a licenciosidade da mula sem cabeça quanto o medo presente na noiva sem cabeça convergem para a busca sempre incessante das moradoras do bairro das Flores, por (man)terem um (o) casamento (de preferência o realizado na igreja).

Ocupando a margem social, conforme já frisei, as largadas irradiam os dois pressupostos de liminaridade evocados por Douglas (1976): "poder" e "perigo". Tal condição de marginalidade advém, no caso em questão, de atitudes desonrosas, sendo explicável então a temeridade que as casadas e outras mulheres comprometidas nutrem em relação à proximidade dos seus homens (namorados e maridos) com as largadas, levando-as a fiscalizar os maridos nos bares do bairro, já que são os locais masculinos que as largadas preferencialmente freqüentam.

A capacidade de amedrontar das largadas, tal como verificado na noiva sem cabeça, evidencia-se também na maneira como essa narrativa é contada. (LANGDON, 1999 e FONSECA, 1995; 2000). Uma informante, Marcela (12 anos, largada, estudante) expressava, com os olhos arregalados e com as mãos trêmulas, todo o assombro de uma mulher diante do "*fantasma*" da noiva sem cabeça.

Por fim, a encruzilhada, presente nas duas narrativas, reitera a situação vivida pelas largadas. Trata-se de lugares que trazem mau agouro e que representam indefinições e incertezas. No bairro das Flores, as encruzilhadas são os locais preferidos pelos moradores que freqüentam os "centros espíritas" para fazer as entregas e despachos e, assim se desvincular de todos os males a eles feitos. Ou seja, todos os males ficam e permanecem na encruzilhada. Soma-se a isso o fato de que as casas de algumas largadas são construídas nas encruzilhadas ou em finais de ruas no bairro das Flores.

Quanto à indefinição, esta advém da sua própria conceituação (FERREIRA, 1988), pois a encruzilhada retrata o cruzamento de dois caminhos. Sugiro que estes dois caminhos e/ou a ambigüidade, constante no conceito do termo encruzilhada, possam auxiliar no melhor entendimento da posição intersticial ou liminar ocupada pelas largadas, donde emanam "perigo" e "poder", não obstante por vezes serem vistas de maneira pejorativa e depreciativa.

Resgatando os dados etnográficos e relacionando-os às narrativas acima, lembro que no bairro das Flores há uma predileção dos moradores por escutarem

determinadas músicas, sejam os homens ou as mulheres. Na seqüência; vão algumas letras das músicas mais cantadas e ouvidas no local:

Não me deixe fora da sua agenda no fim de semana, não se esconda, telefona, não fuja de mim. Invente uma desculpa para os seus pais, que vai à casa de um amigo ou coisa assim, que eu já pensei num programa para a gente sair. (...) E quando a noite chegar a gente vai para algum lugar, matar o desejo de se amar, e a felicidade outra vez volta a sorrir. Dizer que vai dormir na sua amiga é natural, e que seus pais não me levem a mal, mas eu quero ter você para mim, assim, aqui (...) - "Programa de Fim de Semana" (DANTAS e MEDEIROS, [s.d.]).

Só o seu perfume foi o que restou, seu procedimento me fez infeliz, (...) eu sei que um homem não deve chorar pela mulher que ele abandonou. "Dizem que um homem não deve chorar". (AVILA, [s.d.]).

Seu guarda eu não sou vagabundo, eu não sou delinqüente, sou um cara carente, eu dormi na praça pensando nela. "Dormi na praça". (MUNIZ e LEÃO, [s.d.]).

Primavera chegou, teu amor me pegou e eu te amei. Quantas flores colhi nos jardins do meu sonho e te dei. (...) foi loucura, foi paixão, amor, sedução, o que foi não sei. Te amei demais, você nem viu e eu chorei, chorei. Você foi um verão, vendaval de ilusão, foi temporal. Foi o frio no inverno, amor mais eterno, o bem e o mal. Meu amor e seu amor, o espinho e a flor, um amor de carnaval. "Amor de Carnaval". (FELIPE, [s.d.]).

Atendo-me às letras dessas músicas, às narrativas da noiva e da mula sem cabeça, e a alguns dos comportamentos esperados das mulheres no bairro das Flores, observo que a música "dizem que um homem não deve chorar" enfatiza indiretamente o fato de os homens abandonarem ou largarem suas mulheres, frente às más atitudes femininas ou ao "seu procedimento que me fez infeliz". Ainda, a mulher equiparada à besta na história da mula sem cabeça, nas referidas músicas ("Amor de Carnaval") também é igualada ao vendaval, ao temporal e ao mal, quando age de forma libertina e sem controle (característica dos fenômenos naturais, como vendavais, temporais), mantendo relações sexuais, como habitualmente ocorre no bairro das Flores, com homens casados ou pais de famílias. As mulheres representam na música e na realidade cotidiana do bairro das Flores, o bem, quando agem de maneira honrosa, ou seja, de maneira passiva (ou omissiva) e voltada ao lar, tal como se espera de uma casada; ou o mal, inerente ao comportamento voltado à rua e/ou ao público, e que na maioria das vezes é

licencioso, desonroso e "espinhoso"⁹⁴, tal como se verifica nas largadas. Desde já, deve-se pontuar que a esfera pública ou da rua, somente corporifica o mal quando se trata das mulheres, o mesmo não se verificando em relação aos homens.

Finalmente, saliente-se que a honra (ou aceitação) feminina, centrada sempre na relação de subordinação a um homem, seja este o pai ou o marido, encontra-se posta na figura do padre também correlata à do pai, constante na narrativa da mula sem cabeça. Note-se que essa relação malfadada ou "espinhosa", em virtude de um intercurso sexual proibido entre o padre e a mulher/concubina (ou "*burrinha*"), corresponde a um dos principais elementos que caracterizam a desonra feminina, a ausência de vínculo com a figura do pai. Segundo algumas informantes largadas, tal ruptura é atribuída aos seguintes motivos: violência sexual sofrida em tenra idade e praticada pelo pai ou padrasto; orfandade ou simples abandono do pai após a morte ou sumiço da mãe.

Na seqüência esta questão será aprofundada.

3.3.2 A Importância do Nome e da sua Transmissão para a Honra Feminina

A partir da análise realizada nos registros de nascimento de três informantes, duas delas designadas largadas – Marcela e Maria – e a outra, solteira – Mônica – e inspirada pelas contribuições teóricas de Zonabend (1977; 1990) e Bourdieu (2001), sugiro que o estigma de largada pela ausência de vínculo paterno encontra-se posto desde o nascimento, o que ocorre através do sobrenome. Essa "marca" explica por que algumas meninas – e não outras – são rotuladas como "*vagabundas*" e "*piranhas*", termos sinônimos de "*largadas*".

Zonabend (1977;1990), em suas pesquisas realizadas em Minot, região rural da França, mostrou que o sobrenome, (pre)nome e o apelido, apresentam indiscutível valor simbólico e/ou social. O sobrenome e/ou patronímico são responsáveis pela

⁹⁴Tal como menciona a música "Amor de carnaval".

evidenciação da procedência familiar e territorial. Em Minot, a tradição e a credibilidade são valores das famílias mais antigas, que por sua vez são os referenciais de boas alianças. Essa centralidade social se expressa geograficamente, visto que tais famílias residem no centro da região. Ocupando a periferia e em círculos concêntricos de dentro para fora, encontram-se as famílias mais novas e as recém-chegadas, respectivamente. Estas últimas são reconhecidas como meras espectadoras sociais e são desvalorizadas.

Além de marcar a procedência familiar e territorial, o sobrenome ou nome de família revela à sociedade a posição ocupada pela mulher, bem como a existência ou não de filhos havidos fora do casamento, isto é, filhos legítimos e filhos ilegítimos. 'Tout enfant reçoit le nom de famille de son père s'il est né en légitime mariage, celui du père de sa mère en cas d'illégitimité'. (ZONABEND, 1977, p.257).

Em Minot, os indivíduos recebem vários (pre)nomes no decurso das suas vidas, os quais expressam as diferentes posições que alguém ocupa no decorrer da sua vida⁹⁵. Afora o primeiro nome, recebido sempre do padrinho ou madrinha batismal – oscila entre ascendente direto ou colateral –, os demais referem-se ao estado civil ou situação conjugal, à faixa etária, enfim,

tout porte à croire que chaque passage important de la vie individuelle s'accompagne d'un changement de prénom: à tout nouvel état correspond une nouvelle dénomination, à tout nouveau statut répond une appellation. Un individu sera connu successivement au cours de son existence sous différents prénoms et, simultanément, selon le groupe auquel on s'adresse, il sera désigné différemment. (p.267).

⁹⁵ Nesse sentido converge o estudo feito por Bourdieu, intitulado "Ilusão Biográfica", que assim aduz:

Assim o nome próprio é o suporte (somos tentados a dizer a substância) daquilo que chamamos de estado civil, isto é, desse conjunto de propriedades (nacionalidade, sexo e idade etc.) ligadas a pessoas às quais a lei civil associa efeitos jurídicos e que instituem, sob a aparência de constatá-las, as certidões de estado civil. Produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social (...) (2001a, p.188)".

Ou ainda, poderíamos correlacionar a trajetória de vida de um indivíduo com a noção de pessoa de Mauss, pois em uma de suas concepções a pessoa é vista enquanto personagem. E, enquanto tal, pode sim ser vista como ator na sua própria trama ou no seu próprio drama.

Os apelidos simbolizam os valores morais alimentados pelo grupo; ou seja, marcam as atitudes praticadas por cada um dos indivíduos, singularizando-os. Na maioria das vezes, os apelidos evidenciam características reprováveis em Minot, como no caso da moça apelidada de "la Viergette"⁹⁶, que teve dois filhos sem ter se casado. Todavia, escreve Zonabend (1977), que "l'important est de les retenir toutes comme autant de remémorations constructives autour de la personnalité d'un individu". (p.271).

A autora ainda mostra que ora esses meios de identidade ou reconhecimento social são precedidos de artigos definidos, ora de artigos indefinidos. No primeiro caso, "il est un indicateur à la fois spatial – entre membres du groupe – et temporel – entre membres vivants du groupe (1977, p.270)", marcando a integração do indivíduo no grupo. O mesmo não ocorre com toda e qualquer identificação precedida de um artigo indefinido acompanhado de "appelé" ou "nommé", que denota tratar-se de um indivíduo que reside fora dos limites da região. Ou ainda, "hors de cette zone des échanges familiaux". (p.275).

Consideremos o bairro das Flores. A marginalidade das largadas é por vezes demonstrada na maneira como essas mulheres são chamadas, ou seja, seus prenomes são precedidos pelas expressões "*uma tal de...*" ou "*aquela...*". Além disso, tal condição também se revela nos registros de nascimento dessas mulheres. A ausência de vínculo paterno, capaz de estigmatizar certas mulheres como largadas desde tenra idade, reflete-se no registro de nascimento de cada uma delas.

Marcela, como já anunciado anteriormente, é designada como vagabunda desde tenra idade (10 anos), apesar de apresentar um comportamento que, segundo a classificação local, poderia ser chamado de recatado. Diferentemente de Marcela, sua meia-irmã – Mônica – é reconhecida como solteira pelos demais moradores. Soma-se a este dado, o fato de Marcela ser reconhecida, no bairro, da mesma forma que sua mãe; isto é, como uma largada.

⁹⁶Na tradução quer dizer virgem.

Ao analisar os registros dessas jovens, observei que havia diferenças quanto à composição dos seus sobrenomes. Marcela recebeu tanto o sobrenome materno quanto o sobrenome paterno, ficando o seu nome registrado como Marcela Santos da Silva Cavalcanti. De maneira diversa, Mônica apresenta apenas o sobrenome paterno (ou patronímico) em seu registro, ficando seu nome grafado como Mônica Cavalcanti.

Procedendo à verificação do registro da mãe das jovens, constatei a mesma lógica de transmissão existente no registro de nascimento de sua filha primogênita, ou seja, a mãe também recebeu o sobrenome materno e o paterno, sendo chamada de Maria Santos da Silva.

Conforme Maria, a filha primogênita foi registrada pelo seu ex-marido, que não é o seu pai "*verdadeiro*". Esta informante ainda acrescentou que não conhecera seu "*pai verdadeiro*", pois este a abandonara, aos 2 anos, em uma casa de família conhecida. Tanto Maria quanto a sua filha primogênita têm, portanto, origem em relações fortuitas e sem anuência social. Acrescenta-se a isso o fato de que mãe e filha não mantêm qualquer vínculo com o "*pai verdadeiro*", sendo esse um dos motivos para a desonra e para a constante remessa à pecha de largadas. Assim, a transmissão dos sobrenomes no referido bairro pode refletir a condição social de honrada ou desonrada assumida pela mulher desde tenra idade.

As largadas são, por vezes, designadas como cadelas ou vagabundas, termos pejorativos que cumprem a mesma função do apelido, destacado por Zonabend (1977; 1990), qual seja: evidenciar os valores morais do grupo ou os elementos constitutivos da honra feminina e masculina no bairro das Flores. Vê-se que, como sugerido por Zonabend e por Bourdieu (2001), a nomenclatura não reflete apenas a trajetória individual, mas é o espelho do contexto social no qual o indivíduo encontra-se inserido.

3.3.3 Dos Insultos Verbais e das Categorias Animais

"Lá vem uma cadela segurando a outra. (...) e lá vem um cachorro levando o outro. (Lola, 25 anos, largada, empregada doméstica)".

"Aqui o que mais tem é cachorro e criança. (Daniel, 21 anos, solteiro, comerciante)".

"Aquela mulher parece uma cadela no cio. (Dirce, 40 anos, largada, vendedora)".

Marcela, com apenas 12 anos, expressa o seu desejo pelo casamento; seja no prazer de mostrar as suas fotos da primeira comunhão, onde aparece trajando um vestido similar e identificado ao de uma noiva (MELHUS, 1990), seja ainda nas idas à Igreja para paquerar, seja na impaciência de cuidar do irmão menor que *"nem filho meu não é"*⁹⁷. Mas o interessante é que este objetivo de se casar aparece também nas agressões que empreende contra aqueles que a chamam de *"piranha"* ou *"cadela"*. Como já ressaltai no início desse capítulo, no bairro das Flores, a tentativa de defesa da honra feminina, feita pelas próprias mulheres após um insulto, apresenta como característica a agressão dirigida ao rosto, cessando apenas quando sangue é vertido (PITT-RIVIERS, 1979; DOS SANTOS GROSSI, 2001 e MELHUS, 1990).

É possível retirar dos insultos verbais o valor positivo que o casamento assume para as moradoras do bairro e o valor depreciativo que algumas mulheres assumem quando não estão casadas ou agem de maneira inadequada para os valores locais.

Os moradores do bairro das Flores costumam chamar alguns homens, de *"cachorros"* e algumas mulheres de *"cadelas"*, sendo essa última atribuição, passível de

⁹⁷ Porque se fosse seu filho a história seria outra. Ela é uma das informantes que constantemente questionou-me sobre como eu, com 29 anos, poderia ainda não ter casado e não ter tido nenhum filho.

transmissão às filhas de uma mulher. No tocante ao termo **cadela**, observa-se que sua utilização é sempre depreciativa, podendo vincular-se às seguintes situações:

- 1) quando uma mulher apresenta um comportamento licencioso tanto na maneira de se vestir quanto na maneira de se portar – falando e demonstrando sua libido em público –, os agressores (verbais) referem-se a esta moradora como sendo uma "*cadela no cio*";
- 2) quando uma mulher dá à luz uma filha sem saber ao certo quem é o pai, não apenas a mãe é chamada de cadela, como também a filha. A título de exemplificação, o caso de Patrícia (37 anos, largada, balconista) é elucidativo, pois ao passear na rua com sua filha caçula de apenas 1 ano de idade, as duas são chamadas respectivamente de cadela e cadelinha. Essa situação reitera não apenas a transmissão do estigma de mãe para filha, mas também a relação da menina com a ausência de ascendência paterna.

Se o termo de **cadela** é pejorativo (DARNTON, 1986⁹⁸) o mesmo não se verifica com o termo "*cachorro*", usado no tratamento e na referência aos homens. O termo **cachorro** e a correlação deste com a idéia de que os homens não prestam porque são infiéis "*por natureza*" (Maria, 31 anos, largada, comerciante), reforçam a virilidade e o poder de conquista, atributos de todo homem cuja honra se pretenda enaltecer e manter.

Assim sendo, sugiro pensarmos que os termos animais usados como referência e/ou tratamento no bairro das Flores, centrados no dueto "*cadela*" e "*cachorro*", apontam para as diferenças (e eventuais conflitos) existentes na construção das honras masculina e feminina. Em outras palavras: se, de um lado, temos o prestígio masculino alicerçado na virilidade e por conseguinte, na infidelidade conjugal; de outro, temos a mulher casada e honrada exigindo fidelidade

⁹⁸Em sua análise sobre o grande massacre de gatos, entre operários franceses, o autor mostra como os gatos no cio podem representar as insinuações sexuais de mulheres (1986:128).

conjugal –monogamia - de seu marido⁹⁹, bem como mostrando recato e castidade. Os conflitos conjugais eclodem justamente quando a mulher descobre que está sendo traída pelo marido; ou seja, a honra masculina está para a infidelidade, como a feminina está para a fidelidade e o recato. Vê-se que certos conflitos conjugais podem ser explicados pela incompatibilidade na própria constituição das honras masculina e feminina¹⁰⁰.

Essa diferenciação entre cachorro e cadela baseia-se tanto em Leach (1983) quanto no conceito de liminaridade formulado por Douglas (1976), trabalhos que visualizaram a existência de um espaço intersticial na estrutura social de onde emanam poder e perigo.

Leach (1983) esboça a ocorrência de determinadas categorias carregadas de tabu por expressarem uma ambigüidade inerente, capaz de separar dois planos opostos e complementares¹⁰¹. Explica o tabu através da correlação entre a comestibilidade de determinados animais e o comportamento sexual humano, para então concluir que os animais de caça possuem a dualidade hostilidade/amizade, encontrando-se justamente no limiar que separa os animais domesticados dos selvagens.

Voltando às mulheres e aos homens do bairro das Flores, as mulheres conhecidas como cadelas encontram-se nessa liminaridade, cujo correlato humano equivale às "*vagabundas*", local intersticial ocupado pelas largadas, cujo comportamento é relacionado à sexualidade demonstrada como se estivesse à flor da pele, podendo ser

⁹⁹Por mais que as mulheres também admitam que os homens são infiéis e predadores por natureza.

¹⁰⁰Tal como possuem seus cachorros domesticados presos no terreno das suas casas ou em uma coleira, as mulheres casadas procuram assim proceder com relação aos seus maridos. Aproveitando que as portas e janelas das suas casas encontram-se na maior parte do tempo fechadas, em sinal também do recato que devem preservar – já que as casas sempre abertas das largadas são equiparadas a "*rodoviárias públicas*" –, as casadas mantêm "*seus homens*" também trancados, na ocasião em que estes chegam e permanecem em casa.

¹⁰¹O termo **complementar** não é utilizado por Leach com a mesma conotação veiculada por Dumont (1997).

exercida com qualquer homem e em qualquer lugar. Veja-se também o simbolismo presente em suas casas, onde não há - via de regra - portas, mas panos dividindo os cômodos internos, conforme já mencionei anteriormente. Todas essas situações, seja a divisão das peças com panos, seja a ausência de portas e trincos, batentes e chaves, podem ser interpretadas enquanto expressões de uma sexualidade pretensamente aflorada das largadas, as quais, dizem os moradores do bairro das Flores, não têm reservas em demonstrar a libido. Deve-se, porém, ressaltar a existência de uma ambigüidade¹⁰² neste tocante, já que esta mesma arquitetura presente na casa das largadas (ausência de portas e divisões internas) pode apontar para uma exposição total e, portanto, para um controle maior por parte dos demais moradores em relação às suas vidas.

A citada liminaridade verificada nos estudos de Leach (1983), da qual faz parte a categoria animal das cadelas no bairro das Flores, converge, a meu ver, para a mesma definição de marginalidade sugerida por Douglas (1976), cuja característica principal reside na ambigüidade a ela inerente. O estado marginal das largadas no bairro das Flores sugere a seguinte apreciação: dele advêm poder e perigo. Este último carrega consigo a própria noção de poder, pois diante de algo disforme e desconhecido temos a reação de temor, que por sua vez denota o poder detido por quem ou o que nos amedronta. Douglas (1976) assim exemplifica a noção de liminaridade:

Ter estado nas margens é ter estado em contacto com o perigo, é ter ido à fonte do poder. É compatível com as idéias de forma e falta de forma tratar iniciantes que saem de reclusão como se fossem eles próprios impregnados de poder, perigo e calor, e que requerem, por isso, isolamento e um tempo para arrefecer. (p.120).

O poder das largadas de se aproximar dos homens casados amedronta as casadas, que receiam desfrutar futuramente deste mesmo estado ou "status" liminar. E, mais: todo e qualquer homem que vier a se casar com uma mulher reputada como uma vagabunda, como também observou Fonseca (1991), receberá o atributo de "*trouxa*" ou "*cornô*".

¹⁰²Ressaltada na análise da narrativa da noiva sem cabeça.

Observe-se que a marginalidade das largadas mostra que essas mulheres não se encontram "sob" mas sim "sobre" as demais mulheres e homens locais. Como será visto no próximo item deste subcapítulo e no 4º e último capítulo, os rótulos depreciativos vinculados às largadas são contextuais e, então, não podem ser comparados a tatuagens que as impregnam constantemente.

3.4 AS RELAÇÕES ENTRE AS HONRAS FEMININA E MASCULINA, E SUAS RESPECTIVAS DESONRAS

Com base nas constituições das honras masculina e feminina, bem como nas caracterizações das desonras feminina e masculina, proponho uma reflexão acerca das relações possíveis entre as diferentes honras e desonras no bairro das Flores. Penso que uma tal compreensão proporcionará um melhor esclarecimento quanto às diversas relações estabelecidas entre os próprios moradores do bairro, assunto central do próximo e último capítulo.

Mostrei que a honra feminina no referido local encontra-se alicerçada sobre os pilares do recato, do casamento e do vínculo paterno. Além desta subordinação da aceitação feminina, vinculada à relação com um homem, caracterizar-se como uma das marcas indeléveis do ser honrada no bairro das Flores, outra singularidade reside no estado de passividade ou de omissão, por vezes, vivido por essas mulheres, quando por exemplo não freqüentam sozinhas locais ditos masculinos, tais como bares, bailes, discotecas etc.

Paralelamente, expus que a honra masculina compõem-se da virilidade, da coragem e da proteção oferecida às mulheres. Vê-se que todo o comportamento masculino converge para a ação ou atitude ativa, pois são os homens que protegem as mulheres, que brigam com e por elas e, finalmente, são os homens que as "comem". A princípio, poderia aduzir que a honra dos homens no bairro das Flores depende da ação individual de cada qual, e não de terceiros, tal como ocorre com a honra feminina, sempre na espera ou dependência da ação masculina em sua direção. Todavia, não basta, como nos esclarece Júlio (19 anos, motoboy, solteiro), que o homem mencione suas conquistas; ele deve demonstrar publicamente suas virilidade, coragem e capacidade protetora.

Assim, mesmo dependendo apenas da sua ação, o homem deverá submetê-la ao crivo dos demais – incluindo as mulheres –, que a julgarão como sendo (ou não) uma atitude corajosa, viril e/ou protetora. Essas ações não apenas

completam, mas englobam respectivamente o casamento, a filiação (paternidade), bem como o recato, todos elementos constitutivos da própria honra feminina. Portanto, pode-se dizer que as mulheres honradas gozam de certa inferioridade social em relação aos homens honrados, já que a aceitação feminina condiciona-se à figura masculina protetora e viril presente no casamento.

Inspirada em Lanna (1995)¹⁰³ e Maluf (2002)¹⁰⁴ a propósito da articulação das noções constitutivas do conceito de hierarquia em Dumont (1997), a dualidade complementar entre "englobante" e "englobado", acredito ser possível observar que não há posições e/ou relações de identidade(s) de gênero (Scott, 1990) estáticas no bairro das Flores¹⁰⁵. Em outras palavras, tendo por base os elementos constitutivos das honras locais, observo as seguintes articulações entre os diferentes masculinos e femininos:

- As casadas invertem a posição na "gangorra" matrimonial (Grossi, 1998), ao buscar seus maridos no bar empunhando um "*porrete*" nas mãos, face à iminência de se verem trocadas por outras mulheres. Nessas situações,

¹⁰³O autor mostra como, no Nordeste brasileiro, o princípio da patronagem rege tanto as relações estabelecidas entre patrões e empregados, com os primeiros englobando os últimos, quanto as relações matrimoniais, nas quais os maridos e empregados assumem o papel de englobamento desfrutado pelos patrões nas relações empregatícias.

¹⁰⁴De maneira interessante, a autora traça um paralelo entre a construção das identidades de gênero mais especificamente da compreensão da identidade de gênero no caso dos travestis – com o perspectivismo ameríndio desenvolvido por Viveiros de Castro. Conforme Maluf (2002):

Ser presa significa ser englobada pelo predador – e é na posição de predador que se encontra a posição do sujeito. No caso do perspectivismo ameríndio, presa e predador não são posições fixas, mas posicionalidades contingenciais e mutáveis; são categorias perspectivas, assim como as de humano, animal e alma. O que define a humanidade – e nesse sentido a posição de sujeito – é o ponto de vista.

Presa e predador poderiam ser substituídos pelos termos "englobado" e "englobante", na medida em que é um dualismo hierárquico em que sempre um dos termos acabará englobando o outro – no caso da cultura de gênero, o termo englobante invariavelmente tem sido o masculino.

¹⁰⁵Assim, por mais que Pitt-Rivers (1979) tenha inovado ao discutir a honra em contextos não aristocráticos ou nobres, bem como ao ter inserido a figura da mulher nas suas discussões, a sua pesquisa evidencia a correlação cristalizada em que a honra masculina está para a ação assim como a feminina está para a omissão ou negação.

caso obedeça às ordens (englobantes) da esposa e retorne para casa, o homem pode ser visto como desonrado e, portanto, englobado.

- As casadas nem sempre desfrutam, entre as mulheres, de superioridade hierárquica sobre as largadas (conforme será visto no próximo capítulo), pois nos ambientes masculinos, como bares e bailes, são as largadas que reinam soberanas, ditando quais as músicas a ser tocadas e os homens casados a ser seduzidos. Nessas situações, as largadas englobam as casadas, e não o inverso.
- Em todas as situações em que a aceitação social é enfatizada, tais como festas de aniversário infantil, comemoração natalina, ritual de primeira comunhão e de batismo, as casadas desfrutam de superioridade frente às largadas, passando a englobá-las.
- Nas situações onde o casamento é ressaltado, observa-se que o homem assume a posição de englobante na relação com sua esposa/englobada. Um dos exemplos mais mencionados pelas largadas é a obrigação sexual que deviam aos seus maridos, na época em que estavam casadas.

Note-se, então, que no bairro das Flores as relações de identidade de gênero travadas entre as mulheres e entre estas e os homens, mostram-se cambiantes e contextuais, sendo inviável congelá-las sob as categorias de inferiores ou superiores, ativas ou passivas e poderosas(os) ou fracas(os). Nesse sentido, pode-se dizer que as relações de gênero, no bairro em questão, expressam relações de reciprocidade hierárquica (LANNA, 1995; DUMONT, 1997 e HOUSEMAN, 1984), com a diferença de que no bairro das Flores este princípio permeia sobretudo as relações entre as mulheres, e entre estas e os homens, e não prepondera entre os homens (LANNA, 1995), haja vista que a pesquisa não privilegiou estas últimas relações.

Em síntese, é importante reafirmar que a análise tanto das relações entre as diferentes categorias masculinas e femininas quanto das relações entre as honras masculina e feminina depende do contexto de interação entre esses homens e

mulheres, moradores do bairro das Flores. Em cada um desses diversos contextos, visualiza-se a sobreposição de englobamento e oposição contrária de um em relação ao outro. Assim, poderemos nos deparar ora com situações onde as largadas se vangloriam da condição desfrutada, ora com contextos, como o Natal e o Ano Novo, onde estas mesmas mulheres lamentam não estarem casadas.

CAPÍTULO 4

AS ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA ENTRE OS MORADORES DO BAIRRO DAS FLORES

"Agora eu só estou com o Alberto. Eu e o Lúcio brigamos. Mas você não sabe da maior. A mulher do Alberto descobriu tudinho, e então ela ligou aqui para o restaurante querendo me xingar de vagabunda, e eu me fiz de desentendida. Quando ela foi conversar comigo lá em casa, eu também desmenti, disse que de jeito nenhum tinha alguma coisa com o marido dela. Mas é claro que eu não ia dedurar o Alberto, porque senão ele me deixaria. Então eu uso essa estratégia para ver se um dia ele deixa dela, e eu pego as malas dele e atravesso a rua, levando para a minha casa (Maria, 31 anos, comerciante, largada)".

No presente capítulo a preocupação é mostrar a dinâmica das relações entre os moradores ou, como prefiro, das relações de gênero¹⁰⁶, sejam elas estabelecidas entre as diferentes categorias de mulheres ou entre essas e os homens. Assim, como no capítulo anterior analisei as características pertinentes às honras masculina e feminina, aliadas às diferentes formas de "ser mulher" e de "ser homem"¹⁰⁷ no bairro das Flores, aqui enfatizarei as relações de convivência entre as largadas e as casadas, entre os casados e as largadas, que propiciam, ou não, o trânsito desses moradores entre as mencionadas categorias.

A busca constante por um homem no bairro das Flores sugere um grupo hostil e competitivo, em que as atitudes femininas equiparam o homem a um "bem escasso". Acredito, como mencionei no terceiro capítulo, tratar-se de um local marcado pela competição entre as mulheres, que objetivam se manter na, ou alçar-se à condição de, casadas.

¹⁰⁶Quando me refiro às relações de gênero, também quero dizer "identidade de gênero", já que para serem relações concebíveis, elas devem ser reconhecidas.

¹⁰⁷Estas sob a perspectiva das mulheres locais.

Dessa forma, não há como falar em mulheres aprisionadas em certas categorias femininas, ou mesmo de homens aprisionados em determinadas categorias masculinas, mas de uma constante mobilidade entre os diversos masculinos e femininos. Sob essa perspectiva, a posição de Butler (1998), ao sugerir que os "sujeitos e o poder vinculado à capacidade de agir" de cada um desses, encontram-se submetidos ao processo contínuo de "re-significação", permite compreender a trama e o jogo das relações entre os diversos atores sociais do bairro da Flores. Como escreve a autora,

se o sujeito é constituído pelo poder, esse poder não cessa no momento em que o sujeito é constituído, pois esse sujeito nunca está plenamente constituído, mas é sujeitado e produzido continuamente. Esse sujeito não é base nem produto, mas a possibilidade permanente de um certo processo de re-significação, que é desviado e bloqueado mediante outro mecanismo de poder, mas que é a possibilidade de retrabalhar o poder.¹⁰⁸ (p.31).

Não é demais reiterar as idéias centrais dos capítulos precedentes, acerca do fato de as largadas serem consideradas desonradas e sem vergonhas, apesar de as suas atitudes se aproximarem das dos homens ditos honrados. Mostra-se, assim, como o ser estigmatizado e/ou aceito dentro do binômio em constante construção dos gêneros masculino e feminino é, antes de tudo, relacional, contextual e/ou situacional. (GOFFMAN, 1963).

Note-se o caso do morador Pedrinho (33 anos, casado, vendedor), que mostra como as relações de gênero não se vinculam ao determinismo biológico; ou seja, nascemos com um determinado corpo, mas tornamo-nos homens e mulheres (BEAUVOIR, 1980) em constante processo de re-significação (BUTLER, 1998; 2002) e reformulação. (SCOTT, 1990). Conforme algumas mulheres do bairro, Pedrinho é "*um homem no corpo de uma mulher*" pois, apesar de registrado na carteira de identidade com o nome de mulher, trata-se de um homem com esposa e filhos.

¹⁰⁸As abordagens acerca da construção das identidades de gênero propostas por Butler (1998; 2002) e Scott (1990) são inspiradoras. Enquanto Butler desenvolve as noções de "abjeção", performatividade, e re-significação constante dos sujeitos a-sujeitados, permitindo fugir do binarismo masculino/feminino e heterossexualidade/homossexualidade, Scott ressalta em sua definição de gênero as relações primárias de poder que esta engendra.

Visando retratar as relações que possibilitam o trânsito das mulheres (e de alguns homens) entre as diversas configurações do feminino (e masculino) nesse local¹⁰⁹, analisarei, no transcorrer deste capítulo, algumas situações empíricas que evidenciam a mencionada dinâmica relacional. Detalhe: essas relações ora retratam a preocupação das mulheres em manter seus maridos (ou pretendentes), ora falam da busca por um homem, fonte de aceitação e honra para essas mulheres. Ainda, mostrarei que essas relações podem retratar uma preocupação das diferentes mulheres em manter uma boa convivência entre si.

Ao falar sobre a honra feminina e a masculina, utilizei os conceitos empregados por Lanna (1995) no tocante à "reciprocidade hierárquica" – inspirado na noção de "complementaridade" (DUMONT, 1997) –, por Bourdieu (1986;1996; 2001) em relação ao "habitus". No presente capítulo, o conceito de estratégia de Bourdieu (1986; 1996; 2001) também foi relevante, por duas razões. Primeiro, refere-se ao próprio campo, pois algumas informantes, conforme a epígrafe inicial, definiam suas atitudes como sendo "*estratégias praticadas*" ou "*táticas usadas*". Assim, partindo do termo nativo, busquei compreender as relações estabelecidas entre os moradores do bairro das Flores a partir do conceito de estratégia de Bourdieu, que não exclui as noções de "habitus" (BOURDIEU, 1986; 1996) e de "reciprocidade hierárquica". (DUMONT, 1997 e LANNA, 1995).

Dessa forma, estratégia está aqui entendida enquanto conjunto das atitudes ou práticas interessadas ou desinteressadas¹¹⁰, conscientes ou inconscientes, que visam alcançar (ou não) uma determinada e calculada finalidade. Nos dizeres de Bourdieu, a linguagem da estratégia que

¹⁰⁹ Como já ressaltai anteriormente, não me centrei na discussão sobre a mobilidade masculina por uma questão de recorte etnográfico, e não pela inexistência de mobilidade dos homens entre diferentes definidores do masculino. Na medida do possível, serão pinceladas algumas dinâmicas que dizem respeito às diferentes configurações do universo masculino no bairro das Flores.

¹¹⁰ Não acredito que haja práticas totalmente despidas de quaisquer interesses, por mais que estes estejam na ordem do inconsciente (Bourdieu, 1996), assim como Butler (1998) aduz que a autonomia é a dependência negada, para falar sobre a ausência de total livre-arbítrio do agente social.

somos forçados a empregar para designar as seqüências de ações objetivamente orientadas para uma finalidade e observáveis em todos os campos, não deve nos enganar: as estratégias mais eficazes, sobretudo em campos dominados por valores de desinteresse, sendo o produto de disposições modeladas pela necessidade imanente do campo, são aquelas tendentes a se ajustar espontaneamente a essa necessidade, sem qualquer intenção manifesta nem cálculo. Isto significa afirmar que o agente nunca é por inteiro o sujeito de suas práticas: por meio das disposições e da crença que estão na raiz do envolvimento no jogo [...] (2001, p.169)¹¹¹.

Em outras palavras, o conceito de estratégia permite não reduzir as relações entre os moradores do bairro das Flores a uma razão prática ou a um "funcionalismo utilitário" (LANNA, 1995), mesmo porque, todas essas relações compõem o "habitus" do grupo social no qual desenvolvi a presente pesquisa. Na esteira dessa noção, todos os agentes sociais que vivem na referida vila não são dotados plenamente de livre-arbítrio, nem tampouco são subjugados arbitrariamente pelos ditames sociais. Relembro, portanto, que o habitus remete-nos "não ao codificado, mas aos esquemas construídos para e pela prática, esquemas constituídos pelas oposições fundamentais que organizam a visão do mundo dos grupos ou classes". (HARTUNG, 2000, p.3).

Feitas estas considerações teóricas e metodológicas, busco, neste capítulo, mostrar como as mulheres estigmatizadas e conhecidas como largadas podem se alçar (ou não) à condição de casadas, e o inverso, com estas últimas sendo estigmatizadas. Vejamos como se processam, sobretudo, essas trocas de estatutos ou intercâmbio entre as diferentes formas do ser mulher¹¹² no bairro das Flores.

¹¹¹De maneira similar, Vernier (1991), ao estudar a gênese social dos sentimentos na ilha de Karpathos, na Grécia, utiliza o conceito de estratégias, mas assim o faz combinando-o às críticas tecidas contra algumas noções "levistraussianas", como a generalização do tabu do incesto.

¹¹²Ao me referir às relações de gênero, não há como limitar os comentários sobre trocas de estatutos às relações estabelecidas apenas entre as mulheres, mas estendo-os (SCOTT, 1990) àquelas estabelecidas com os homens.

4.1 O COMPADRIO ESTABELECIDO ATRAVÉS DA 1.^a COMUNHÃO

A análise aqui realizada do compadrio estabelecido a partir da primeira comunhão (ou segundo batismo), vincula-se a um duplo motivo. Em primeiro lugar, mostrarei como essa cerimônia, no bairro das Flores, atrela-se à importância – já descrita no capítulo anterior – do casamento para o universo feminino local. O segundo, reside na pouca exploração desse ritual por parte da literatura antropológica sobre parentesco, comparativamente ao compadrio estabelecido através do batismo. Estes dois argumentos fortificam-se frente à riqueza de símbolos e/ou significações que o ritual do segundo batismo traz consigo, capaz de possibilitar um melhor entendimento do próprio bairro das Flores. Então, a compreensão dos rituais é importante pelo fato de eles lembrarem os princípios e valores que guiam os indivíduos do bairro das Flores em suas atividades sociais (LEACH, 1972). Nesse mesmo sentido, aproprio-me do posicionamento de Valeri ao aduzir que as festas são:

caracterizadas por uma solidariedade social mais intensa, que se manifesta por atividades (rituais) regulares. As festas podem se opor à sociedade "normal" ou, ao contrário, representá-las numa forma sintética e ideal, fazendo-a mais facilmente perceptível como uma totalidade. (VALERI *apud* LANNA, 1995, p.183).

Nos estudos sobre o compadrio – como acima frisei – são mais recorrentes as análises quanto ao parentesco espiritual estabelecido a partir do batismo (PITT-RIVERS, 1979; ARANTES, 1982; LANNA, 1995 e D'ONOFRIO, 1991), e não a partir do casamento, da primeira comunhão ou mesmo da crisma. Uma das explicações para isso parece advir da importância simbólica presente no ritual do batismo, pois é neste que, conforme Arantes (1982):

Se superpõe o renascimento espiritual ao fato social e biológico do nascimento, contrapõe-se ao matrimônio a relação entre compadres. Enquanto o primeiro fornece o substrato legal adequado para a constituição da prole legítima e para a vida terrena que é provisória, o segundo permite a construção de famílias onde crianças são concebidas sem pecado e preparadas para a vida eterna. (p.201).

Aqui se tratará do compadrio estabelecido através da primeira comunhão, no sentido de mostrar como essa relação é estabelecida entre as mulheres, especificamente entre afilhada e madrinha e entre as comadres.¹¹³

Observe-se que tal proposta acompanha as análises de Lanna (1995) sobre o compadrio entendido em si mesmo, e não como explicação funcionalista de relações políticas e/ou econômicas que se vinculam em determinados contextos sociais ao parentesco espiritual. Nas palavras do autor, não podemos supor que:

{...} "Vínculos previamente estabelecidos através do parentesco, residência e laços econômicos assumem precedência lógica sobre o compadrio" (ARANTES, 1971, p.20). Esses vínculos não são preestabelecidos, mas são, simbólica e ontologicamente, contíguos ao compadrio, guardando com ele uma relação sincrônica, inseridos em um mesmo contexto; trata-se de formas não-capitalistas de sociabilidade que se exprimem diferentemente em tempos e espaços específicos. (LANNA, 1995, p.207).

Por outro lado, como observa Lanna (1995), não há como negarmos a contribuição dos textos clássicos de Mintz e Wolf (1950) – por mais funcionalistas que tenham sido - no que diz respeito ao compadrio, pois a partir destes vieram à tona o caráter simbólico da instituição e principalmente, o caráter assimétrico e hierárquico estabelecidos na relação entre pais naturais e os espirituais. (LANNA, 1995, p.206).

4.1.1 Do Compadrio no bairro das Flores:

"Depois da 1ª comunhão, só falta o casamento (Marcela, 12 anos, estudante, largada)".

A primeira comunhão é definida pela Igreja Católica como o sacramento que autoriza os batizados a receberem a hóstia em sinal de ingresso em um determinado grupo ou comunidade. Por meio da eucaristia, os fiéis batizados em

¹¹³ Difiro, portanto, do enfoque privilegiado atribuído aos vínculos estabelecidos entre os homens no compadrio. (PITT-RIVERS, 1979; ARANTES, 1982 e LANNA, 1995).

sinal da vida espiritual iniciada sem pecados, agora, para assim se manterem, são novamente batizados. Com a primeira comunhão, a manutenção da vida espiritual e terrena sem pecados somente se perfaz com a ingestão da hóstia após a confissão. Tal como prescreve a bíblia, a hóstia simboliza o pão da vida eterna e

aquele que vem a mim não terá mais fome e aquele que crê em mim, não terá mais sede. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente, e o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo, (BÍBLIA, 1990:1363).

Tendo em mente esta significação da primeira comunhão, no bairro das Flores os festejos para esse segundo batismo são anunciados e preparados – pelas meninas catequizadas (comungantes) e suas mães - com um ano de antecedência, revelando a importância que esse ritual assume para o universo feminino. Tal relevância parece vinculada ao lugar que o casamento ocupa na vida das moradoras do local, perceptível tanto no fato de as meninas, no dia da primeira comunhão, serem chamadas, pelos amigos e familiares, de "*noivinhas*"¹¹⁴ – designação justificada em função de seus trajes lembrarem os de noiva¹¹⁵ – quanto nas declarações, feitas pelas batizadas, condicionando o casamento religioso à primeira comunhão (conforme epígrafe constante do subcapítulo).

Apesar das largadas não irem à igreja, essas mulheres fazem questão que suas filhas freqüentem a missa todos os domingos. E, ainda, que sigam o curso de catequização, necessário à primeira comunhão, acentuando a sua relevância, como acima exposto.

O anúncio das madrinhas e futuras comadres é feito oficialmente pelas catequizadas e suas mães (casadas ou largadas), via de regra com dois meses de antecedência da primeira comunhão.

¹¹⁴Em sua análise sobre o compadrio estabelecido no ritual de batismo, Lanna ressalta que as crianças batizadas são chamadas de noivas (p.215), as não batizadas são chamadas de "*solteiras*" (p.213), e as dádivas dos padrinhos são chamadas de "*enxovais*". Enfatizando, assim, como existe o paralelo entre o batismo e o casamento, ambos vistos enquanto alianças interfamiliares, em São Bento e outras cidades brasileiras.

¹¹⁵Ver fotos nos anexos.

No caso das filhas das largadas, a escolha das suas madrinhas, na qual a participação da mãe e da futura comadre é indispensável, recai sobre as mulheres solteiras ou casadas, ambas detentoras de posições de prestígio social. No que se refere às escolhas feitas pelas casadas (também indispensáveis) e suas filhas, recaem - via de regra - sobre as mesmas mulheres casadas que foram convidadas para madrinhas por ocasião do primeiro batismo.

As madrinhas de batismo das filhas das casadas e das largadas são suas parentes por afinidade e consangüíneas, respectivamente, dos seus maridos e ex-maridos. Assim, vê-se, no que se refere às casadas, que tal vínculo persiste, pois os maridos ainda são mantidos, o mesmo não ocorrendo com as largadas, cuja separação¹¹⁶ acarretou-lhes o rompimento dos laços com os consangüíneos dos ex-maridos¹¹⁷, e, por conseguinte, padrinhos e madrinhas de batismo dos seus filhos(as).

Tal fato mostra que a repetição das madrinhas de batismo no caso da primeira comunhão das filhas das casadas reitera a aceitação social já vivida por essas casadas e suas filhas. Ao contrário, no tocante às filhas das largadas, a escolha de uma nova madrinha para a primeira comunhão estabelece um novo vínculo de parentesco - quer entre as afilhadas e as madrinhas, quer entre as novas comadres. Por essa razão, as largadas passam a ser comadres de mulheres que desfrutam de uma melhor condição social do que elas ou, ainda, que tenham a aceitação social advinda do casamento. E, mais: as filhas das largadas, ao terem uma madrinha bem conceituada, talvez amenizem a possibilidade de receber atributos depreciativos (GOFFMAN, 1963) tal como ocorre com suas mães, largadas.

¹¹⁶Em relação àquelas que um dia foram casadas.

¹¹⁷Este afastamento adveio, na maioria dos casos, pelo fato de as largadas, após a separação, terem sido vistas por esses parentes afins como mulheres que não prestam, ou mesmo que não "*prestaram para o casamento*".

A relação de compadrio entre Maria, uma largada, e a sua vizinha e atual comadre dona Gilda, uma mulher considerada no bairro como "*bem casada*", é bastante elucidativa de como se dão tais relações¹¹⁸.

Note-se, primeiro, que a madrinha da filha de Maria, Mônica, é Roberta, filha de dona Gilda e de seu Durval (diagrama 02 abaixo). Ocorre, entretanto, que o termo de tratamento adequado a essa relação é estendido da efetiva madrinha à sua mãe, que passa a ser chamada também pelo termo **madrinha**. Assim, o mesmo termo – comadre – serve para se referir tanto à madrinha efetiva – Roberta – da filha, quanto à mãe da madrinha – dona Gilda (45 anos, casada, diarista).

Detalhando mais essa relação, é importante acrescentar que inicialmente a madrinha de Mônica seria uma amiga de Maria, Lola, igualmente filha de dona Gilda (fruto de uma relação efêmera com outro homem há 25 anos). Mas, por motivos não explicitados por Maria, a escolha foi modificada e Roberta, meia-irmã de Lola, foi convidada para ser madrinha da filha de Maria. Ressalte-se que no bairro, Lola e Maria recebem os mesmos estigmas.

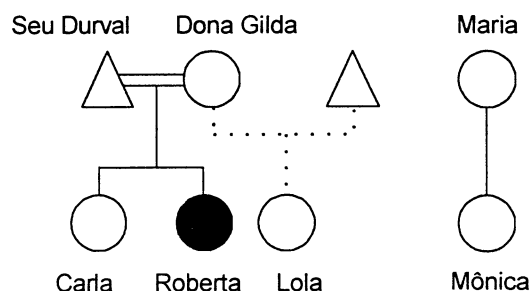
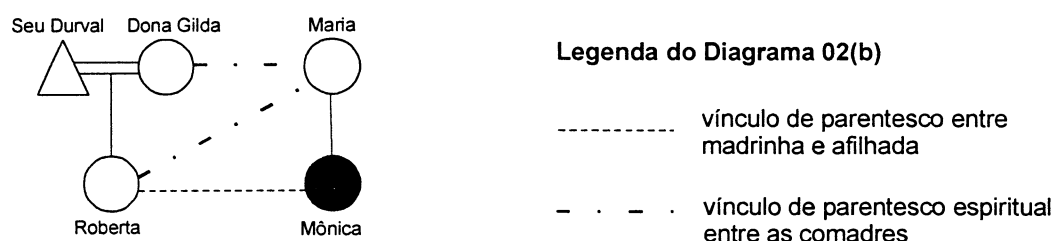
No que se refere às relações entre afilhadas e madrinhas, e entre comadres, no bairro das Flores, verifica-se que:

- a) a madrinha e comadre dá à afilhada toda a roupa que será usada no momento da primeira comunhão. Esta compreende o vestido, a presilha para o cabelo, a meia-calça e o sapato, todos na cor branca¹¹⁹. Após a cerimônia, a madrinha e seus familiares (netos, filhos, genro e marido) recepcionam na sua casa a afilhada e sua família (filhos e mãe largada) para comemorarem juntos o evento;

¹¹⁸O caso de Gilda é um dos exemplos, como vimos no capítulo anterior, de uma mulher que teve no passado distante (há 25 anos) uma relação fortuita, capaz de fazê-la ser considerada como uma largada. Apesar disso, Gilda é considerada como mulher distinta, pois está casada há, pelo menos, 20 anos com o mesmo homem. Esse exemplo mostra como o estigma (GOFFMAN, 1983) também é relacional e situacional.

¹¹⁹Ver fotos nos anexos.

- b) a afilhada retribui todas as dádivas recebidas da madrinha com dedicação e bajulação, que consistem basicamente na prontidão em servir à madrinha sempre que esta se encontrar por perto ou pedir algo, bem como em mostrar para todos os amigos e vizinhos as fotos da primeira comunhão, apontando para o vestido e destacando quem a presenteou;
- c) a retribuição das dádivas advindas da madrinha e comadre não se esgota na afilhada, mas estende-se também à sua mãe. É significativo observar que, com o compadrio, a relação outrora marcada pelo acesso limitado das largadas à casa das casadas se modifica; agora, frente ao parentesco espiritual, esse acesso não é tão restrito, pois são convidadas para certas festividades, como o Ano-Novo;
- d) as largadas, comadres de casadas, procuram não se aproximar dos seus compadres, ou mesmo procuram chamá-los, estrategicamente, pelo (pre)nome. Esse chamamento pelo nome é sempre precedido pelo termo "seu", que pode ser interpretado como pronome possessivo, denotando assim que ele é marido de sua comadre. Como denota o diagrama 02 (b), a mãe do Ego, chama seu compadre Durval de "seu Durval", marido de "dona Gilda", também em sinal de respeito e distanciamento;
- e) o compadre aparece como tendo algum dever em relação à batizanda/afilhada, quando se tratar da filha de mulher largada, no dia da cerimônia. Como algumas não têm pai presente, este nem sempre comparece à cerimônia, o mesmo não se verificando com as filhas de mulheres casadas. Na última havida no bairro, o sacerdote solicitou a presença do pai, para que entregasse uma vela à filha batizanda, sendo o terço entregue pela madrinha. Como o pai da batizanda não compareceu à cerimônia, o compadre da mãe da jovem é que levou a vela à afilhada da sua filha Roberta. Lembre-se que a jovem – e Ego - também é considerada afilhada da mãe da madrinha.

Diagrama 02: das relações de compadrio**Diagrama 02(a): das relações genealógicas da madrinha de Marcela****Diagrama 02(b): vínculo estabelecido através do parentesco espiritual**

Como sugerido anteriormente, a primeira comunhão é um momento ritual que confirma o ingresso e a aceitação das meninas na comunidade (reiterando o valor da honra) e, portanto, esse ingresso se dá por meio de mulheres bem conceituadas, e não por meio das rotuladas negativamente. E, na qualidade de madrinha, a informante Lola poderia transmitir, perante toda a simbologia que envolve a primeira comunhão, seus atributos negativos à afilhada, tal como ocorre por vezes entre mães e filhas.

Assim sendo, face ao grande valor que o compadrio representa para as largadas e as suas filhas no bairro das Flores, é possível sugerir que tal relação reafirma a condição hierarquicamente superior das casadas e o caráter englobante e protetor que o casamento assume localmente. Conforme ressaltai no capítulo anterior, em todos os contextos nos quais a aceitação social é posta como

parâmetro relacional, as largadas aparecem submetidas ao rótulo de vagabundas. Sob essa perspectiva, sigo Lanna (1995), ao mostrar que, no município de São Bento e distritos circunvizinhos, o compadrio (re)atualiza a condição de superioridade e englobamento desfrutada pelos patrões em relação aos seus empregados, relegados à condição de englobados e inferiores. Além de essa relação de reciprocidade hierárquica vir a existir no bairro das Flores, vê-se também que a superioridade situacional e relacional desempenhada pelas casadas somente é possível de ser verificada frente à existência das largadas, e vice-versa.

Sugiro pensarmos que essas relações de reciprocidade hierárquica se encontram, por vezes, acompanhadas não apenas das relações de trocas/dádivas entre os sujeitos sociais envolvidos no compadrio, mas também de relações estratégicas. Torna-se interessante salientar, tal como fiz nas relações de troca e reciprocidade hierárquica, que a noção de estratégia aparece, por exemplo, na confiabilidade creditada pela comadre casada à comadre largada, ao permitir que essa última transite com maior liberdade no interior de sua casa. Essa confiabilidade encontra suporte explicativo nos próprios postulados da Igreja Católica. Para as relações de apadrinhamento, a Igreja proíbe o intercuro sexual entre compadres, motivo pelo qual os pais do(a) batizado(a) ou mesmo catequizado(a) não podem ser padrinhos de seu (sua) próprio(a) filho(a). Nesse sentido, sugere Lanna (1995):

O compadrio pode ainda ser considerado uma "afinidade espiritual" pelo fato da proibição de relações sexuais entre compadre e comadre. A quebra dessa proibição geraria, para os habitantes de São Bento, mulas-sem-cabeça e outras bestas terríveis. (p.211).

Vê-se, portanto, que o valor atribuído ao compadrio pelas largadas e suas filhas reitera a importância do casamento para as mulheres no bairro das Flores. Conforme o discorrido no capítulo anterior, é sobretudo por meio do casamento que as mulheres nesse local são reconhecidas enquanto prestigiadas ou honradas. Por esse raciocínio, tornam-se compreensíveis os seguintes fatos mostrados no decorrer deste subcapítulo: as largadas escolhem preferencialmente as casadas para serem

madrinhas das suas filhas e suas comadres; as casadas aceitam esses convites advindos das largadas, visando uma melhor convivência com mulheres vistas como concorrentes; a lealdade dedicada pela largada (inferior) à comadre casada (superior) fundamenta-se, principalmente, no valor que os vínculos de parentesco têm para essas mulheres estigmatizadas, que há tempos não os vivem corriqueiramente; as largadas desejam com esses vínculos ser menos rejeitadas socialmente, bem como garantir às filhas uma mãe espiritual/madrinha que lhes conceda aceitação social.

Observe-se, então, que a madrinha passa à afilhada (e também à mãe desta) parte do seu prestígio e da sua posição sociais, esperando, em troca, a garantia de que na condição de comadre de uma largada, esta não roube seu marido. Por outro lado, é preciso destacar ainda que, no bairro das Flores, a transgressão do tabu do incesto nas relações de compadrio estabelecidas a partir da primeira comunhão¹²⁰ pode transformar as filhas de mulheres largadas em "*noivas-sem-cabeça*"¹²¹. Em resumo, por meio dessa relação, vê-se que as largadas ao não se aproximarem dos seus compadres, retribuem a confiança das casadas, gerando, entre outras coisas, uma melhor convivência entre elas.

Todavia, como os moradores do bairro das Flores são acima de tudo sujeitos que agenciam suas atitudes, as regras não nos permitem enxergarmos outras relações que se estabelecem sem o caráter de excepcionalidade a uma regra imposta. Assim, se por um lado há relações que convergem para a manutenção e demonstração do tabu do incesto, há, por outro, aquelas que o transgridem¹²².

¹²⁰Nas demais relações de compadrio, compadres e comadres também encontram-se sujeitos a este tabu. A ênfase na primeira comunhão se deu perante os motivos já descritos anteriormente.

¹²¹Tal como ocorre em São Bento com a maldição da "mula - sem -cabeça". (LANNA, 1995).

¹²²Se estas relações forem vistas enquanto mera transgressão da norma, elas apenas confirmam e/ou reafirmam a própria norma.

4.1.2 O Compadrio como Encobrimento de Relações Incestuosas

O compadrio a partir do batismo ou da primeira comunhão (e da crisma) estabelece alianças que apresentam correspondência com o casamento. Por esse motivo, a proibição do incesto se estende para os vínculos instituídos através de quaisquer parentescos espirituais (LANNA, 1995 e ARANTES, 1982), transformando a relação sexual entre compadres numa regra negativa. Acontece que toda e qualquer regra social proibitiva também é passível de transgressão, pois segundo Bourdieu (1996) e Vernier (1991)¹²³, os agentes sociais apresentam a capacidade de agir e transigir perante determinadas e consolidadas regras sociais.

Tal capacidade de ação inerente aos agentes sociais pode vincular-se à noção de "habitus", que Bourdieu remete à Weber, quando este afirma que "les agents sociaux obéissent à la règle quand l'intérêt à lui obéir l'emporte sur l'intérêt à lui désobéir". (WEBER *apud* BOURDIEU, 1986, p.40). Complementa Bourdieu:

cette bonne et saine formule matérialiste est intéressante parce qu'elle rappelle que la règle n'est pas automatiquement efficace par soi seule et qu'elle oblige à se demander à quelle condition une règle peut-être efficace. (BOURDIEU, 1986, p.40).

Da mesma forma, no bairro das Flores o parentesco espiritual sugere o encobrimento de relações incestuosas entre compadres.

O compadrio entre Rômulo (36 anos, comerciante, casado) e Zoraide (22 anos, largada, desempregada) permite algumas considerações no sentido acima mencionado. Rômulo é o pai biológico¹²⁴ e não apenas, o padrinho do filho caçula de Zoraide. Sabe-se que, se os encontros entre os compadres continuam a existir, são muito discretos, pois ninguém do bairro desconfia, segundo a informante Lola (25

¹²³Inspirada no estudo realizado por Vernier (1991) na ilha de Karpathos, Grécia, onde o autor observou a constante transgressão da regra universal da proibição do incesto por parte dos irmãos entre si, e destes em relação a seus ascendentes.

¹²⁴Consta do registro de nascimento da criança o nome de outro homem que não o do seu pai biológico.

anos, largada, empregada doméstica). De qualquer forma, Lola, ao mencionar o assunto e o vínculo de proximidade entre comadre e compadre, deixa transparecer em seu discurso que as relações sexuais entre comadre e compadre ainda persistem, fofocas que foram confirmadas por Maria (31 anos, comerciante, largada), também reticente quanto à aproximação dos compadres.

Sob essa perspectiva, a **dinâmica**¹²⁵ do compadrio reforçaria a desigualdade e a hierarquia existentes entre as diferentes mulheres moradoras do bairro das Flores, e também revelaria um vínculo estabelecido entre homens e mulheres que mantêm relações sexuais após o estabelecimento do parentesco espiritual. Aqui, a evitação sexual entre compadres (ARANTES, 1982; LANNA, 1995 e PITT-RIVERS, 1979) não pode ser tomada como uma prática recorrente, nem tampouco como garantia para as casadas (que estabelecem relações com certas largadas através do compadrio), de que as suas comadres largadas não se aproximarão ou roubarão seus maridos. Em outras palavras, suscito que o compadrio no bairro das Flores pode também servir como desculpa para um estreitamento das relações entre a comadre e o compadre. Assim, a partir das relações de transgressão ao tabu do incesto, é possível mostrar que o parentesco espiritual no bairro das Flores, se apresenta menos como regra, ou exceção, do que como parte da dinâmica própria das relações sociais.

A transgressão ao tabu do incesto nessas relações entre compadres aparece no discurso de algumas informantes largadas, como justificado na fórmula: "*tudo fica em família*". Com tal frase, Maria tenta explicar que a existência de um filho em comum entre Rômulo e Zoraide aproximaria o compadrio do casamento, sobretudo – como sua fala denota – se essa relação for descoberta pela comadre traída, pois aquela que antes era apenas comadre poderia se tornar esposa.

¹²⁵O termo dinâmica aqui é utilizado enquanto sinônimo do termo relações.

No subcapítulo anterior, o compadrio retratou o estabelecimento de uma relação visando uma melhor convivência entre casadas e largadas. Procurei mostrar ainda que sob as vestes do compadrio, podem também existir relações potencialmente tensas entre casadas e largadas. Não é possível, infelizmente, dizer se o compadrio seria (ou não) uma das estratégias utilizadas pelas largadas visando a consecução não apenas de um compadre, mas de um futuro marido. De qualquer forma, essas relações de compadrio estabelecidas entre comadre e compadre, a partir do primeiro ou segundo batismos, merecem pesquisas mais aprofundadas.

4.2 O ESPAÇO DO BAR NO BAIRRO DAS FLORES

Da Matta (2000), ao propor a análise e a compreensão da sociedade brasileira a partir das categorias "casa" e "rua", mostra como esses espaços são construções sociais, portanto passíveis de variações. Com base na construção histórica ocidental tendenciosamente androcêntrica (HÉRITIER, 1984; 1989 e GODELIER, 1980), pode-se notar uma naturalização das representações de que a casa compreende o espaço destinado às mulheres, à afetividade, à pessoalidade, à passividade e à família, e a rua se remete ao espaço masculino, da impessoalidade e do trabalho rentável, ou seja, daquele que provê filhos e esposa. Em suma, às mulheres são atribuídas as tarefas domésticas, e tudo o que diga respeito a isso, como cuidar dos filhos, cozinhar e dedicar-se ao "casa"mento¹²⁶. Aos homens são destinadas as atividades do mundo exterior à casa, que envolvem a força, o dinheiro e tudo o que diz respeito à atividade, enquanto contrária à passividade, vista como pertinente ao universo feminino. (PEDRO, 1997).

Fundamentado nessas representações tão enraizadas não apenas no senso comum, mas em diversos campos de conhecimento (jurídico, médico, entre outros), o entendimento do bar, de propriedade de mulheres largadas, no caso de Maria, torna-se uma tarefa instigante, pois esse espaço é também extensão da rua e, portanto, integra o universo masculino (por exemplo, ALVITO, 1998, p.181-207). No presente caso, esse bar, reputado como espaço restrito aos homens, é de propriedade de uma mulher.

¹²⁶Nunca é demais citar as explicações tão concisas de Hérítier, acerca da dominação masculina e da subordinação feminina:

"Toujours renvoyée à l'espace domestique, elle ne peut sortir de l'ordre masculin où elle est confinée que par une évasion au sens propre qui la conduit à la mort par épuisement". (1984, p.14).

Ao continuar, nesse mesmo ensaio, seus esclarecimentos acerca da relação de dominação entre os gêneros, especificamente no Ocidente, ela assim menciona os dizeres de Virey:

"Si la femme est faible par sa constitution même, la nature a donc voulu la rendre soumise et indépendante dans l'union sexuelle; elle est donc née pour la douceur, la tendresse et même pour la patience, la docilité; elle doit donc supporter sans murmure le joug de la contrainte, pour maintenir la concorde dans la famille par sa soumission". (VIREY *apud* HÉRITIER, 1984, p.15).

Observe-se, no entanto, que Maria é considerada no bairro das Flores como uma mulher da rua¹²⁷ e/ou largada. Por outro lado, não são apenas as largadas que freqüentam seu bar, mas também solteiras e casadas. Disso decorreu as seguintes questões:

- 1) Como se configuram os espaços da rua e da casa no bairro das Flores?
- 2) Levando-se em consideração o bar, essa divisão do espaço ainda persiste, ou tanto a casa quanto a rua constituem-se, em relação ao bar, num local de transição (DA MATTA, 2000)?
- 3) Como e quando se dá a presença das casadas e das solteiras no bar?
- 4) Quais são as mudanças – se elas existem – no espaço do bar, com a presença das largadas e das casadas?

Para responder a essas questões, buscarei de um lado descrever o espaço de dois bares: um deles mantido por uma largada e, o outro, de propriedade de uma casada e de seu marido. Vamos aos dados.

4.2.1 O Bar de Cleide & Danilo

Após ter deixado as atividades de caminhoneiro, Danilo (40 anos, casado, autônomo e comerciante) empregou o dinheiro do *"acerto"* que recebera na *"firma onde trabalhava"*, em um bar, construído na parte frontal da sua casa.

Há aproximadamente 1 ano e meio, o bar abre – de segunda a quinta-feira – na parte da manhã, por volta das dez horas, e somente fecha por volta da uma hora da madrugada. De sexta-feira a domingo, o bar fecha suas portas às duas horas da madrugada. As atividades de abertura do bar são rotineiras, com Danilo

¹²⁷ Sinônimo que Da Matta (2000), por exemplo, atribui às vagabundas e às prostitutas. No bairro das Flores, por vezes as largadas são equiparadas a vagabundas e/ou prostitutas. Maria, quando trabalhava no período da madrugada, em um comércio no centro de Curitiba, tinha dificuldades em convencer os seus vizinhos de que não se prostituía. Mesmo dizendo que não era prostituta, essa correlação surgia, não somente com ela, mas com algumas outras largadas.

abrindo a porta, varrendo e lavando os pisos interno e externo do citado comércio. Por vezes, ele intercala essa atividade com o recebimento ou com a feitura de alguns pedidos de produtos para o bar, como bebidas alcoólicas, salgadinhos, refrigerantes, fichas para a mesa de sinuca, balas/doces etc. Ao terminar o serviço de limpeza, Danilo arma as mesas que são colocadas na parte externa do bar, cujo espaço interno apresenta dois níveis. No primeiro deles, encontram-se a mesa de sinuca/bilhar, o balcão com alguns bancos, um banheiro e uma escada que conduz os clientes a uma espécie de mezanino. Neste, encontra-se a máquina de videokê, utilizada pelos clientes que gostam de cantar à noite ou de madrugada.

Danilo também faz alguns bicos como pedreiro, seja no próprio bairro, seja em outra localidade. Assim, nos dias em que sai cedo para realizar estas atividades, sua esposa, Cleide (36 anos, do lar, casada) realiza juntamente com o filho primogênito do casal, as atividades desempenhadas por Danilo. Nestes dias, observa-se a presença do pai¹²⁸ de Cleide, sentado em uma das mesas externas ao bar, acompanhando as atividades do neto e da filha.

Durante os períodos da manhã e da tarde, algumas crianças vão ao bar de Danilo comprar refrigerante e balas. As mulheres casadas e/ou solteiras também o freqüentam, seja para buscar cerveja e refrigerantes, seja para tomá-los ali mesmo¹²⁹, juntamente com Cleide, em uma das mesas externas do bar. Os homens o freqüentam habitualmente no período da tarde e da noite, isto é, chegam ao bar por volta das dezesseis (ou dezessete horas), permanecendo ali até o seu fechamento.

No período da noite, vê-se que Danilo ou está atendendo sozinho, ou está na companhia da sua esposa. Quando os dois permanecem juntos no bar, as atividades são diferentes para cada um deles, sendo difícil Cleide servir os clientes nas suas mesas e/ou circular no bar.

¹²⁸Os pais de Cleide moram na casa dos fundos do seu terreno.

¹²⁹Ressalte-se, novamente, que as mulheres não ingerem bebidas destiladas (especificamente pinga) em locais públicos. Quando ingerem, assim o fazem às escondidas.

A partir da compra do aparelho de videokê, o bar de Danilo passou a ser mais freqüentado por crianças e mulheres. Nas sextas-feiras e sábados, é comum vê-los no bar escolhendo e cantando as suas músicas prediletas. As casadas, via de regra, cantam para os seus maridos, que permanecem no piso inferior do bar, onde bebem, jogam sinuca e/ou conversam com outros homens.

As solteiras também o freqüentam, na companhia de amigos e amigas, e ali permanecem, sentadas às mesas, bebendo e/ou cantando no videokê. Da mesma forma, as largadas também o freqüentam, via de regra na companhia de outras largadas, permanecendo sentadas ou circulando pelo ambiente do bar.

Qualquer excesso em relação à bebida é temporizado por Danilo, que logo cessa a venda para o homem que se excedera, evitando maiores transtornos. A maioria das brigas e/ou desentendimentos verbais se dá entre os homens, seja nos jogos, seja simplesmente nas conversas com outros homens.

A venda fiada existe no bar de Danilo, embora haja um cartaz fixado em uma das paredes com os seguintes dizeres: "*não se vende fiado ficha de sinuca*". As demais vendas, fiadas, quando não são pagas no mesmo dia, ou mais tardar em uma semana, são de imediato cobradas – via de regra – por Cleide. A cobrança é feita diretamente às mulheres, sejam elas as devedoras ou os seus maridos.

4.2.2 Do Bar de Maria e Seu Caderno de Fiados

"Minha casa parece uma rodoviária pública (Maria, 31 anos, comerciante, largada)".

Maria abriu o seu bar há 3 anos, com a ajuda de alguns amigos homens, que lhe cederam madeiras, telhas e outros materiais. Maria construiu o seu bar enquanto ainda trabalhava de madrugada em uma padaria no centro de Curitiba.

Nos primeiros meses, sua primogênita – Marcela – a auxiliava na venda de alguns produtos durante o dia, como bebidas, balas e pães. Com o passar dos

meses, após ter sido alertada, pela sua ex-sogra, de que o conselho tutelar ou a polícia poderiam "*encrencar*" com o fato de uma menor estar atendendo sozinha em um bar, Maria passou a abrir ou permitir a venda dos seus produtos somente quando estava em casa. Ao mudar de turno em seu emprego, Maria passou a abrir o bar – via de regra – no período da tarde, por volta das dezessete horas¹³⁰; e somente o fechava após a saída do último cliente. Atualmente, Maria trabalha também como diarista e, então, a maior parte da renda familiar advém do bar.

Sua rotina começa cedo. Ao acordar, varre toda a parte externa da sua casa, e também àquela destinada ao bar, construído em forma de banca de revista – ao lado da sua casa – apresentando uma parte interna diminuta, que serve de balcão e de depósito para fichas de sinuca, cascos de bebidas, um pequeno freezer, balas e uma prateleira, onde encontram-se expostas as bebidas "*quentes*", como pinga, fogo paulista, conhaque, etc. Desta construção (estilo meia-água em alvenaria), que mede aproximadamente 7 m², foi "*puxado*" um telhado sustentado por 2 pilares de madeira. Sob esta cobertura feita de telhas "*eternite*", encontram-se a mesa de bilhar/sinuca e, ao seu redor, quatro mesinhas com 4 bancos cada uma, todos acessórios feitos em madeira por um dos "*casos*" de Maria.

Uma das observações recorrentes de Maria é com relação à ausência de um banheiro para o seu bar, fazendo com que todos os seus clientes utilizem o banheiro da sua casa. Para o entra e sai constantes na sua casa, Maria costuma utilizar a seguinte frase como definidora da sua moradia: "*minha casa parece uma rodoviária pública*".

Para melhor compreender as relações estabelecidas entre casadas e largadas, e entre estas e os homens, no interior de um bar administrado apenas por uma mulher, selecionei dois acontecimentos que ocorreram no bar de Maria.

Eram aproximadamente quinze horas, na tarde do dia 23 de dezembro de 2001, e no bar de Maria estavam assistindo a um jogo de futebol, Lola e Vítor (35

¹³⁰Sendo concorrente do bar de Cleide e Danilo.

anos, biqueiro, casado). Enquanto assistiam ao jogo, bebiam e *"jogavam conversa fora"*, sentados em uma das mesas do bar de Maria. Ao término do primeiro tempo do jogo, Lola e Maria perceberam que a esposa de Vítor, Juraci (34 anos, casada, vendedora), estava postada de braços cruzados na frente do portão da sua casa¹³¹, olhando furiosa em direção ao bar. Fingindo não ter visto que sua mulher olhava, Vítor continuou bebendo e assistindo ao jogo na companhia de Lola e Maria. Não demorou muito para que Juraci começasse a chamar Vítor, ameaçando de ir *"buscá-lo"*, caso ele não voltasse para casa naquele momento. Quando Juraci abriu o portão da sua casa e veio em direção ao bar, Vítor virou para Maria e mais do que depressa, perguntou se poderia levar o *"casco de cerveja"* para tomar em casa, e depois devolvê-lo. Maria sorriu, respondendo que não havia problemas. Após a saída de Vítor, Maria e Lola riram ao comentar sobre os ciúmes da esposa em relação ao marido. Em meio aos risos, as duas informantes acrescentaram que elas não se interessavam por Vítor, *"pois aqui no bairro por enquanto tem coisa melhor do que ele"*. Ou como, Maria costuma dizer, *"homem é que nem banana, dá em qualquer beira de estrada, e em toda bodega tem"*.

Se com ele Maria diz não querer nada, o mesmo não ocorre em relação a Alberto (36 anos, funcionário industrial, casado), atual *"caso fixo"*¹³² e morador dos mesmos bairro e rua. Os dois se conheceram no bar de Maria, quando Alberto lá estava para tomar as suas corriqueiras cervejas no balcão.

Algumas foram as noites em que Maria confidenciava a Lola sobre seu interesse por Alberto, pedindo que *"reparasse"* se era correspondida ou não. Não demorou muito para que os dois passassem a trocar beijos e abraços no próprio bar de Maria, ou dentro da sua casa. Passados aproximados 7 meses, Maria *"está*

¹³¹Situada justamente na frente do bar de Maria.

¹³²Por mais que essas distinções sejam contextuais, Maria se refere a Alberto como seu caso fixo, pois é com ele que ela sai constantemente. Atualmente, essa informante diz não mais sair com outros homens concomitantemente a um caso fixo, como outrora já acontecera.

apenas com o Alberto, e não mais com ele e com o Lúcio". Maria costuma verbalizar suas táticas de conquista e, em relação à Alberto, as intensificou, pois como costuma dizer às suas amigas:

"com o Alberto é diferente ele me ajuda com dinheiro, é carinhoso, e eu tremo toda quando estou ao seu lado. Eu não vou desistir dele, não! Ele me leva para passear e, dependendo do lugar, eu sou apresentada como a sua esposa. É, quando o Alberto deixar da mulher, eu pego as malas dele e levo lá para casa."

A esposa de Alberto, Vanessa (35 anos, do lar), já desconfia da relação extraconjugal de seu marido, motivo pelo qual fez questão de esclarecer os boatos com Maria, e de proibir Alberto de freqüentar o referido bar sem a sua presença. Em visita de Vanessa à casa de Maria, os boatos de traição foram por esta última desmentidos. Contornando as dificuldades oriundas da desconfiança da esposa, Alberto e Maria continuam o relacionamento com encontros diários, seja de manhã, ao pegarem o ônibus juntos para Curitiba, seja à tarde, quando saem de seus empregos.

Desde o momento em que a desconfiança se instalou, Alberto encerrou sua conta no caderno de fiados de Maria. Agora, os gastos de Alberto e da sua família, no bar de Maria, são pagos diariamente. A manutenção de uma conta com Maria, possibilitava o retorno diário ao bar, sob a desculpa de *"acertar o que ficou pendente na noite passada"*, o que se repetia por muitos dias. Assim, a pendência de uma ou duas cervejas permanecia para o dia seguinte, fazendo com que Alberto retornasse ao bar e, no balcão, ficasse a conversar e a dividir sua cerveja com Maria. Essa assiduidade ao bar cessou a partir do início do relacionamento.

A contrapartida que Maria recebe neste relacionamento afetivo tem sido, segundo ela própria, *"carinho, atenção, ajuda no pagamento das contas mensais mais pesadas, e uma boa cama"*.

Por fim, note-se que Vítor, aquele morador por quem Maria não se interessava, também mantém uma conta no bar. Acontece que, via de regra, esses pagamentos não são feitos em espécie (dinheiro), mas em serviços prestados por ele a Maria como, por exemplo, pedreiro ou encanador. O importante é observar

que, apesar de inexistir qualquer vínculo afetivo/sexual entre Maria e Vitor, no mencionado dia em que a esposa veio buscar enfurecida o seu marido no bar, a proprietária do mesmo não titubeou em comentar sobre os eventuais ciúmes das casadas em relação a ela. Frase que sempre Maria e Lola repetem ao enaltecer as vantagens de serem "*descomprometidas*" ou "*separadas*", pois mantêm a liberdade de estar onde bem quiserem.

4.2.3 Algumas Análises Comparativas entre o Bar de Cleide e o de Maria.

Ao nos atermos às descrições dos bares de Danilo e de Maria, seja no tocante ao espaço físico, seja no que diz respeito às relações estabelecidas ali (e a partir daquele lugar) entre os seus freqüentadores, algumas considerações distintivas entre as mulheres casadas e largadas – tendo o espaço do bar como parâmetro analítico – podem ser traçadas.

Note-se que Cleide ajuda seu marido, Danilo, no bar de propriedade do casal. As iniciativas de abastecer, limpar e de manter o bar são em sua maioria exercidas por ele. Quanto às cobranças, quando feitas por Cleide, são diretamente a outras mulheres, por mais que os devedores sejam seus maridos. No tocante às atividades desempenhadas por Cleide, quando o seu marido se ausenta do bar, ela é observada pelo pai ou mesmo pelo filho primogênito. À noite, quando a presença no bar é eminentemente masculina, Cleide nunca se encontra sozinha no bar, mas sempre na companhia do seu marido.

Cozinhar, servir, varrer, fazer compras no mercado, sair na companhia dos filhos para ir às festas de aniversário, freqüentar a igreja, atender aos apelos sexuais do marido, não dar atenção a outros homens, dentre outras, são atitudes que diariamente Cleide desempenha enquanto esposa, seja em relação à conservação da sua casa, seja em relação às atividades sociais das quais participa.

Por ser Danilo o provedor da casa, Cleide, assim como algumas outras casadas do bairro, assume um papel de recato, agindo apenas em relação às

atividades já iniciadas pelo marido. Assim, ao sair sozinha, ou vai à igreja ou vai levar os filhos menores para alguma festa de aniversário no bairro.¹³³

Da mesma forma, as casadas que freqüentam o bar de Danilo estão geralmente na companhia dos seus maridos. Ali permanecem ou para observar as conversas e os jogos deles, ou para cantar no videokê, havendo pouco interação com os demais, especialmente com os homens.

Quanto ao caderno de fiados, este é mantido para todas as atividades, exceto aquelas voltadas ao jogo de sinuca, cujas fichas são cobradas pelo proprietário, que cede a mesa, diariamente. Caso os fregueses esqueçam suas contas, estas são lembradas por Cleide, que cobra das mulheres dos devedores. Vê-se que nenhum contato é mantido entre Cleide e os homens casados (ou solteiros), no espaço do bar e nas relações que deste emanam, como por exemplo na cobrança do caderno de fiados, como bem prescreve o código local de valores, que exige um comportamento omissivo das casadas ou honradas.

Em contraposição a isso, no bar de Maria todas as atividades são desenvolvidas por ela, não destoando das atividades que diariamente desempenha. Exceto uma: Maria não cozinha para os seus filhos, deixando claro que somente cozinhará se fosse para o seu marido. Assim, no bar, ela serve os demais homens, algo que quotidianamente faz quando um de seus casos vai visitá-la. De qualquer forma, Maria é vista pelos moradores (homens ou mulheres) como uma mulher voltada à rua, ao público¹³⁴. A sua imagem encontra-se em perfeita consonância com a própria definição que concede à sua casa: "*uma rodoviária pública*".

Até aí, nenhuma diferença o espaço do bar suscita em relação ao comportamento corriqueiro de largadas e casadas. Sucintamente, vê-se que as casadas estão para o privado/doméstico e para a omissão/subordinação ensejadas

¹³³Ver fotos nos anexos.

¹³⁴Conforme foi mostrado no terceiro capítulo, ao se detalhar a categoria das largadas.

pelo casamento, assim como as largadas estão para o público e para todas as ações que lhes proporcionam a liberdade de ir e vir, tão enaltecida pelas largadas¹³⁵.

O estado emocional de fúria das casadas, ao virem buscar os seus maridos no bar de Maria, deixa transparecer que esta é uma situação que não as agrada, e que de alguma forma foge ao que as casadas esperam do casamento, enquanto uma relação de reciprocidade que enseja direitos e deveres mútuos, cabendo ao homem casado, sob a perspectiva ideal das mulheres, o dever de prover a casa e também de protegê-las, sendo que para isto devem ficar o maior tempo possível em sua companhia, sob a visão das mulheres no bairro. O mesmo portão que permanece fechado na casa das casadas, demonstrando o recato feminino, pode ser lido como servindo para manter "seus" homens ali trancafiados.

Resgatando a relação tensa entre casadas e largadas no espaço do bar de Maria, visualiza-se que é neste espaço, e não no bar de Danilo, que algumas mudanças no comportamento corriqueiro e cotidiano das casadas podem ser observadas, seja em relação aos seus maridos, seja em relação às largadas.

Menciono a seguinte atitude como destoante: as casadas mostram-se ativas ao buscar seus maridos no bar de Maria, e os seus maridos reagem de maneira dissimulada ou mesmo passiva às ordens das esposas, – Vítor obedeceu às ordens vindas da sua esposa para que bebesse em casa e não no bar de Maria. Interligado a este comportamento das casadas, é possível ressaltar o divertimento que tais acontecimentos proporcionam às largadas, que não escondem a superioridade desfrutada naqueles instantes - vividos no espaço do bar de Maria - frente às casadas, que ao se sentirem ameaçadas em seus casamentos (re)agem de forma agressiva, demonstrando com isto que não são tão passivas como o modelo de honradas evidencia.

¹³⁵Deve-se enfatizar que paradoxalmente, as largadas não querem essa liberdade, pois buscam incessante um marido que lhes proteja e que lhes conceda aceitação social.

Importante – frente ao exposto no capítulo anterior, quanto aos vínculos entre as honras masculina e feminina – faz-se lembrar que nas relações de compadrio entre largadas e casadas, estas últimas reiteram e reforçam a superioridade hierárquica sobre as largadas. Porém, tendo por base o conceito de hierarquia de Dumont (1997) combinado ao de reciprocidade hierárquica (LANNA, 1995), torna-se essencial, para a caracterização dessas noções, que o "englobamento do contrário" preveja uma "alternância da dominação" (HOUSEMAN, 1984)¹³⁶ entre os pólos opostos da relação. Assim, se no compadrio as casadas desfrutam de uma superioridade sobre as largadas, no espaço do bar de Maria, essa superioridade é desfrutada pelas largadas. Como se fosse neste espaço que elas comandassem o carteadado, sabendo quando, como e com quem podem blefar ou mesmo ir até o final do jogo. Principalmente porque, nos bares - sem a presença das esposas ou namoradas- os homens (casados ou solteiros) conversam sobre tudo sem quaisquer pudores (DA MATTA, 2000) e, então, as largadas são seduzidas ou seduzem os homens. O jogo de sedução se perfaz basicamente por meio de três comportamentos, quais sejam: pelas piadas que ambos contam sobre sexualidade¹³⁷; pelas boas ouvintes de problemas que as largadas se tornam¹³⁸; e finalmente, no caso de Maria, pelo caderninho de fiados. É graças ao caderno de fiados que todos os outros dois comportamentos se repetem.

Vê-se que as casadas, no espaço do bar de Maria, podem exercer sobre os seus maridos uma autoridade corriqueiramente exercida por eles sobre elas, face

¹³⁶Houseman assim explica a lógica dumontiana acerca do englobamento do contrário no princípio hierárquico:

"(...) les différences de valeur que sous-tend le principe hiérarchique ne sont pas unilatérales mais "bidimensionnelles": la présence d'une relation hiérarchique entre un couple de terme implique d'elle-même son renversement, c'est-à-dire la réalisation d'une disposition à la fois "contraire" à la première et englobée par (et donc subordonnée à) elle". (p.304).

¹³⁷Além de piadas há insinuações feitas entre casados e largadas, como por exemplo, elogios (mútuos) tecidos em relação à beleza física.

¹³⁸Nestes momentos, as largadas escutam as reclamações dos casados em relações aos seus relacionamentos. Assim, elas podem "*dar a eles o que a esposa não dá*" (Maria).

sobretudo à subordinação da mulher no casamento. Dessa forma, se são obrigadas a manter relações sexuais com os seus maridos – como observaram Maria e Dona Olga (72 anos, aposentada, viúva não mulher) referindo-se à época de casadas –, no bar de Maria, a esposa toma a frente e, empunhando um "*porrete*", ordena o retorno imediato do marido para casa. Essa inversão de posições, que por vezes culmina na própria desonra masculina – pois o homem submisso é por vezes visto perante os demais moradores como "*frouxo*"-, verifica-se não no espaço de qualquer bar¹³⁹, mas no bar de Maria, uma largada.

Note-se, portanto, que o bar de Maria, além de ser um espaço de lazer masculino é, no bairro das Flores, também um espaço privilegiado e destinado às disputas acirradas entre as mulheres largadas e casadas. As largadas tentam arrumar um homem que valha a pena e as casadas tentam manter seus maridos fora desse "*ataque*" empreendido pelas largadas (dizeres de Juraci, referindo-se ao comportamento de uma moradora em relação a seu marido). Pode-se dizer que, de um lado, temos as casadas ordenando aos maridos que voltem para casa, espaço onde elas podem ser trancadas e trancá-los, invertendo e reafirmando as posições, respectivamente. De outro, tem-se as largadas, que tão bem transitam nos espaços públicos, sorrindo e seduzindo os homens, sobretudo os casados, que freqüentam o bar de Maria. Nesse referido espaço, as largadas tanto invertem as posições ao englobar as casadas, quanto reafirmam a marginalidade na configuração social ao presenciar o retorno dos homens casados para as suas casas e para as suas esposas.

Finalmente, a partir de todas as considerações acima feitas, sugiro pensarmos sobre uma hipótese que reputo pertinente, qual seja: o bar enquanto espaço de disputa entre casadas (ou solteiras comprometidas) e largadas, para terem, manterem ou dividirem os homens locais, aliado ao fato destes serem equiparados pelas largadas a "*bananas*", podendo ser achados em quaisquer

¹³⁹E, portanto, não se verifica tal acontecimento no bar de Cleide e Danilo.

lugares, evidência de que esses homens são vistos como objetos passíveis de transações. Dito de outra forma, as relações estabelecidas com os homens conferem às mulheres: prestígio, poder, posição e segurança. Assim, se por um lado os homens no bairro das Flores não circulam estabelecendo novas e imprescindíveis alianças, tal como ocorre com as mulheres frente à teoria da reciprocidade (LÉVI-STRAUSS, 1982), por outro, é através da transação (ou relação com os) dos homens, encenada sobretudo no espaço do bar de Maria, que as mulheres se alçam à condição de honradas e aceitas localmente, e, por conseguinte, à condição de subordinação à dominação masculina local. Um espaço onde se joga com estratégias, sejam elas visando a consecução de homens (no caso das largadas), sejam elas visando a manutenção de seus maridos (no caso das casadas). Tal como se observa no caso em que se pleiteia a pensão alimentícia, que ao invés de ser vista apenas como um meio jurídico voltado ao suprimento das necessidades dos filhos, no bairro das Flores é manipulada pelas largadas como uma possível tática de retorno à condição de casadas.

4.3 A PENSÃO ALIMENTÍCIA: UM DIREITO EXIGIDO PARA OS FILHOS?

As leis 6515/1977¹⁴⁰ e 5478/1968¹⁴¹, o Código Civil Brasileiro e o Código de Processo Civil, prevêm que após a separação e/ou divórcio, os cônjuges (ou concubinos), separados judicialmente (ou de fato), deverão arcar com as despesas referentes à educação e manutenção dos filhos havidos em comum¹⁴². Dessa forma, convencionou-se nos julgamentos judiciais que o cônjuge que não detém a guarda dos filhos, deve pagar mensalmente o valor correspondente a 30% – no mínimo – de seu salário ou quaisquer rendimentos comprováveis. Apesar dos citados valores serem passíveis de transação, o direito dos filhos à pensão alimentícia inquestionável e personalíssimo.

Por mais que a mãe e responsável pela guarda dos filhos precise dela e não tenha a mencionada pensão, no bairro das Flores esse direito somente às vezes é exercido. E, mais, como a maioria das mulheres tem filhos com diferentes homens, sabe-se que nem sempre elas exigem de todos os pais e ex-maridos a pensão alimentícia, mesmo que a necessidade dos filhos e a ausência paterna sejam idênticas em cada uma dessas relações. Em outros dizeres, as largadas escolhem um ou outro ex-marido para cobrar judicialmente a referida pensão, ao invés de exigi-la de todos os que são efetivamente devedores. No transcorrer deste item, procurarei demonstrar sob quais parâmetros se dá esta escolha, bem como as razões que motivam as largadas a assim procederem.

Ao longo dos últimos dois anos, Maria (diagrama 03) ao menos uma vez por mês queixa-se de Davi (26 anos, solteiro, biqueiro), por mais que o mercado do bairro entregue as compras de sua filha, Dulce (2 anos), na porta da casa de Maria e

¹⁴⁰Também conhecida como Lei do Divórcio.

¹⁴¹Também conhecida como Lei de Alimentos.

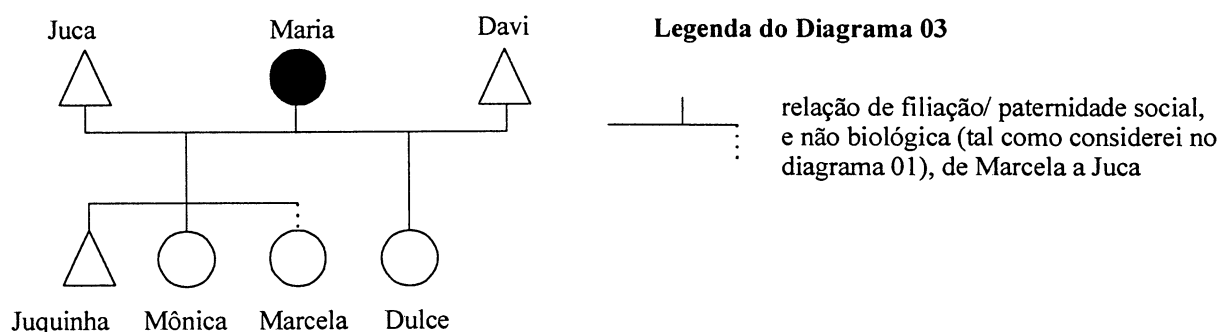
¹⁴²Na constância ou não do casamento.

que a irmã de Davi busque assiduamente a sobrinha para passar o final de semana com o irmão (e pai). Ao fazer essas queixas (GREGORI, 1993), Maria complementa enfurecida: *"o que o Davi está pensando? Eu vou de novo procurar o promotor para reclamar da pensão. Ele diminuiu uma lata de leite, e aumentou o arroz"*.

Somente com as repetições das mesmas cenas e queixas, percebe-se que as reclamações dirigem-se apenas a um dos ex-maridos (casos ou namorados) de Maria.

Ao contrário de Davi, Juca (36 anos, catador de papel, casado) desde que se casou, há quatro anos, nunca visitou seus três filhos (registrados) – Marcela, Mônica e Juquinha – nem tampouco pagou assiduamente pensão alimentícia à qualquer um dos três. Quando questionada sobre a ausência de Juca em relação à manutenção dos filhos, Maria responde dizendo que não pede nada a ele para não ser incomodada mais tarde. Complementa, ainda, com os seguintes dizeres: *"não quero que ele fique me controlando, só porque ajuda as crianças"*.

Diagrama 03: da pensão alimentícia



Retornando às queixas de Maria em relação a Davi, observa-se que as reclamações mensais diminuem todas as vezes em que Davi pessoalmente leva as compras da filha, ou pessoalmente a busca para passar com ele o final de semana.

Onde reside a diferença no tocante a Davi levar as compras pessoalmente ou pedir que terceiros as entreguem? Por que as queixas são direcionadas apenas a Davi, e não a Juca?

A diferença parece estar no contato, havido ou não, entre Maria e Davi. Com a entrega pessoal, além de Maria nutrir as esperanças quanto ao reate da relação, já que Davi é um homem solteiro e "casável", ela mostra à vizinhança que o pai de uma de suas filhas voltou a freqüentar a sua casa.

Portanto, aos olhos das suas vizinhas "*fofoqueiras*", essa permanência momentânea de Davi na sua casa impõe um respeito corriqueiramente desconhecido para as largadas. Por mais que a sua estratégia de reconquistá-lo não surta efeito, tal fato a torna uma mulher não rotulada (ou com marca menos forte) enquanto largada nesses momentos e/ou contextos sociais.

Finalmente, vê-se que, no bairro das Flores, além da pensão alimentícia as largadas também se utilizam das simpatias para se alçar à condição de casadas. Ou simplesmente, para serem reconhecidas enquanto honradas.

4.4 A SIMPATIA E SEDUÇÃO DO SANGUE MENSTRUAL

Héritier (1984; 1985; 1989) ao estudar as representações que norteiam a superioridade masculina sobre o universo feminino no Ocidente, desenvolve análises acerca desta construção a partir da simbologia emanada do próprio corpo humano.

Tanto o sangue menstrual quanto a menopausa são aspectos biológicos inerentes ao corpo feminino, que guardam significações sociais diversas. O primeiro deles, via de regra é valorado negativamente, sendo correlacionado à sujeira, à impureza e à fraqueza, em contraposição ao esperma, sempre vinculado à força da procriação e formação da descendência.¹⁴³ (HÉRITIER, 1984; 1989 e VERDIER, 1979).

Assim, desde os primórdios da história escrita ocidental (HÉRITIER, 1989) depreciou-se a capacidade exclusiva de procriar que as mulheres detêm. Observa Araújo (1997) que nem a maternidade a mulher pôde exercer em paz. "Os médicos homens logo entravam em cena para diminuir o brilho do milagre e do mistério da fecundidade e para dizer à mulher que ela continuaria dependente do saber e do poder masculino". (p.52). O mesmo observou-se com relação à definição de histeria, sempre correlacionada pela medicina e psiquiatria à ausência de controle feminino (HÉRITIER, 1989).

Mesmo a menopausa, que em algumas sociedades proporciona às mulheres acesso a poderes públicos, acaba por reificar a dominação masculina, pois é deixando de apresentar algo exclusivamente feminino – a capacidade reprodutiva - que as mulheres podem se alçar a posições de prestígio e poder, ou seja, posições masculinas. Portanto, essas mulheres nesses contextos sociais deixam de ser vistas enquanto pertencentes ao universo feminino, ingressando no universo masculino.

¹⁴³ Aristóteles afirmava que o mênstruo era a forma inacabada e imperfeita do esperma, única substância na fecundação detentora da cocção ideal ao desenvolvimento fetal (*apud* HÉRITIER, 1989, p.19).

São as matronas que, em determinadas, sociedades detêm algum poder político, ou mesmo são "les femmes à coeur d'homme" (índios Piegan canadenses) que ao invés de terem comportamentos reservados, assumem posturas agressivas e relacionadas à força. Portanto, a menopausa simboliza justamente a perda da fecundidade, aquela capacidade antes enunciada como eminentemente feminina e vinculada à impureza e à sujeira, em certas sociedades ocidentais. Frente à esterilidade e à infecundidade, não há mais a mesma necessidade de se controlar a mulher, pois não se tem o período das "regras"¹⁴⁴. De qualquer forma, ressalto que são tanto as matronas quanto as "femmes à coeur d'homme" (em sua maioria) mulheres que se casaram, não tendo adquirido quaisquer poderes *per si*. (HÉRITIER, 1984).

No bairro das Flores, as mulheres que dominam o conhecimento das "simpatias" (FRAZER, 1982)¹⁴⁵, que utilizam a menstruação como meio de conquista e sedução dos homens, sugerem a possibilidade de olharmos o sangue menstrual por um viés positivado. Proponho que o sangue menstrual seja visto como uma forma de todas as mulheres exercitarem no bairro das Flores os seus poderes, seja em relação às outras mulheres, seja em relação aos homens.

Maria, ao preparar o jantar para um dos seus ex-casos, narra que costumava temperar "bifes" e outras "carnes bovinas" com o seu próprio sangue menstrual. Passados alguns dias, o resultado torna-se visível, pois, o homem que antes estava distante e displicente, agora se colocava como assíduo, carinhoso, e atencioso. Mas, a eficácia da magia depende da ignorância dos homens em relação à sua existência, caso contrário, o encanto é desfeito ou "quebrado".

¹⁴⁴Tanto na língua francesa quanto na portuguesa, o período menstrual é sinônimo de "regras" (HÉRITIER, 1984 e LAROUSSE, 1995).

¹⁴⁵O termo nativo simpatia pode ser entendido como sinônimo (ou correlato) de "magia simpática por contágio", na qual, conforme Frazer (1982, p.34):

"todos os atos sobre um objeto material afetarão igualmente a pessoa com a qual o objeto estava em contato, quer ele constitua parte de seu corpo ou não".

Tal conhecimento restringe-se ao universo feminino e, segundo Maria, advém de receitas a ela passadas por vizinhas casadas, amigas largadas e solteiras, bem como cartomantes.

Além dessa simpatia, há outras que também visam segurar os homens em suas casas, como enterrar no portão ou na porta de casa o nome do seu marido/caso/namorado escrito sete vezes, em um papel "*banhado no mel*". Não podendo, então, ser imputada como uma prática de mulheres desonestas, cuja sexualidade não é controlada. (ARAÚJO, 1997).

Por que a conquista e a manutenção de um homem ao lado de uma mulher, nesse local, dá-se por meio do sangue menstrual? Com base nas análises e representações acerca do bar de Maria, é possível sugerir que a menstruação, enquanto atributo exclusivo do corpo feminino, representa no bairro das Flores uma das maneiras de se expressar o poder das mulheres sobre os homens e o poder das largadas ou casadas, umas contra as outras. Nos dois casos, a menstruação é o veículo condutor e expressivo desse poder que somente pode ser exercido pelas mulheres. Esse poder exclusivamente feminino é corroborado pelo desconhecimento por parte dos homens em relação a essas simpatias. Tanto é assim que, ao tomarem ciência, a eficácia da magia é rompida. Da mesma forma, no bar de Maria, o poder de Juraci sobre o marido se deu pela imponência com que postara o seu corpo, assim como é pela maneira como as largadas se vestem, conversam e se portam corporalmente, que as casadas as rotulam de vagabundas e cadelas no "*cio*".

Em suma, esse poder remete sempre ao corpo feminino e à capacidade de sedução que pode proporcionar. Note-se, também, que, nesse caso, a menstruação enaltece um poder feminino que não está vinculado à reprodução, já que o período menstrual é justamente o momento marcado pela expulsão do óvulo infecundo dos órgãos reprodutores.

O citado poder feminino exercido pelo sangue menstrual contrapõe-se ao exercício do poder masculino na fecundação. Reportando-nos ao capítulo metodológico, mostrei que Rômulo não costuma usar preservativo para manter relações sexuais com qualquer mulher, pois acredita saber quando uma mulher contraiu (ou não)

uma doença sexualmente transmissível. Ao fazer a descrição, aponte que além desta declaração mostrar como o homem no bairro das Flores acredita ter o conhecimento pleno sobre o corpo feminino, a ausência de camisinha pode apontar para a idéia de que a mulher serve como mero receptáculo de esperma (HÉRITIER, 1984; 1985; 1989) na concepção (ou não) de uma criança. Advindo a gravidez, com ela advém também a comprovação de que a força reside nos espermatozóides e não no óvulo.

Portanto, uma vez mais nos deparamos com situações que mostram como as relações hierárquicas entre os moradores do bairro das Flores se conduzem por uma dinâmica própria, capaz de não reforçar as noções de superioridade e dominação como atributos exclusivamente masculinos, e nem, tampouco, como um atributo exclusivamente desempenhado pelas mulheres casadas sobre as largadas, conforme ressaltei no capítulo anterior, ao analisar a relação estabelecida entre a honra e a desonra femininas. Sem esquecer, entretanto, que tais inversões ou deslocamentos entre as diferentes categorias locais, ocorrem contextualmente e momentaneamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a introdução até o último capítulo, procurei mostrar quais são os assuntos considerados mais relevantes para os moradores – homens ou mulheres – do bairro das Flores¹⁴⁶.

Ao observar que a aceitação (ou honra) feminina centra-se no casamento, no recato e na filiação, nota-se, de imediato, não apenas que as mulheres locais se vêem e são vistas, tendo como principal parâmetro o casamento, enquanto "*casadas*", "*solteiras*", "*largadas*" e "*viúvas*", como também observa-se que a mulher honrada, para ser assim reconhecida, depende do vínculo estabelecido com um homem (marido, pai, genro e/ou filho). E, mais: é justamente pela ausência de recato, de vínculo paterno e conjugal, que as largadas são equiparadas, por vezes, a cadelas e/ou vagabundas.

Por outro lado, a honra masculina fundamenta-se na coragem/valentia, virilidade e proteção. Dessa forma, a infidelidade conjugal está para a honra masculina, assim como a infidelidade conjugal está para a desonra feminina, pois as

¹⁴⁶Todos estes assuntos reputados como caros aos moradores locais, foram norteados pelas seguintes questões – enunciadas na própria introdução:

- 1) Como se caracterizam as diferentes formas de ser mulher no bairro das Flores e o trânsito das moradoras entre essas categorias?
- 2) Se o ideal feminino reside no casamento, a honra feminina no bairro das Flores esgota-se apenas nesse pressuposto, conforme pontua Fonseca (2000) em uma de suas pesquisas?
- 3) O reconhecimento ou honra masculina dá-se através de quais quesitos?
- 4) Como se estabelecem as relações entre homens e mulheres e as relações entre as diferentes mulheres no bairro das Flores?
- 5) Essas referidas relações podem ser vistas enquanto estratégias ou jogo de interesses (BOURDIEU, 1996; 2001), reciprocidades hierárquicas (LANNA, 1995) e/ou complementaridades (DUMONT, 1997)?
- 6) Podemos falar em subordinação feminina e dominação masculina no bairro das Flores?
- 7) Em caso afirmativo, como se estabelecem essas relações?

mulheres devem recato e/ou castidade aos seus homens/maridos. Acredito que é essa incompatibilidade entre as constituições das honras masculina e feminina uma das responsáveis pelos conflitos conjugais no bairro das Flores. Apesar dos conflitos e incompatibilidades, é em virtude justamente das constituições contraditórias das honras que a maioria das estratégias relacionais entre as diferentes mulheres, e entre estas e os homens se processa no dia-a-dia. Por detrás dessas estratégias relacionais – homens ou mulheres – deparamo-nos com as seguintes dinâmicas locais: as solteiras buscam um namorado para se casar e continuar honradas; as casadas buscam manter os seus maridos e a sua honra; as largadas desejam diminuir as rejeições, sofridas e sentidas à flor da pele, por meio de um novo casamento; e, finalmente, as viúvas que ainda têm "*fogo*" desejam casar-se novamente e as que não são mais mulheres dedicam-se aos filhos, noras, netos e genros.

Com base no acima exposto, pode-se afirmar que as mulheres locais encontram-se sempre subjugadas aos homens, ou seja, que as mulheres figuram sempre como subordinadas a estes? As largadas gozam sempre de inferioridade perante os homens e mulheres honradas, isto é, carregam na pele o estigma tal como se fosse uma tatuagem?

Quando se fala em estigma, deve-se ter em mente que tais rótulos são sempre contextualizados e relacionais, portanto, por mais que certas mulheres sejam depreciadas, assim o serão momentaneamente. Vê-se, então, que o termo estigma não rima nem com aprisionamento, nem com posições estanques.

Seguindo esse raciocínio, sugiro pensarmos que tanto a dualidade centro "versus" periferia (cidadinos versus interioranos/periféricos) abordada no segundo capítulo, quanto as dualidades das honras e categorias, masculinas e femininas, no bairro das Flores, coadunam-se com a noção situacional de estigma, na medida em que, à luz das concepções de complementaridade (DUMONT, 1997) e reciprocidade hierárquica (LANNA, 1995), quaisquer das honras e das categorias vigentes nesse local, por vezes são reconhecidas como superiores/englobantes, por vezes como inferiores/englobada(o)s.

Talvez não pudesse ser diferente, pois no âmago dos estudos voltados às identidades de gênero, visualiza-se que as construções dos diferentes masculinos e femininos, além de serem eminentemente sociais, e nunca biológicas e/ou determinadas, veiculam-se a constantes reconstruções ou, como diria Butler (1998); a re-significações.

Todavia ao mencionar a existência de inversões momentâneas, seja entre as categorias masculinas e/ou femininas locais, reporto-me às considerações de Geertz (1978) no tocante às brigas de galo em Bali, mais especificamente à inviabilidade de alteração do "status" de qualquer "apostador" em meio às apostas, "pois ele é apenas afirmado ou insultado, e assim mesmo momentaneamente". (p.300).

Portanto, mesmo que as largadas desfrutem de um poder sobre as casadas e que essas últimas desfrutem de uma superioridade frente aos maridos, tais inversões, a meu ver, raramente alteram a condição das mulheres, por exemplo, reconhecidas quotidianamente como largadas. Assim, se por um lado não se pode falar em aprisionamento nas diferentes posições sociais, também não se pode (ou dificilmente se pode) falar em mudança de condição social, não obstante as inversões viabilizarem melhorias de vida temporárias para os moradores do bairro das Flores.

REFERÊNCIAS

- ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. Um bicho de sete cabeças. In: *Um século de favela*. São Paulo: FGV, 1998.
- ARANTES, Antonio Augusto. Pais, padrinhos e o espírito santo: um reestudo do compadrio. In: *Colcha de retalhos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARAUCÁRIA. Coleção história de Araucária. Curitiba, 1987. V.1.
- ARAÚJO, Emanuel, 1997. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: *História das Mulheres no Brasil*. Editora Contexto. São Paulo.
- ÁVILA. Dizem que um homem não deve chorar. In: *Bruno e Marrone Acústico*. Uberlândia, MG, [s.d].
- BALHANA, Altiva. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BOFF, Adriane. O namoro está no ar.... na onda do outro. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.
- BONETTI, Aline. *Entre feministas e mulheristas: uma etnografia sobre promotoras legais populares e novas configurações da participação política feminina popular em Porto Alegre*. Florianópolis, 2000. Dissertação (mestrado) - UFSC.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001a.
- BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une theorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie Kabyle*. Genève, Paris: Libraire DROZ, 1971
- BOURDIEU, Pierre. Habitus, Code et Codification. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Éditions de Minuit, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. 1996. *Razões práticas: sobre uma teoria da ação* Campinas: Papius, 1996.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 1.º sem. ano 10, 2002.
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadernos Pagu*, Campinas, n.11, Unicamp, 1998.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CHEVALIER, Sophie. Intérieurs domestiques urbains en France et en Angleterre. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n.13, junho, 2000.

CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO. Juarez de Oliveira (Org.). São Paulo: Saraiva, 1996.

D'ONOFRIO, Salvatore. L'Atome de Parenté Spirituelle. In: L'Homme, n.118, 1991.

DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Zahar Ed.itores. Rio de Janeiro, 1981.

DA SILVA, José Afonso. Curso de Direito Constitucional Positivo. 10.ed. São Paulo: Malheiros, 1994.

DANTAS e MEDEIROS. Programa de fim de semana. In: Bruno & Marrone Acústico. Uberlândia, MG.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Graal. Rio de Janeiro, 1986.

DE SAINT MARTIN, Monique. "A nobreza em França: a tradição como crença". In: RBCS, n.20, ano 7, 1992.

DOS SANTOS, Bernadette Grossi. O reino da impura sorte: mulheres e homens, garimpeiros em Minas Gerais, 2001. Dissertação (mestrado) - UFSC.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Luiz Fernando. *Da vida nervosa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq., 1986.

DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus*. O sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1997.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, Eunice. A sociedade vista da periferia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.1, v.1, ANPOCS, 1986.

DURKHEIM, Émile. Sociedade como fonte do pensamento lógico. In: DURKHEIM, (Org.); RODRIGUES, José Albertino. São Paulo: Ática, 1988.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: DURKHEIM, (Org.); RODRIGUES, José Albertino. São Paulo: Ática, 1988.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAIZANG, Sylvie. L'alcool, les nerfs, le cerveau et le sang. In: L'Homme, n. 135, juil. sept. 1995.

FAVRET-SAADA, Jeanne; CONTRERAS, Josée. *Corps pour corps: enquête sur la sorcellerie dans le bocage*, 1968.

FELIPE. Amor de Carnaval. In: Bruno e Marrone Acústico. Uberlândia/MG, [s.d.].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FONSECA, Cláudia. A mulher valente: gêneros e narrativas. In: *Revista Horizontes Antropológicos- Gênero*, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1995.

FONSECA, Cláudia. *Cavalo amarrado também pasta*. In: RBCS, n.15, 1991.

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da Universidade RS, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FRAZER, James (Sir), O Ramo Dourado. (Edição resumida por Mary Douglas). São Paulo: Círculo do Livro, 1982

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GODELIER, Maurice, 1980. As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina. In: *Encontros com a civilização brasileira*, Rio de Janeiro, n.26, 1980.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

GOFFMAN, Erving. The interaction order. In: *American Sociological Review*, n.48, p.1-17, 1983.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GROSSI, Miriam Pillar. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo conjugal. In: *Masculino, feminino, plural*. Org.: Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

HARTUNG, Miriam Furtado, 2000. *A comunidade do Sutil: história e etnografia de um grupo negro na área rural do Paraná*. Rio de Janeiro, 2000. Tese (doutorado) Museu Nacional.

HÉRITIER, Françoise. Le Sang du guerrier et le sang des femmes. *Notes anthropologiques sur le rapport des sexes*. Cahiers du Grif, Paris, n.29. Ed. Tiera, 1984.

HÉRITIER, Françoise. Masculin/Féminin. *La pensée de la différence*. Editions Odile Jacob, 1985.

HÉRITIER, Françoise. Masculino/feminino. *Enciclopédia Einaudi*. V. 20, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

HOUSEMAN, Michael, 1984. La relation hiérarchique: idéologie particulière ou modèle général? In: *Différences valeurs hiérarchie*. Textes offerts à Louis Dumont. Paris: Éd. EHESS, 1984.

KERSTEN, Márcia. *A colônia polonesa de tomás coelho. boletim de antropologia*, Curitiba, 1989. V.2.

LANGDON, Ester Jean. A Fixação da Narrativa: do mito para a poética de literatura oral. In: *Horizontes Antropológicos*, ano 5, n.12, dezembro. Porto Alegre, 1999.

LANNA, Marcos. *A dívida divina. Troca e patronagem no nordeste brasileiro*. Campinas: Unicamp, 1995.

LAROUSSE. Grande Enciclopédia Larousse Cultural, São Paulo: Editora Nova Cultura. São Paulo, 1995.

LEACH, Edmund. *Aspectos Antropológicos da Linguagem: categorias animais e insulto verbal*. In: DA MATTA, R. (org). LEACH, Edmund. São Paulo: Ática, 1983.

LEACH, Edmund. Ritualization in man. In: Lessa, W.; Vogt, E. *Reader in Comparative Religion*, N. York: Harper & Row, 1972.

LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da alta birmânia*. São Paulo: Edusp, 1979.

LEÃO, Ermelino de. *Dicionário histórico e geográfico do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1926.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1978.

LÜSCHER, Max. *O teste das cores de Lüscher*. Rio de Janeiro: Renes, 1990.

MACEDO, Márcia dos Santos, 2001. Tecendo o fio e segurando as pontas: mulheres chefes de família em Salvador. In: *Tempos e lugares de gênero*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

MALUF, Weidner Sônia. Corporalidade e desejo. In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 1.º semestre, ano 10, 2002.

MARQUES, Ana Cláudia. *Domínios de Lampião: nomadismo e reciprocidade*. Florianópolis, 1995. Dissertação (mestrado) - UFSC.

MARQUES, Ana Cláudia. Considerações sobre a honra cangaceira. In: *Masculino, feminino, plural*. Org.: Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MELHUS, Marit. Una vergüenza para el honor, una vergüenza para el sufrimiento". In: PALMA, M. (Org). *Simbólica de la feminilidad*. Quito: Abya- Yala, 1990.

- MOURA, Maria Margarida. *Os herdeiros da terra*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- MUNIZ & LEÃO. Dormi na Praça. In: Bruno e Marrone Acústico. Uberlândia, MG. [s.d.].
- PALMEIRA, Moacir. *Voto: racionalidade ou significado?* In: RBCS, n.20, 1992.
- PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- PERROT, Michelle. Entrevista cedida à Revista Horizontes Antropológicos. UFRGS: Porto Alegre, [s.d.].
- PERROT, Michelle. Pouvoir des hommes, puissance des femmes?: L'exemple du XIXe siècle. In: *Les femmes ou les silences de l'histoire*. Flammarion. Paris, 1998.
- PITT-RIVERS, Julian. *Antropologia del honor: o política de los sexos. ensayos de antropologia mediterránea*. Editorial Crítica. Barcelona: Grupo Editorial Grijalbo, 1979.
- REDFIELD, Robert. *A sociedade de folk e a cultura, in: estudos de organização social*. São Paulo: Martins Editora, 1945.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- SCOTT, Joan, 1990. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e realidade*, número especial Mulher e Educação, Porto Alegre, v.15, 1990.
- SILVA, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2000.
- SPERBER, Dan, 1968. *Estruturalismo e antropologia*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- TRIBUNA DO PARANÁ, *Jornal*, 11 de abril, 2002
- TURNER, Victor. *O processo ritual*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- VAINFAS, Ronaldo. *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- VERDIER, Yvonne. *Façons de dire, façons de faire: la laveuse, la couturière, la cuisinière*. Paris: Éditions Gallimard, 1979.
- VERNIER, Bernard. *La gènese sociale des sentiments: ânés et cadets dans l'île grecque de karpathos*. Paris: Éd. De l'École des hautes études en sciences sociales, 1991.
- WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Abranches: paróquia da imigração polonesa*. Curitiba, 1974. Dissertação (mestrado) - UFPR.
- WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Jornal dos Pinheirais*, Araucária, v.2., 1980.

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. O Camponês Polonês no Brasil- raízes medievais da mentalidade emergente. Curitiba, 1974b. Tese (Concurso à docência) - UFPR.

WOORTMANN, Klass. A comida, a família e a construção do gênero feminino. In: dados - *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 29, n.01, 1986.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

ZONABEND, Françoise. Pourquoi nommer? In: *L'Identité*. Org. par Claude Lévi-Strauss. Paris: Presses Universitaires de Frances, 1977.

ZONABEND, Françoise; JOLAS, T; PINGAUD, M e VERDIER, Y. *Une campagne voisine: Minot, un village bourguignon*. Paris: Éd de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

ANEXOS

CAMINHOS DE TROPAS
SEC. XVIII E XIX.

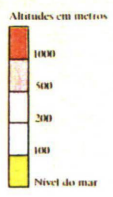
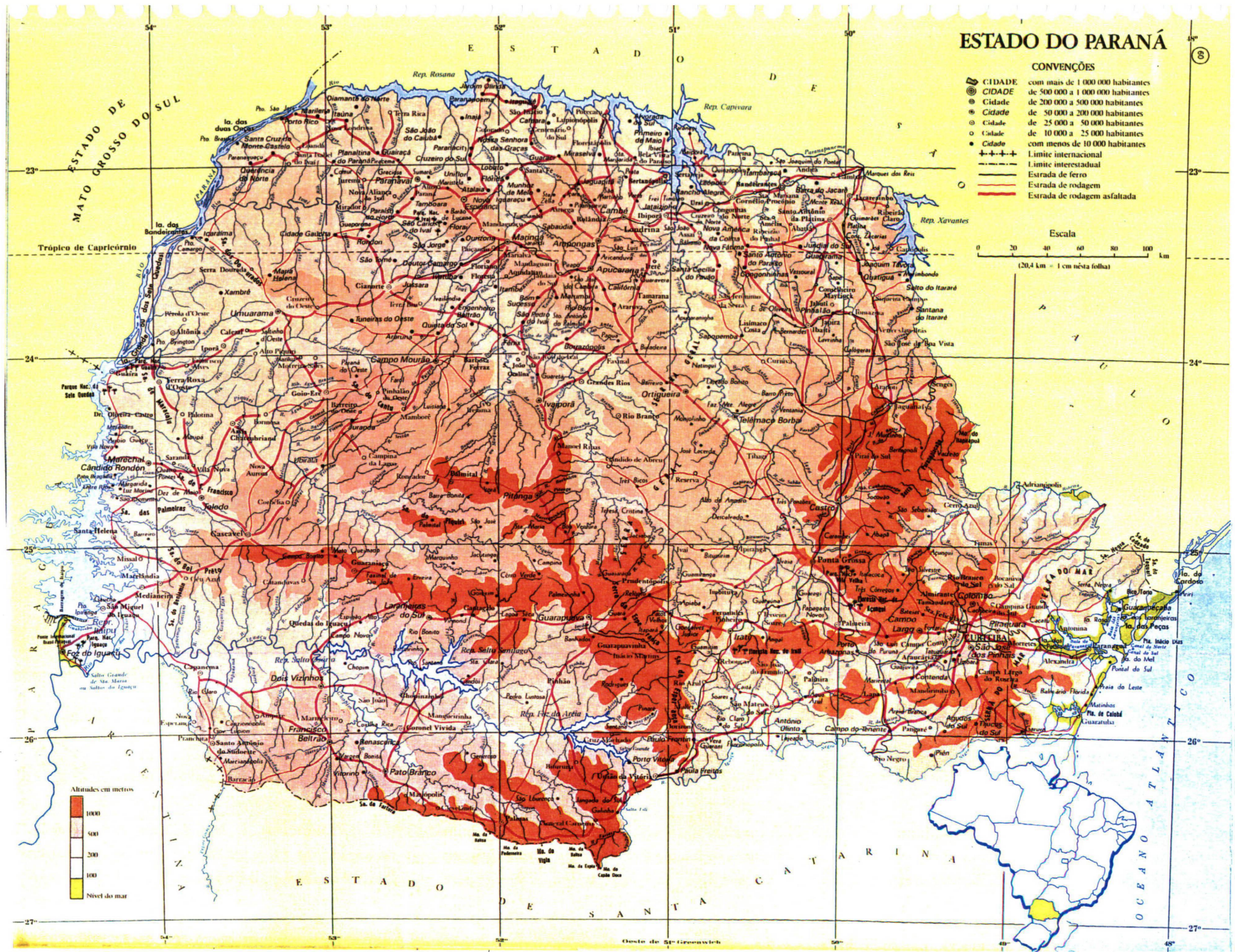
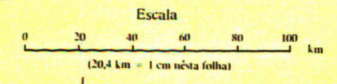


ESTADO DO PARANÁ

8

CONVENÇÕES

- CIDADE com mais de 1 000 000 habitantes
- CIDADE de 500 000 a 1 000 000 habitantes
- CIDADE de 200 000 a 500 000 habitantes
- CIDADE de 50 000 a 200 000 habitantes
- CIDADE de 25 000 a 50 000 habitantes
- CIDADE de 10 000 a 25 000 habitantes
- CIDADE com menos de 10 000 habitantes
- +---+--- Limite internacional
- Limite interestadual
- Estrada de ferro
- Estrada de rodagem
- Estrada de rodagem asfaltada



ANEXOS

ANEXO 1 DECRETO Nº 40

O contra-almirante José Marques Guimarães, Governador do Estado do Paraná;

Atendendo ao que lhe requerem os moradores da Freguesia do Iguassú e localidades vizinhas decreta:

Art. 10 - O povoado da Freguesia do Iguassú é elevado à categoria de vila, com a denominação de "Araucária".

Art. 20 - A Vila de Araucária será sede de um município que terá por divisas: a leste, os rios das Antas, Maurício, Iguassú e Bariguy até a estrada da vila do Rio Negro; ao norte, em rumo do oeste, pelos limites da colônia Tomás Coelho até o rio Verde; a oeste por este rio até o Iguassú, na foz do ribeirão Isabel Alves até sua nascente; d'ahi em procura das dos rio Turvo que corta a estrada da Areia Branca até o rio da Várzea; ao sul por este rio até a foz do das Antas.

Art. 30 - É nomeada uma Intendência Municipal para a Vila de Araucária, composta dos seguintes cidadãos: Presidente - Major Sezino Pereira de Souza; Vice-Presidente - Capitão Veríssimo de Souza Marques; Vogaes - Padre Francisco Soja, Major Joaquim Gonçalves Palhano, Antônio Arlindo Pereira, Francisco Ramiro Assis França e Valter Josslin.

Art. 40 - Ficam revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Paraná, em 11 de fevereiro de 1890.

José Marques Guimarães











ARAUCÁRIA



BAIRRO DAS FLORES

